ANNO XXIV — N.º 8
Rio, 22 de Fevereiro de 1930
PREÇO: 1$000
FON FON

Este afamado producto da CASA BAYER não sómente acalma as dores, como tambem restitue ao organismo o seu estado normal de saude.

A CAFIASPIRINA *é preferida pelos medicos por ser absolutamente inoffensiva.*

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, de dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

Grand - Guignol

De R. Magalhães Junior

O espectador da poltrona *E* n. 25 sahia, invariavelmente, censurando o pouco caso do gerente do theatro, que a um publico de tão fino gosto fornecia banalissimos espectaculos de acrobacia.

Era de um feitio especialissimo, que, embora dissesse cobras e lagartos do programma, no dia seguinte lá estava, a postos, na mesma poltrona, vendo as mesmas proezas, os mesmos malabarismos enfadonhos e enervantes.

Era um *blasé*, cançado de tudo, enfastiado, cheio de *spleen*, e que ia ao theatro todas as noites por falta de outro logar onde se aborrecesse mais, conforme elle proprio dizia.

Na noite em que entrou o duo *Los Aztecas*, a sua furia redobrou. Mal subira o panno, o impertinente espectador lançou um protesto contra o máo gosto dos scenarios e contra a indumentaria dos indigenas que compunham o duo.

— Um descalabro! Virem ao palco vestidos de indios, com cocares de plumas á cabeça!

Os duetistas apresentaram o primeiro numero do programma. A india poz sobre a cabeça uma maçã e o indio, a cinco metros de distancia, partiu-a ao meio, com certeira flechada.

O espectador implicante voltou-se para o vizinho da cadeira *E* n. 27 e exclamou, com indifferença:

— Isso é muito velho!

O outro abriu a bocca, num formidavel bocejo. O vizinho da cadeira *E* n. 27 [illegible]cou:

— Pois eu acho assombroso! O senhor já conhecia este numero?

— Li em Schiller... Guilherme Tell, ha varios seculos, lá na Suissa, rebentou tambem, dessa maneira, uma maçã collocada sobre a cabeça do seu filho... Isso é uma historia muito complicada... Revolução, etc... Muito comprido para que lhe conte tudo...

O outro já não o ouvia. Tinha toda a sua attenção concentrada nos dois artistas. O indio, com um enorme chicote, cortava o caule esguio de delicadas flores que, alguns passos distante, a india conservava entre as mãos. Depois, ella encostou-se a um estrado, abriu os braços e elle, de longe, certeiramente, atirou-lhe em torno do corpo uma porção de agudos punhaes.

A india sorria, calma, tranquilla, olhando para as laminas que se iam encravar no estrado, quasi a lhe roçarem o corpo. Pela platéa correu um arrepio de emoção. O espectador impertinente, porém, apanhou o chapéo e sahiu, achando terrivelmente insipido o espectaculo.

No dia seguinte, o implicante espectador voltou ao theatro. Achou a funcção ainda mais insipida e estupida, porque, antes do trabalho de *Los Aztecas*, um robusto professor de cultura physica, que lembrava um athleta grego, veiu ao palco fazer demonstrações de exercicios gymnasticos.

Esse continuou a ser, durante um mez inteiro, o programma do theatro. Não sei o que se terá passado nos bastidores, mas o caso é que o professor de cultura physica, depois das suas exhibições, sentava-se a uma frisa e de lá olhava para a india e esta, no palco, sorridente, correspondia-lhe ostensivamente ás attenções.

O espectador implicante continuava a ir ao theatro. Na noite em que o cartaz annunciava a despedida de *Los Aztecas*, tambem foi. Viu a scena da maçã e pela trigesima vez se lembrou de Guilherme Tell. Viu depois a scena das flores e, no final deste numero, viu a india atirar uma flor ao professor de cultura physica. Viu ainda o indio, com uma expressão de ferocidade selvagem, arremessar ao peito da companheira um punhal que se tingiu de sangue até o cabo. Outro punhal ia ser endereçado ao athleta, mas um policia, com incrivel rapidez de um herói de films do *Far-West*, rebentou os miolos do indio com uma excellente bala Remington, calibre 36, despedida por uma pistola Browning.

Foi assim que *Los Aztecas* se despediram. Terminada a tragedia, o espectador implicante dirigiu-se ao gerente:

— Até que, afinal, sempre me arranjaram um espectaculo digno de ser visto. Hoje podiam ter cobrado 20$000 pelo ingresso... Valia...

E acrescentou, pelo habito de reclamar:

— Se bem que Shakespeare não tenha escripto essa tragedia assim...

O COMMENTARIO

Os omnibus na Avenida. Quasi diariamente os jornaes se occupam da questão da passagem dos omnibus pela Avenida. A fiscalização de vehiculos acha que elles atravancam o transito e devem partir os de Botafogo e Ipanema da Avenida das Nações, os da Tijuca e adjacencias da praça Mauá. As pessôas sensatas pensam da mesma fórma. Mas a imprensa não está pelos autos e brada que a Avenida não póde ficar sem communicações. De accordo. Entretanto, essa ligação poderá ser feita por uma carreira de pequenos omnibus de 200 réis a passagem, como em outros tempos. E, assim, se desafogaria a grande arteria das fileiras de Mastodontes que a enchem e enfeiam.

O Chamariz do Dentista

De JEAN RAMEAU

AH! clientes preciosos, clientes difficeis, ironicos fantasmas, que fazer para vos attrair? O joven doutor Antonio Malestruc fazia a si mesmo essas perguntas na solidão apavorante dos salões. Elle era dentista. Acaba de se installar num appartamento soberbo da avenida Carnot: quarenta mil francos de aluguel. E nesse appartamento, elle havia posto cerca de cem mil francos de moveis ultra-chics: tudo o que se faz de melhor nos armazens e na capital das Bellas Artes. E nada disso havia servido para coisa alguma. Os clientes falhavam. Não vinham quatro por semana.

Os que se apresentavam, por acaso, ficavam espantados de ver aquelles salões desertos como saharas gelados. E que podiam elles dizer? "Não é nada bom, esse dentista! Aqui não se corre o risco de esperar muito a sua vez".

Os clientes são da raça das abelhas. Gostam de agglomerar-se.

Em casa do doutor Antonio Malestruc não havia agglomerações. Não haveria um meio de attrair os donos de dentes cariados? Ah, sim, era a infancia da arte: collocar armadilhas.

Que faz o caçador esperto para attrair outras aves de passagem? Põe algumas na gaiola e estimula-as ao canto.

Ouvindo esse canto, ellas se approximam e caem na armadilha.

O joven dentista não hesitou: recorreu ao processo do chamariz. Collocou falsos clientes no salão para chamar os verdadeiros. Dirigiu-se, primeiramente, aos amigos e conhecidos: pediu-lhes que viessem á sua casa, á hora da consulta — si nada tivessem que fazer.

Mas elles tinham sempre o que fazer, e poucos foram os que vieram.

Então, elle se dirigiu ás agencias para recrutar pessoal. Encontrou-os por todo preço e levou-os para o consultorio. Elle os vestiu decentemente e os collocou nos salões de espera. Elles ficaram lá muito bem. E supportaram o cacete da espera. E os raros clientes serios tiveram uma opinião melhor do dentista.

— Ha muita gente lá! — diziam.

Entretanto como os chamarizes não eram brilhantes, o doutor teve uma idéa magnifica: por que não lhes dar cabeças de gente illustre e conhecida a esses figurantes?

O dentista poz mãos á obra. Encontrou nas hospedarias gente que se prestava a tudo e que se deixou levar ao barbeiro, ao alfaiate, á modista (havia homens e mulheres entre elles). Dentro em pouco toda essa gente tinha cara de tal homem de Estado, de tal politico, de tal romancista, de tal estrella de "music-hall". E teve um dia o prazer de encontrar um apanhador de pontas de cigarros que parecia como rei da Galiza, o monarcha mais amado pelos parisienses.

Todo o Paris era assim enganado, pouco depois, pelo astucioso dentista.

Mas ah! Um certo jornalista não se deixou enganar. Tendo vindo á casa do doutor Malestruc, para tratar de um dente, notou a contrafacção do rei da Galiza — a quem elle havia entrevistado no seu lindo palacio. E isso mesmo foi o que elle contou aos seus leitores do *Cancan*, o hebdomadario bastante conhecido. Eis em que termos elle se exprimiu, o insolente:

"Parisienses, meus amigos, quereis vêr S. M. o rei da Galiza? Ide arrancar um dente em casa do doutor Antonio M., á avenida Carnot, 49. Lá encontrareis o joven monarcha, esperando a sua vez, em companhia de Joséphine B., S. G., de M. e de outras illustres pessôas, todas muito parecidas. O rei da Galiza, notadamente, é perfeito. Poder-se-ia pedir-lhe o Tosão de ouro.

Desgraçadamente, um dos nossos amigos reconheceu nelle um certo apanhador de pontas de cigarro do boulevard de Montmartre. Agora, elle está no seu throno. Parece que o seu novo métier é interessante e lhe dá cem sous em casa do dentista.... Moralidade: os tempos estão duros para a odontologia".

* * *

Ora, acontece que o verdadeiro rei da Galiza — parisiense até ás unhas, — leu essas linhas no *Cancan*. Ellas não lhe desagradaram. Elle sorriu. Era lisonjeiro, em summa. E teve o desejo de conhecer o dentista, que, desse modo, procurava fazer clientela; quiz vêr de perto esse falso rei da Galiza.

De passagem por Paris, elle foi ter, certa manhã, ao consultorio da avenida Carnot, acompanhado de um official de campo.

Incognito, sôou a campainha, passou ao salão de espera, procurou o seu socia, mas não o achou. Elle viu bem todas as outras personagens imitadas, não viu o rei da Galiza.

Ficou decepcionado. A aventura não fôra interessante.

Ah, o fim havia de ser mais engraçado do que o rei verdadeiro esperava...

O creado de quarto, ao abrir a porta, suppoz ver o antigo apanhador de pontas de cigarros, e foi prevenir o seu patrão...

— Como? exclamou o doutor. Elle voltou? Ah, o animal! Espera um pouco, tratante!

Elle estava revoltado com o figurante real. Pois não fôra elle quem tudo informara ao jornalista!

O doutor saltou para o salão, percebeu o pobre homem, assegurou-se de que os outros tres eram os falsos clientes pagos por elle. E deixou explodir o seu furor:

— Eis-te ahi, tratante! gritou elle. Ousas reapparecer? Vamos! Sae-te dahi! Vamos! Vou-te pagar os teus cem sous. E si tu reclamas...

Mas o creado de quarto voltou apavorado:

— Senhor! Ah, senhor! gritou elle, estrangulado de emoção! Que historia! Será verdade?

— Hein?

— O verdadeiro rei da Galiza! Eil-o ali!

— Que estás dizendo, rapaz?

— Eil-o ali! Ha um official de campo na ante-sala. O verdadeiro rei da Galiza, senhor. E vós ides pôl-o porta á fóra? Oh, Sire! Sire!

E o creado de quarto se ajoelhou.

O dentista levantou os braços como para impedir que o tecto caisse em cima de si.

— Oh! berrou elle, a bocca aberta, os olhos fóra das orbitas, os cabellos eriçados! Por exemplo! Um rei na minha casa. Percebes tu? Eu tinha um rei por cliente!

Elle ia ajoelhar-se e pedir perdão, batendo no peito e beijando os pés do rei. Mas não teve tempo. Elle havia descido a escada a rir tanto como nunca se viu um rei rir, salvo no reino de Pantagruel.

O dentista se ergueu, humilhado.

— Creio que não terei nunca o Tosão de ouro! murmurou elle humildemente.

E elle foi continuar o seu trabalho.

Tarde de Smyrna

ESTA é a ultima parada que fazemos no Oriente, já de regresso.

O lindo jardim do convento onde florescem, na tarde dourada, as rosas do mez de Maria, exhala, com o seu perfume, ingenuo e devoto, toda a doçura da França.

Não é um cercado perdido num canto de provincia meridional, santificado pelo canto dos sinos, a prece das jovens, a presença das religiosas, negras e brancas, como andorinhas do bom Deus?

Entre os pateos tranquillos, as alamedas, não muito largas, estão semeadas de seixos tão limpidos e lindos, que parecem ter caido do bolso do Pequeno Pollegar.

Os geranios sobem, se espalham em altar preparado para S. José e os seus lirios, S. João com o seu cordeiro.

A casa entreabre as suas janellas sobre os confessionarios interiores, que se enchem de um claro silencio e, deante do portão, tres padres de longas barbas, e a superiora das filhas de Sion olham a irmã jardineira, que circula aguando os loureiros nos potes de barro...

E' a França...

Não! O céo, muito azul, não possue as nuances de perola que encanta os nossos lindos crepusculos. Por traz da porta, na rua sonora, passavam viaturas bizarras e pintadas; homens vestidos de roupagem berrantes, trazendo fez ou turbantes. E o ruido que sobe da cidade é feito de lento suspiro do mar, do frisson dos cyprestes, de cem mil vozes gregas, syrias, turcas.

Suppuz encontrar o meu paiz e as imagens da minha infancia. Mas eu me recordo dos episodios da aventurosa viagem, e que vim hontem para o vosso lado, ó Smyrna da Asia!

Cidade das roass, dos figos, dos tapetes sumptuosos, vós guardaes como um lirio nas dobras do vosso vestido, esse pequeno convento francez de'Xossa Senhora do Sion.

Podem accusar-me do mais nefasto clericalismo, e eu direi o encanto da descoberta dessa hospitalidade tão franca, tão cordial, dos meus compatriotas em sotaina e sob cornetas alvas.

O mais feroz socialista ficaria desarmado pela sua bôa graça corajosa e o seu bom humor.

Como o meu sexo e os meus gostos me prohibem as paixões politicas, eu me encontro muito á vontade, entre elles. Tanto mais quanto me ignoravam, ainda agora, e não haviam lido os meus livros, e não hão de ler, certamente.

Vamos visitar as aulas.

As jovens, que se mantêm firmes deante de suas bancas, não baixam os olhos negros,

De MARCELLE TINAYRE

um ar de falsa timidez. São lindas, quasi todas — com os seus rostos redondos, um pouco pallidos, cabellos brilhantes, e de largas pupillas, as pupillas avelludadas dos gregos da Asia, que se vêem nos retratos dos mosaicos do seculo IV.

Aprendem a nossa lingua que se torna quasi sua; a nossa historia, um pouco da nossa litteratura; e a maior que, supponho, se chama Mi... se orgulharia de ter recebido uma carta autographa de Mistral.

Como é tarde, visitaremos mais rapidamente a escola visinha, a dos Paes, que é menos rica, menos elegante, mais povoada que a das damas de Sion...

Aqui, o caracter oriental se accusa nas salas ...licas, de cal, no pateo banhado de sombras, onde pendem cachos de glycinias...

O pae Deshay não tem muito dinheiro. Elle supprime os outros professores, ensinando uma serie de coisas, com uma engenhosidade admiravel. E a sua verve, o seu bom humor, fazem delle o homem mais rico dali, um verdadeiro Cresso, mais feliz do que elle, e mantem em torno de si uma atmosphera de vida bôa e livre.

* * *

... Ao cair da tarde, vou-me embora — levando um loureiro branco, dado pelas irmãs, e um fragmento de capitel de Epheso, com que o pae Deshay me persenteara.

E já as imagens da França empallidecem no meu pensamento. No limiar da Asia, que vou deixar, o meu desejo se volta para a Grecia brilhante.

Tarde de Smyrna, apagae na minha memoria a tarde esplendida e magnifica de Kassim-Pachá.

Aqui, tudo é graça; e sobre Mitylene invisivel no horisonte, o céo se fana, lentamente, como uma rosa.

As mulheres de vestes brancas, tão indolentes que parecem todas amorosas, passeiam sobre o caes luminoso, deante das casas de terraços, dos cafés cheios de musicas italianas. Creanças de pés descalços, vendem flores sem hastes, rosas enfiadas em cestos de junco. Alguns barcos se recortam, negros na prata immovel do golfo; e as montanhas em hemicyclo são violeta pallida...

E quando os primeiros fogos do porto se accendem, — tudo muda. Nuances e valores, o céo mais pallido, a agua mais negra, as montanhas se tornam estranhamente obscuras, mas dum escuro azulado e doce...

Tarde de Smyrna, tão linda entre as outras tardes!

CIVILISAÇÃO

(Illustração de Marcello Roberto.)

Eu estava no porto de Marselha. O fumo das chaminés se espreguiçava na tarde serena. O capitão mostrou seus pés, nos quaes brilhava um calçado novo.

— Comprei uns sapatos para mim...

— Ah! — respondi, distrahidamente.

As velas das embarcações pareciam soleiros de restaurante postos sobre o mar.

O capitão ajuntou:

— Talvez tenha sido uma imprudencia.

— Que?

— O ter eu comprado uns sapatos para mim.

— ...!

— Sim. Foi uma imprudencia. Eu não tenho dinheiro para pagar estas botas... E, no emtanto, prometti pagal-as esta noite. Si você...

— Eu? Que?

— Si você me pagasse as botas... Eu confiava... Contar-lhe-ia uma historia..., uma aventura muito interessante...

— Quanto lhe custaram?

— Vinte francos. São baratissimos...

— Sim. Mas a historia por esse preço me parece excessivamente cara...

— Conto-lhe uma, e lhe faço um vale por outra historia... Revolverei a gaveta de minhas recordações...

Realizou-se a operação, e o capitão contou uma nova aventura:

"O "Roquefor" devia atracar em Chan-Gay no dia seguinte, mas naquella noite desencadeou uma horrivel tempestade.

"Foram inuteis todos os esforços no sentido de endireitar a rota do veleiro, joguete dos ventos e das ondas. Amanhecia, quando dois marinheiros e eu, salvos em uma balsa, chegavamos até uma praia inhospita, fechada por um bosque de coqueiros.

"A Africa, negra, mysteriosa, equatorial, se abriu deante de nós como um leque.

"Confesso que não senti medo quando ouvi ao longe rugidos de leão faminto. Nem quando alguma cousa sinuosa e longa se arrastava por entre o matto. Nem siquer quando os vampiros voavam em torno de minha cabeça, zumbindo, e eu tinha que espantál-os.

"Não senti medo durante aquelles tres dias intermináveis, angustiantes e seccos sob o sol e humidos e imquietantes na noite. Mas, quando uma flexa passou assobiando perto de meu nariz e se foi cravar no tronco de uma arvore...

"Comprehendi que eram uns selvagens da tribu mais proxima os que de tal modo nos aggrediam. Comprehendi tambem que aquella flexa devia estar envenenada. A nossa situação era terrivel.

"Os setenta negros que, inopinada e tumultuosamente, nos cercaram, ao grito de Sabanqui!, nos amarraram e nos conduziram pelo bosque.

"O que parecia o chefe, pelo collar de ossos coloridos que trazia, caminhava a meu lado, mas encerrado no mais desolador mutismo toda vez que eu o inquiria

sobre o ponto de nosso destino e a sorte que nos esperava.

"Mas tambem calculei que esta não devia ser muito agradavel para mim, uma vez que o chefe do pelotão me tentava frequentemente os braços com mal dissimulado deleite.

"Afinal, se divisou na nevoa do entardecer uma aldeia de choças de palha. O chefe do collar de ossos mostrou-me um letreiro que dizia assim:

"*Esta é a tribu dos patomis. Tomae a direita.*"

"Nossa chegada á aldeia não causou nos selvagens grande sensação, contra o que eu esperava. Alguns transeuntes voltavam a cabeça mas a maior parte não nos ligava importancia. Em Oubangui-Bara, capital da feroz tribu dos patomis, estavam já acostumados a receber forasteiros de nossa indole. Parece que a caça de europeus é uma das principaes industrias do paiz.

"O resto, como sempre estivemos na choça do primeiro ministro, que nos examinou detidamente, e depois tivemos a honra de ser igualmente examinados por S. M. Bakotou, soberano da tribu.

"Emquanto o ministerio deliberava, passamos a noite encerrados em uma choça e sob a guarda de um negro respeitavel.

"Neste ponto devo desmentir todas as anteriores narrativas desta natureza, em que os prisioneiros conseguem escapar, subornando o seu guarda, ou matando-o, ou ainda dizendo-se filhos do Céo, ou pondo fogo na aldeia.

"Ninguem póde escapar quando está prisioneiro das tribus selvagens. Eu pude verifical-o. Quem disser o contrario quer apenas attrahir importancia para sua pessoa. Mas posso assegurar que tentei pôr em pratica todos esses recursos de novella de aventuras.

"O guarda se oppoz ao suborno. Oppoz-se seriamente a que nós o matassemos pelas costas, apesar dos numeros precedentes, em que as sentinellas se distrahem e cahem mortas.

"Não quiz prescindir, pelo que dirão, do recurso de declarar-me enviado do Céo, mas tal estratagema não deu o resultado que eu esperava.

"Quanto á tentativa de pôr fogo á aldeia, foi inteiramente impossivel. Quando acendiamos uma vela, a sentinella nol-a apagava de um sôpro.

"Assim, passei uma noite angustiosissima, ansiando um descuido que pudesse aproveitar para a fuga.

"Surprehendeu-me o amanhecer sem tel-o conseguido. Como é triste o amanhecer do condemnado á morte!

"O proprio Bakotou nos communicou a fatal sentença:

"— Estrangeiros: é meu designio que esta tarde sejaes assados vivos e depois sirvaes de menú para um jantar intimo commemorativo do setimo anniversario de minha elevação ao throno...

"Protestei furiosamente:

"— Ides comer-nos? Sois uns selvagens!

"Minhas palavras produziram uma alegria extraordinaria.

"— Já o sabemos. Já o sabemos! — disseram todos os presentes.

"Continuei, um pouco incommodado por aquella alegria:

"— Parece-nos bem ser selvagens? Parece-nos bem comer carne humana? Já sei que obedeceis a vossos naturaes instinctos e que sois felizes em vosso atrazo e em vosso cannibalismo. Mas não se trata de vós agora: trata-se da Humanidade... Sim, senhores. Emquanto a humanidade, em suas rapidas e multiplas evoluções, caminha para um progresso effectivo; emquanto os sabios povôam os laboratorios e os operarios as fabricas para produzir os meios que hão de ajudar-nos efficazmente na vida do homem civilizado, é vergonhoso que vós continueis sendo selvagens!

"Todos, silenciosos, ouviam. Um rapaz negro se adeantou para mim e, a um signal do primeiro ministro, me deu um copo de agua com assucar.

"— Estamos no seculo XX, meus senhores — prosegui. — Não se trata de uma data qualquer. Trata-se do seculo da electricidade, do telephone, do phonographo, da radiotelephonia, do aeroplano, do submarino dos sôros... Descobrimos os segredos dos abysmos do mar, escalámos os ares, triumphámos sobre os germens nocivos, communicámos nossas idéas com a velocidade do pensamento... Ha lojas de gravatas, e cafés, e jornaes, e cinemas, e bondes, e sociedades sportivas... Tudo avança... E vós, que fareis? Ah! Continuaes vestindo folhas e comendo carne crúa. Parece-vos bem?

"Não quiz proseguir, uma vez que notei no auditorio signaes inequivocos de angustia. Muitos estavam quasi chorando. O soberano, visivelmente emocionado, se levantou e disse:

"— Esse homem tem razão. E' preciso que nos civilizemos. Estamos ficando muito mal deante da humanidade.

"Todos applaudiram e deram vivas ao seculo XX, a Marconi e ao rei do *charleston*.

"— E tu, capitão, ficas em liberdade. Volta a teu paiz e communica á Sociedade das Nações que estamos dispostos a civilizar-nos. Agora te vou pedir um favor. A voz de meus maiores, que me accusa de abjurar de meus costumes, me pede uma compensação... Trata-se do jantar desta noite... Si me deixasses teus dois marinheiros... Eu te prometto que serão os ultimos que como...

"Cedi. Afinal de contas, alguma cousa havia de fazer por aquelle excellente Bakotou..."

MATUTO DE CUIABÁ (Capital) — Aqui vae a sua aggressiva lição:

"Saibam todos... — inclusive o autor dessa secção, que *uma* telephonema é burrice imperdoavel! No meu tempo de menino, quem a proferisse ou escrevesse, mereceria 6 bolos de pé atrás.

E dizer que estamos no Rio de Janeiro, em plena capital do Brasil, lendo dispauterios desse jaez, escriptos por famosos jornalistas!

Todas as palavras terminadas em *ema*, de origem grega, dizem os grammaticos, são do genero *masculino*; como *problema*, *systema*, *lemma* etc.

Telephonema não escapa á regra, é do genero masculino. Agora se quizer cousa parecida, egual, no *feminino* diga então: — *Uma telephonada*, que é bom portuguez. Nada cobro pela lição.

Matuto de Cuiabá."

Resposta: — Quá, quá, quá, quá! Estou rindo do sr. que perdeu o seu tempo e latim com a sua lição, na esperança de que ella me aproveitasse em alguma coisa. Nada, matuto velho! Quem vae aproveital-a é o revisor que deixa passar cada lapso nesta secção que é mesmo de enlouquecer. Mas ahi está, matuto de Cuiabá, dou-lhe um doce si o sr. remediar esse mal: a má revisão, os descuidos do revisor, a sua indefcuidos do revisor, a sua indifferença pelo que escrevemos.

Sei que o nosso homem, encarregado de revisionar as nossas paginas, está lendo minha tirada e a sua arremettida insolita, digna mesmo de um matuto chucro, rude. Mas, certamente, elle porá a mão na consciencia, e dirá: "Coitado do Yves! Escreve certo e paga, como o hollandez, o mal que não fez"...

Mas, vamos e venhamos, matuto, acha mesmo o sr. que eu escrevesse "uma telephonema"? ou que, lidando com essas pequenas coisas, diariamente, ainda não tivesse aprendido aquillo que o sr. me vem ensinar, extemporaneamente? Bem se vê o calibre da sua intelligencia! Um homem que se apega a ninharias, para destruir o trabalho constructivo de outro, é uma creatura digna de lastima. Para o sr. — oh! mentalidade! — o *Moysés*, de Miguel Angelo — aquelle marmore "vivo" da capella Sixtina — não é uma obra de arte. Não é porque — talvez o ignore — o seu autor, enthusiasmado com a perfeição da sua obra que só faltava falar, vibrou-lhe o camartello e gritou: "Parla!"

Depois, passada a sua exaltação, verificou que o marmore não falara, mas perdera uma pequena parcella.

Pelo geito, o sr. não vê a obra em si, vê os seus pequeninos defeitos! Só mesmo de um matuto de Cuiabá...

ALVARO RODRIGUES (Capital) — Tenho muito prazer em vel-o de volta a esta secção. Ella é acolhedora e está sempre ao dispor de velhos amigos.

Li a sua *Adversidade*. Não está mal realisada. O sr. é um logicista seguro de si. E' um philosopho, si assim prefere. Escreve com facilidade e clareza. Mas o genero de sua collaboração não nos interessa: é pezado. O *Fon-Fon* deseja collaboração leve, frivola, de caracter mundano e essencialmente litterario. Philosophias? Para que nos aprofundar no oceano das coisas?

Mande outra coisa.

Futilidade. Literatura frivola. Lyrismo.

A sua poesia é mediocre. O sr. é um bom prosador. Para que attrair para si o ridiculo do verso mau? Não se pode fazer duas coisas, a um tempo, com perfeição.

Ingres foi o notavel pintor que no seculo XVIII todo o Paris admirou com respeito. Mas no dia em que se metteu a tocar violino cahiu immediatamente no ridiculo. E' que elle tocava infamemente o instrumento de Paganini. Dahi o proverbio francez, que indica — fazer mal uma coisa... com perfeição: "Jouer le violon d'Ingres"...

CHINESE (Capital) — O seu soneto "Chá das cinco" será publicado na secção "Vida Alegre", da "Selecta", desta Empreza, e sob a direcção do meu collega *Lis*. Elle é mais humoristico do que lyrico. E lá, na "Vida alegre" é que é o logar dos humoristas.

Serve? Si não serve seja franco...

MAPI (E. do Rio) — A carta que o sr. me dirige é um documento que vem provar o interesse, que tem em conhecer a sua graphologia. Eis o que me escreve:

Illmo. Sr. Yves. Saudações. Ha muito tempo aspiro obter um exame da minha letra, mas francamente, tem me faltado coragem para apoquentar algum amador de graphologia, porque comprehendo o grande trabalho que se deve ter afim de estudar qualquer graphia mesmo por alto.

Entretanto, a franqueza com que o senhor attende seus consulentes d'esta secção, animou-me a appellar para a sua bôa vontade.

Contento-me com pouco: um exame ligeiro; resposta com poucas palavras.

E termino pedindo ao Omnipotente que reduza, o mais possivel, o numero dos seus consulentes de graphologia, acreditando que dou, com isso, uma demonstração cabal da minha prévia gratidão...

Admirador,

Pseudonymo, por obsequio: *Mapi*."

Muito bem. Vou fazer a sua vontade.

A sua graphia está filiada ao grupo das *harmonicas*, que denotam superioridade de espirito.

Logo, começa bem.

O sr. é um cavalheiro combativo, autoritario violento, tenaz, perseverante, etc. E' quasi grosseira. E' um homem destinado a commando. Creador, sabe ordenar, dirigir, mas não executa bem. Superioridade, já se vê. Pratico, muito pouco inclinado á fantasia, gosta de ver as coisas resolvidas em dois tempos. E' altivo, orgulhoso de si, dos seus dotes — mas sob uma apparencia de simplicidade. Muito emotivo, é capaz de sentimentalismos exaggerados. Mas triumpha em todos os casos, porque é forte e autoritario. E franco, materialmente falando. Não é um homem agarrado ao dinheiro. Apezar de ser pouco fantasista, é um homem de muito bom gosto. E' um tanto desconfiado: por isso está sempre collocado em guarda, em attitude de defesa.

E' o que se nota na sua assignatura, caso ella não seja falsa — um pouco glutão, tem bom appetite. Appetite de natureza material, entenda-se bem... Prazeres do estomago e... Ah, é verdade, o sr. deve ser um tanto amigo do methodo no que se refere a certas coisas. Racionalista, por excellente, revela muito equilibrio nas suas idéas. Deve ser amigo dos numeros. A sua saude é facil de ser compromettida. Talvez esteja a caminho de alguma deficiencia cardiaca. Ou estarei enganado? A graphologia é terrivel. Ella tudo descobre.

HEBE (E. do Rio) — E' muito difficil fazer o estudo physiognomonico de uma pessôa. Isto é, o estudo do caracter, atravez dos detalhes physicos.

Em todo caso, fiz o de *Mlle. C.*, tendo sacrificado de *Mlle. L.* por não ter vindo separado.

Por que tanta economia?

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

Aqui vão os traços que me enviou, correspondentes á *Mlle. C.*:

"Mlle. C.... Cabellos — Pretos, ondulados, sedosos. Testa — Estreita, lisa. Palpebras — Arredondadas. Pestanas — Pretas, curvas, grandes. Cilios — Espessos. Sobrancelhas — Pretas, longas, espessas. Olhos — Pretos, vivos, olhar fixamente. Nariz — Recto, um tanto arrebitado, narinas pouco dilatada. Bocca — Um tanto grande. Labios — Grossos, rosados; o inferior mais grosso que o superior; um tanto entreaberta. Sorriso — Habitual, franco. Dentes — Largos, claros, brilhantes. Voz — Cantante, não muito apressada, timbre agradavel. Nuca — Arredondada, pequena. Orelhas — Regulares, pallidas, bem conformadas. Riso — Constante, jovial. Queixo — Arredondado, com ligeira reentrancia.

Expressão geral de vivacidade de alegria."

Segundo a physiognomonia, V. Ex. é uma creatura sensivel, bondosa, embora seja inclinada a colera facil, explosiva e, ás vezes, dura, inabalavel, nos seus caprichos. O seu raciocinio é claro, os seus sentimentos são bons, na generalidade e é mais amiga da verdade do que da mentira. E' um tanto realista, material e facilmente sente o seu instincto despertar aos prazeres physicos. E' alegre, um tanto indolente e até certo ponto simples. E' sovina de mais. Talvez esse seja o seu maior defeito.

O estudo de *Mlle H.* fica para breve. Esse trabalho mais penoso do que o da graphologia que, afinal, não é nada agradavel.

Como V. Ex. nada me vae pagar por isso, peço-lhe que tenha a fineza de, ao menos responder si acertei em alguma coisa. As bôas naturalmente, pois V. Ex. não irá concordar com as más.

RIAN (Capital) — Não posso fazer o estudo de sua graphia.

NEMO (S. Paulo) — Ah, sr. Nemo! Pelo bem que o sr. quer á sua apaixonada! me deixe em paz ao menos algumas semanas! O sr. é avassalante! E' calamitoso! E' um verdadeiro polvo da fauna poética do mar das tolices! Uff! Eu grito! Peço soccorro! Chamo a policia! Si o sr. não tem pena de mim, ao menos oito dias, eu requeiro "habeas-corpus" para fazer esta secção descançado. Todas as coisas tem o seu limite. Isto desde os latinos.

Tudo no sr. é caudaloso. A sua carta é longa, longa, estafante, infantil, caceteadora! E' escusa-lo dizer que a não li. O tempo não dá para tanto.

Mas li os seus versos — ou que nome tenham.

Veja só que chulice:

AGUA DA CHUVA

Agua da chuva,
Agua da chuva
Que vens correndo,
Errante, vagabunda...

Agua da chuva
Agua da chuva
o destino teu
E' igual o da gente.
Tu vens correndo
Atôa, pelas ruas,
A gente vem soffrendo
Atôa, pelo mundo.

Porem, :
Passada a chuva,
Tu deixas de correr.
Passada a vida
A gente de soffrer.

Nemo.

Diz o sr. que só tem quinze annos... Pois então ainda é tempo de estudar e escrever bobagens de alumno de grupo escolar.

Eu grito por soccorro, seu Nemo!

PAULO GOULART (Capital) — Perfeitamente. Os seus versos serão publicados na primeira opportunidade.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e lógica.

Graphologia. — *Condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2º — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone

2-4136

FON-FON — 22-2-930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

PAULO SANTIAGO (Minas) — Tenha paciencia: por ora o sr. ainda faz uns versos deploraveis. Vá escrevendo. Daqui a algum tempo poderá produzir muita coisa aproveitavel.

AMERICO OLIVEIRA (Pernambuco) — Os seus lindos poemetos vão ser publicados. Paciencia.

APRACES (Minas) — Não posso fazer o exame da sua graphia.

J. LOUREIRO JUNIOR (São Paulo) — Ora, meu caro confrade! Não era preciso enviar-me documentos comprobatorios de que o sr. não é o mediocre Loureiro de Ribeirão Preto, que me endereçou um conto mal escripto, numa carta a pagar (sem sello). Vê-se que o sr. é outro espirito. O sr. é um literato que escreve nos bons jornaes e revistas de S. Paulo; e o outro Loureiro, de Ribeirão Preto, é um homem pobre de espirito.

Em todo caso, aqui vae a sua rectificação:

Yves. Incontestavelmente o meu nome anda sujeito a uma influencia misteriosa de uma sina má, pois varias vezes, lamentavelmente, elle surge, para ser ridicularisado impiedosamente.

Desta vez surgiu elle nas columnas do "FON-FON", de 1-2-30, nas paginas que Yves empresta o fulgor de sua intelligencia, vindo á tona desta *correspondencia*, caricatamente revelado.

Sim Yves, lá vem um José Loureiro Junior, de Ribeirão Preto, causticado pela imprudencia de lhe enviar um conto, que seguiu em via directa para a cesta dos seus papeis inuteis, por ser uma "obra prima, de literatura" e vir ainda por ironia provocar-lhe um desembolso de uma multa postal.

Francamente, nestes Brasis immensos, hão de existir muitos "Josés Loureiros Juniors", que até agora só me tem provocado o contra-tempo de estar a toda a hora a pedir rectificações de tolices, como neste momento sou obrigado a pedir ao Yves, de que este José Loureiro Junior de sua critica não se refere ao signatario desta que commumente assigna J. Loureiro Junior e que muito embora não se envaideça de sua eloquencia literaria, ainda produz: Esphinges, Meu grande Amor, Noite de Outomno, Queridinha, etc, prosas estas que se não são peças de fulgurante estylo, ainda recebem agasalhos, sem as envergonhar as columnas de alguns jornaes de São Paulo.

Pedindo a devolução dos dois comprovantes annexos, fica agradecido pela rectificação do meu sosia. J. Loureiro Junior".

VIOLETA (?) — Não sou graphologo.

ORIENTAL

O DENTIFRICIO IDEAL

A VENDA EM TODAS AS CASAS E NAS PERFUMARIAS LOPES

RIO — S. PAULO

QUALQUER QUE SEJA A IDADE OU SEXO

Attesto que tenho empregado na minha clinica civil e hospitalar o

Elixir de Nogueira

Preparado de invenção do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira, obtendo sempre maravilhosos resultados em todos os casos em que seja preciso regenerar o sangue, qualquer que seja a idade ou sexo. Por suas excellentes qualidades tornei-me um dos seus maiores propagandistas.

Therezina, 5 de Março de 1914.

Dr. Bonifacio F. de Carvalho.

Director da «Saúde Publica» do Estado e do hospital da Santa Casa de Misericordia.

O NATAL DO BOM

VÔVÔ

DE HENRI DORIS

NESTA linda noite de Natal, o sr. Manessier commette loucuras de toda sorte: adquiriu uma acha de lenha, uns *patriotas* da Civette e até cinco centilitros de cognac. Não uma simples mistura de fantasia: puro cognac estrellado, da adega do sr. ministro da Agricultura.

Loucuras, digo eu, para um antigo professor de latim, aposentado antes da guerra.

E, bem installado na sua poltrona, deante do fogo flammejante, o "robe de chambre" cruzado sobre os joelhos, fumando o seu cigarro e bebendo o seu "grog" lentamente, elle sonha e escuta...

Que, então?

Oh, não é o som nasalado de um gramophone, nem os appellos do telegrapho sem fio. Não, esse velho, de barba branca, escuta com enternecimento a canção crystallina esfarinhada pelo cylindro de uma caixa de musica.

Esta poderia custar alguns mil réis; elle, porém, não a venderia por todo o ouro do mundo.

E' o primeiro brinquedo de Genoveva e Mauricio, os dois lindos filhos que a sua mulher Clotilde lhe havia dado. Dois cherubins!

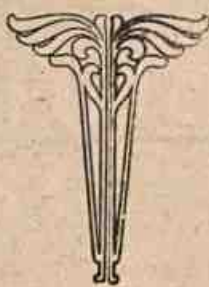
Através as brumas do passado, elle revia as suas cabeças louras e os seus olhos azues, em extase, deante daquelle instrumento magico, caido do céo, uma bella manhã de Natal, nos seus pequenos sapatos.

* * *

Clotilde e elle se dedicaram de corpo e alma á educação dos dois filhos. Para educal-os, ao tempo em que o legislador não havia ainda codificado a arte de viver á custa dos outros, foi preciso trabalhar duplamente, economizar, passar privações, realizar, diariamente, prodigios de malabarismo domestico.

Comtudo, á força de abnegação, a grande obra da familia terminou em belleza.

Por fim, havia florido o bouquet do casamento de Genoveva, enlaçado com o primeiro galão de Mauricio, saido de Saint-Cyr, com sua promoção. Os horizontes do futuro se abriam altos e claros, deante delles.

No emtanto, uma nuvem veio toldar esses horizontes: Genoveva foi obrigada a deixar o seu paiz, em companhia do esposo, encarregado de classificar terras mineiras na Australia. E depois a tempestade se desencadeou. O toque de rebate da guerra perturbou a serenidade do céo da França.

Mauricio partiu. Ia radiante de fé e enthusiasmos juvenis. Elles o acompanharam até á gare do Este, estoicamente, sem uma lagrima; mas uma vez de volta á casa, silenciosos, elles se abraçaram, sacudidos de violentos soluços.

* * *

Durante dois annos, elles viveram tremendo, lado a lado, escondendo, mutuamente, a sua agonia.

Um dia de primavera, a horrivel noticia caiu sobre elles: Mauricio, o seu filho, a carne da sua carne, a esperança da sua raça, fôra tragado pela carnificina de Verdun, perdido na multidão dos mortos!

A mamã tombou fulminada! Elle permaneceu sosinho no seu lar.

* * *

Agora, Genoveva soffre tambem, a sua parte de dor. O seu marido, atacado de febres palustres, morreu na Australia, e deixou-a numa situação afflictiva, com um filhinho, a quem ella deu o nome de Mauricio, em homenagem ao irmão soldado, morto em Verdun.

As suas cartas trazem, todo mez, detalhes horripilantes. Forçada a dar lições de francez, ella ganha a vida com difficuldade e procura, desse modo, reunir a importancia da sua passagem de volta á França.

Ha já seis semanas que ella não escreve. Que será feito della?

Ao passo que elle... E aquelle fogo alentador... o seu cigarro... o seu grog... Não, elle sente remorsos. A's penas do seu coração se junta o peso dos cuidados com o dinheiro. O seu ordenado vae todo para as mãos dos negociantes e dos seus credores. Elle nem sequer poderia soccorrer a sua pobre filha. Os seus traços physionomicos se alteram. As suas lagrimas rolam pelas faces, caindo pelas barbas brancas.

E' ahi que vão finalizar quarenta annos de labor incessante, de sacrificio e de amor!

Ah! Clotilde! Clotilde!

Sim, vôvô, supplicae ao querido fantasma! E' a bella noite dos milagres!

Escutae... A campainha vibra na ante-sala... Os dedos fazem toc, toc, contra a vossa porta... uma voz vos chama... Não ouvis? Ah! sim... Emfim, vós vos sobresaltaes... deixaes o vosso cigarro apagado, ides abrir e, sobre o limiar, recebeis, em plena face, beijos de suave ternura.

* * *

— Papaesinho Papae! Sou eu que Noel traz aos teus braços, para sempre!

E não é tudo, vôvô: á sombra da vossa Genoveva ha um garotinho que se esconde, com medo. Mas quando a sua mãe lhe disse: "Mauricio! é o vôvô, este aqui", elle se atirou ao pescoço do velho sr. Manessier...

E vós acariciaes os seus cabellos de ouro? Sim, caro sr. Manessier. Elle é vosso neto...

— Mauricio, caro Mauricio! Como elle parece com o tio!

A creança vos segue até ao vosso gabinete de trabalho. E, avistando a caixa de musica, vos pergunta:

— Vôvô, é esse o brinquedo de que tanto mamã me falava?

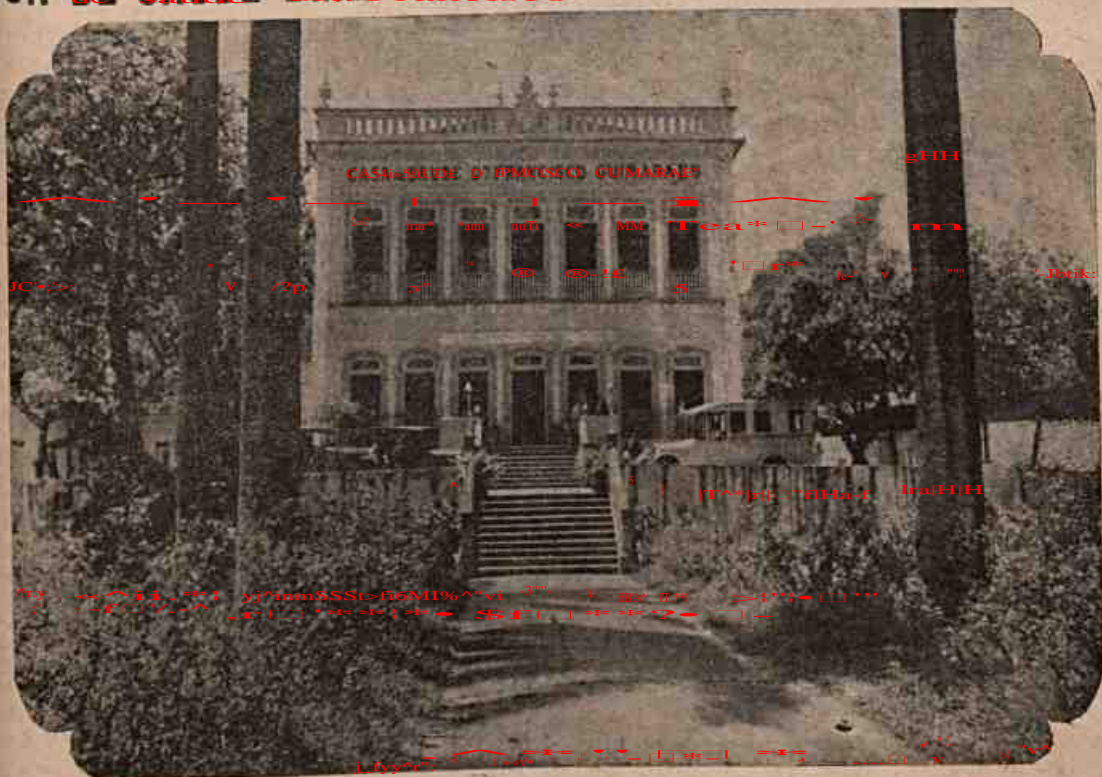
Vós fazeis gyrar a manivella e, como outr'ora, a musica se esfarinha n'uma linda canção crystallina.

Vós sorrides? Emfim, sorrides, caro vôvô!

— Vinde, meus filhos, fiquemos aqui em torno ao fogão. Tu, Genoveva, senta na poltrona; tu, Mauricio, pega aquelle tamborête.

Reparae: o fogo está prestes a se apagar. Ide agora reaccendel-o, alimental-o...

A ESCALA MUSICAL

GEORGES DE LYS

DIRECTOR de côro da cathedral, professor em um grande pensionato religioso, Honorio Verdelin não hesitara em casar com Denise Larive, orphã, como elle e sem fortuna, mas em quem havia reconhecido qualidades excellentes da mulher amante e da mãe futura.

No primeiro anno do seu casamento, um berço se veio juntar á intimidade do lar.

Um filho!

A falta de parentesco, decidiu o pae lhe dar o nome do santo do dia em que elle nascera. E, assim, o recem-nascido foi baptisado com o nome de Domingos.

No anno seguinte, veio um novo rapaz.

Bôas!

As lições davam bem e Honorio acabava de publicar algumas melodias que augmentaram a sua renda. Quando chegou a vez de se tratar do nome do segundo filho, elle declarou á Denise.

— Notaste que a primeira syllaba do nome do nosso primogenito é tambem a primeira da gamma? Para continuar e ir mais depressa, que dizes de Re-my para esse que nos nasceu? Com elles dois teriamos já as tres primeiras notas.

E Remy foi adoptado.

Dezoito mezes mais tarde fiel ao preceito: "Crescite et multiplicamini", Denise punha no mundo um terceiro filho.

Desta vez, Honorio ficou perplexo. Si bem que o segundo tivesse tomado para si só a segunda e terceira notas da escala musical, elle constatava que o recem-nascido viera ao mundo no dia 29 de setembro, dia de São Miguel...

Poderia elle deixar de lhe dar o patrocinio do grande archanjo ao bébé? Não! Tanto peor para o redobramento de notas: elle chamar-se-ia Michel.

E o lar, com mais esse garôto, continuava a sua vida feliz e laboriosa.

Honorio acabava de compor um oratorio com o qual esperava a celebridade e proveitos monetarios estupendos. A benção promettida não faltaria á sua fé paterna.

Uma filha veio, por seu turno. Sem hesitar, elle lhe deu o nome de Fabiana.

O oratorio foi executado na Schola Cantorum; a sua interpretação foi feliz; e esse facto auxiliou a venda das producções musicaes de Verdelin. O arcebispo, a titulo de encorajamento ao seu director de côro, havia notavelmente augmentado o seu ordenado.

Assim, um quinto filho chegou, e foi muito bem acolhido. Ainda uma filha, aliás. Ah, essa agora seria posta sob a protecção da grande santa da diocése Solange, a santa do Berry. Porque a cathedral que possuia como director de côro o maestro Honorio Verdelin era a de Bourges.

Do, ré, mi, fa, sol...

Desta vez, a escala pareceu interrompida.

Tres annos decorreram, trazendo á mulher um repouso de que ella tinha necessidade. Si bem que ao fim desse tempo, um novo rapaz viesse enriquecer o seu lar.

Honorio foi obrigado a estudar o calendario para descobrir o nome fatidico que começasse pela sexta nota. Emfim, elle encontrou Lazaro.

— Mais um filho, e teremos completado a escala. Palavra! Espero agora, dizia á esposa, a tua acção. Sete filhos, é já uma bella cifra. Deus nos cumulou e nos auxiliou. Nada lhe pedirei além disso.

Desta vez, elle ainda foi exaltado... Honorio, á espera do recem-nascido, não se preoccupava com o sexo. Segundo o caso, seria Simon ou Simone.

Foi *Simone!*

Ah! De volta do setimo baptisado, houve uma grande festa em casa dos esposos felizes... A gamma, toda a gamma era representada pelas creanças do musico. Elle havia desempenhado bem o seu papel de marido e vocalisava as sete notas de uma voz triumphante.

— Minha bôa Denise, dizia elle,

(Illustração de Marcelo Roberto.)

beijando ternamente sua esposa, Tu encheste todas as minhas esperanças e, desta vez, tens o direito de repousar.

— Com a graça de Deus, respondeu sorrindo, docemente, a terna mulher, a bôa mãe...

E, de facto, a série das maternidades pareceu encerrada.

Os dois esposos viviam, serenos no meio da ninhada, que crescia. Sentados, em fileira, nas cadeiras, pequenas cabeças em sentido ascendente se desenhavam como notas na pauta de um papel musical.

Cinco annos mais tarde, Denise, com ar preoccupado, confessou a seu marido:

— Não está tudo acabado... Dentro de alguns mezes, nos virá o oitavo filho.

— Diabo! observou Honorio, isso desconcerta os meus calculos... Não importa! Esse novo fructo do nosso amor será bem acolhido.

E um filho veio se juntar á serie existente. Como chamal-o, então?

Honorio ficou perplexo, desorientado nos seus projectos. Esse oitavo vinha romper a ordem magnifica da sua precedente progenitura... Procurava restabelecel-a e não achava meios.

A hora da decisão havia chegado. A creança estava já deante do padre, que deveria banhar-lhe a fronte com a agua baptismal...

— Como se chama o pequeno? perguntou ao pae.

Uma illuminação fulgura no cerebro do homem. Com uma voz triumphante, elle respondeu:

— Octavio!

Por um fio...

Conto de Cosimo Giorgieri Contri

APENAS fóra, na doçura da tarde de fevereiro, que enchia as ruas da cidade de prenuncios de primavera e alegrava brandamente gentes e cousas, Juliana esqueceu a emoção daquella carta... Era uma natureza feliz, sobre cuja juventude as impressões resvalavam como a agua sobre o marmore. Certo, Fernando a amava. Tinha-lhe escripto, na verdade, uma missiva apaixonada, que ella saboreára como se saboreia um manjar oriental, cheia de perfumes discretos ainda que violentos... Mas depois? Talvez um pequeno namoro, pequenas provocações...

Mas amal-o? Tornar-se sua amante, porém? Elle teria podido crêl-o, podia esperal-o... A verdade era que não se sentia resolvida, que não se sentia ainda tarmevinda do bom caminho. Um pouco inquieta, um pouco perturbada; talvez em seguida áquellas palavras ardentes, áquellas recordações, avivadas por elle em sua propria illusão... Certo, Piero, o marido, não saciava de todo a sua séde de emoções, a sua necessidade de um pedestal...

Por agora, porém, estava toda entregue ao momento presente, ao prazer daquella recepção na villa onde o automovel dos Landi a iria conduzir. A sua pequenina alma de mundana avida e obstinada nadava em frivolidades. Por essa razão, lida a carta, pensou guardal-a na carteira. As luvas, onde estavam as luvas? "Para cima, depressa..." E Justina, a criada, azafamava-se de um lado para outro, no quarto de dormir, no pequeno salão, no quarto de *toilette*, para satisfazer a todos os pedidos, emquanto a ama, afflicta, olhava o relogio de pulso; — e se ia rapidamente sem esperar, ao menos, que se lhe chamasse um carro. Os Landi residiam perto: com aquelle bello tempo eram tão poucos passos a pé...

Ei-la na calçada, ligeira, farfalhante, perfumada; com a pelissa de automovel aberta por causa do calor, sobre o traje de visita; com aquella simplicidade e aquelle commedimento que sabia casar tão bem, dando a impressão de uma elegancia nada estudada, mas toda natural. Lembrou-se, de repente, que não déra ordens á *nurse* relativamente ao menino; foi, porém, um pensamento fugaz. A *nurse* sabia que o devia metter no leito cedo, pois que se sentira um pouco indisposto, na vespera... Mas hoje estava bom... Brincára com elle, a joven mãe, depois do almoço, até quando sahira a correr para vestir-se. Deixava-o apenas por poucas horas. Depois, ás cinco, Piero, que se encontrava de viagem por negocios, voltaria... Tudo estava, portanto, em ordem; podia divertir-se.

Quem estaria na recepção? Pensou um pouco, enumerou as pessoas... Fernando não estaria... Que peccado! Depois daquella carta... Que lhe responderia ella? Com algum encorajamento ainda ou alguma severidade que puzesse fim á aventura?

O automovel já estava á porta. Estaria em atrazo? Subiu rapidamente as escadas, entrou precipitadamente, encontrando pela frente Marcella já de chapéo e com a pelissa tambem...

— Só esperavamos por ti... Vamos depressa! Senão chegaremos atrazadas para o chá... Querida!

Com estás bem! Muito bonito o teu vestido. Será uma bella recepção, sabes? A *villa* é sumptuosa; e aquelles americanos recebem tão bem! A que horas estaremos de volta, Carlos?

Carlos era o marido de Marcella, que chegava naquelle momento, já de oculos, bonnet e sobretudo. Beijou a mão de Juliana, saudou duas ou tres outras pessoas que compunham a lotação do automovel, e respondeu á mulher:

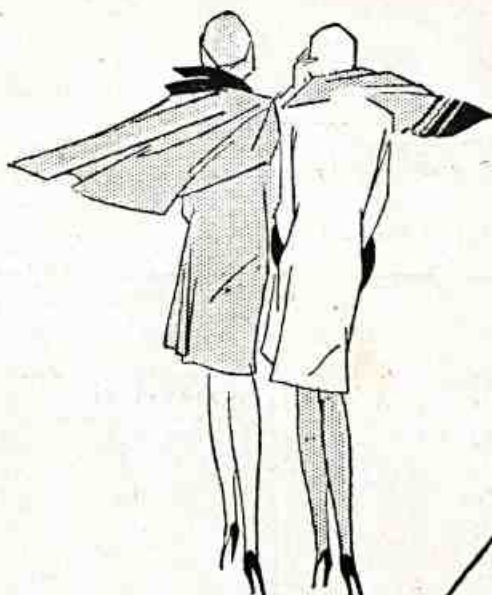
— A hora que quizeres, para o jantar.

Desceram todos juntos, conversando, rindo, felizes. Juliana foi a primeira a occupar o seu lugar accommodando-se num dos assentos. As portinholas foram fechadas, o automovel estourou ruidoso, rodou. Partiu. Por algum tempo, tempo que a Juliana pareceu brevissimo por tel-o passado todo a ruminar pensamentos, o automovel correu através do campo. Sómente quando se poz á vista a villa, é que Juliana sentiu, de repente, accommettel-a um calafrio que lhe correu pelas espaduas abaixo. E' que, vindo inesperadamente da profundidade de sua memoria, lhe tinha assaltado um pensamento: "Deixei a carta de Fernando, lembrava-se ella, sob o travesseiro do meu leito. Na pressa, metti-a lá, contando apanhal-a depois... E esqueci-me... E Piero vae chegar!..."

—

NADA, não havia nada a fazer senão esperar o destino. Que poderia ella fazer mais? Apresentar o pretexto de um mão estar, fazer-se reconduzir á casa? Não ousou agir assim. E depois teria chegado muito tarde... Piero nesse meio tempo estaria já em casa... Ah! Por que não o tinha ella esperado? Por que não recusara aquelle convite? O destino! o destino! Mas como a punia severamente o destino com tal ameaça, com tal horror...

Quiz obrigar-se a sorrir, quiz achar exaggerado e vão o pavor que a assaltára. Não era provavel que Piero fosse a seu quarto; não era verosimil que fosse remexer em seu leito. Estava ella, não obstante, á mercê do facto; facto este que lhe apparecia subitamente como um pequeno Deus sinistro, tramando os seus damnos. E depois... A camareira, a *nurse*... E já se lhe afigurava a curiosidade malévola de semelhantes creaturas a quem não conhecia ou conhecia muito pouco... Um seu segredo revelado a todos, dado como pasto a subalternos, inimigos e hostis... Mas elles tambem, (louca!), que iriam fazer em seu quarto?

Ah! Mas emquanto procurava assegurar-se assim, o calafrio assaltou-a de novo, mais forte agora, e o terror fixou-se. Recordou-se de ter dado ordem na vespera para que puzessem o leitozinho do menino no seu quarto... Indisposto, quiz tel-o comsigo... E eis que o seu amor materno se revoltava contra ella, que lhe preparava uma cilada... Piero, certo, chegando, iria vêr o menino; era uma probabilidade a mais para que descobrisse... Rebuscou, então,

Belleza e Elegancia

são qualidades inherentes aos Saltos de Borracha

Goodyear Wingfoot.

Feitos de borracha viva, — descançam o andar e conservam a saúde, porque evitam os choques violentos.

POR UM FIO...

(CONTINUAÇÃO)

memória, as palavras da carta: ficou desesperada, desolada, por não se recordar dellas precisamente. Mas lembrava-se que no seu ardor pareciam testemunhas de uma cumplicidade, alludiam a pequenos factos, a pequenas concessões que na mente de um ciumento impulsivo como Piero podiam tomar a força de uma accusação. Ah, o imbecil! Ah, o imprudente! Fernando; Piero não, naturalmente. Assim tinha-lhe elle escripto, elle! E ella pudéra pensar em responder-lhe, em animal-o ao jogo!...

E, emquanto isso, a recepção mundana decorria com os ritos usuaes, com a habitual animação. Ella era obrigada a mostrar-se alegre, compartilhar da alegria commum. E pensar que uma hora antes, uma hora antes apenas, nada a ameaçava; que a sua vida era tranquilla, serena.... Que turbilhão era então aquelle que se precipitára sobre ella? Pequenas as causas; mas as pequenas causas não geram, ás vezes, os grandes effeitos? Podia ser uma confiança destruida, uma suspeita que se transforma em certeza, uma escravidão que se inicia.... E depois, sempre aquelle pensamento: seu marido em que teria acreditado, que teria imaginado?

Só Deus sabe como se passaram aquellas tres horas. No momento de sentil-as findas, quando um signal discreto de Marcella lhe fez comprehender que o automovel estava prompto e que apenas se esperava por ella, voltou-lhe a lucidez numa especie de tranquillidade arida e fria. Pareceu distender-se, armar-se para a possibilidade de uma luta proxima. Pois bem; se Piero encontrára e lêra a carta, tratava-se agora de saber dizer palavras capazes de convencel-o, de afastar o perigo. Calma, era preciso então; calma. E parecia-lhe que o ruido do motor repetia-lhe aquella palavra. Ella sentia, porém, dormir sob aquella calma o medo apenas dominado... Ah! como se recordaria sempre de semelhante dia!

— Sabes o que deverás fazer agora? — disse-lhe Marcella, de repente, ao chegarem. — Vires jantar comnosco. Telephonaremos a Piero...

— Não, não.

O pensamento de demorar-se ainda exasperou-a. Respondeu com máos modos, asperamente, e desceu do automovel com raiva de si mesma, de todo o mundo.

Oh! o caminho de sempre, o caminho que percorrêra tres horas antes, sem nenhuma preoccupação! Ah! a sua casa tranquilla, onde nunca pensára pudesse aninhar-se um perigo para ella.... Teve um sobresalto: se Piero, por fortuna, não tivesse chegado?

Chegára, no emtanto. Disse-lhe o porteiro precipi-

POR UM FIO...

(CONCLUSÃO)

tando-se ao seu encontro. Ella sentiu frio de novo no coração, mas apressou o passo escadas acima.

Tudo tranquillo; calma por toda parte. Mas que pensára, afinal? Que elle a esperasse na escadaria com a carta em uma das mãos e o revolver na outra, como um Othelo enfurecido por causa de um lenço? Não; se algum drama se tivesse de desenrolar, seria mais silencioso talvez, ainda que não menos cruel...

Mas não descobriu nenhum traço de drama. A camareira veio-lhe ao encontro, auxiliou-a como sempre, respeitosamente, a desembaraçar-se da pelissa, das luvas. A *nurse* tambem chegou. solicita, e sem nenhuma carta na mão ou nos olhos...

— O menino?

— Está bem agora. Dorme... Não queria que o puzesse na cama, porque a senhora estava fóra. O senhor acalmou-o...

Ah! Tinha, então, entrado no quarto? Hesitou um pouco á soleira da porta. Depois entrou em ponta de pés, cautelosamente. Viu tudo em ordem; precipitou-se para o leito, introduziu uma das mãos sob o travesseiro e soltou um suspiro de allivio... A carta lá estava.

Então um desejo irreprimivel de rir subiu-lhe á garganta; o drama se tinha dissipado. E ella se tinha affligido tanto por elle! Assaltou-a uma como revolta. Disse a si mesma: "Pobre Fernando!... Responder-lhe-ei esta tarde."

Mas uma voz se fez ouvir:

— Juliana!

— Piero?

Voltou-se, tranquilla; com um dedo sobre os labios impondo silencio. Piero sorriu e disse baixo:

— Como tardaste!

Depois, apontando a caminha:

— Queria que eu me mettesse a dormir no teu leito, porque não estavas... Tive que lh'o prometter. E quasi que o fiz, tão cansado me encontrava... Depois, por felicidade, pregou no somno; e a mim passou-me o somno...

Que ha?

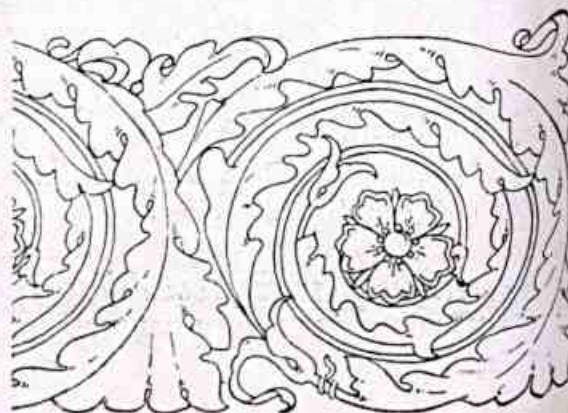
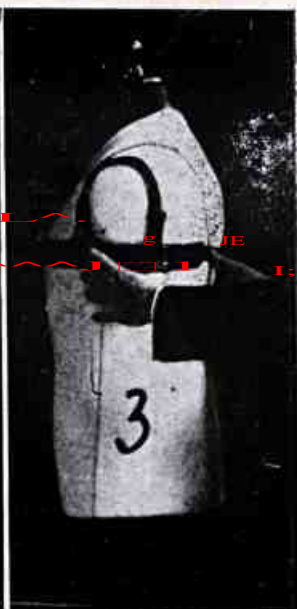
— Nada!

Não havia nada. Somente o seu sorriso era um pouco forçado.

Fizeste bem — murmurou, involuntariamente. — Sae agora um pouco... Irei agora mesmo ter comtigo...

Ficando só, inclinou-se sobre o pequenino leito e disse baixinho:

— Sim, querido... Sou eu.

E não respondeu mais a Fernando.

B. S. VIANNA

Alfaiate

Apresenta ao publico do Brasil o seu aperfeiçoado systema de tirar medidas, com o qual realiza adiantado corte de roupas para homem. O apparelho aqui demonstrado não é sómente para tomar as proporções, mas para garantir com precisão a conformação de cada corpo.

Os nossos preços de feitios permittem a qualquer pessôa vestir-se com elegancia. Cobramos feitios sómente, desde 120$000 até 250$000. Faça uma visita ao nosso atelier, traga o seu corte de fasenda ou venha escolher do nosso stock. Estamos ao inteiro dispôr do cliente para ajudal-o vestir-se com economia, sem ser preciso recorrer a comprar roupa feita.

RUA DOS OURIVES, 35 — RIO DE JANEIRO

Telephone automatico 3 — 3804

— Olha, Francisco, levanta a gola do casaco. O ar frio que corre por aqui é forte demais. Provavelmente te fará mal, augmentando o inferno da tua tosse

Ella, presa ao braço delle, caminhava com os olhos fitos no chão. Vestia-se á Jean Patou, um crêpe Alhambra talvez, — si a luz não me enganava.

O marido, magro, a pelle, a moldurar-lhe os ossos do rosto comprido, tinta em branco. Um mixto de desbotamento cadaverico.

A calçada brilhava. Chovêra abundantemente pouco antes dos dois serem vistos alli.

A passos largos, embora agachadinhos, a indifferença, de um pelo outro, morava com ambos; no pensamento e no coração.

UM DOS POSTAES

Quem ficava de cá, parado, a contemplar-lhes o movimento igual que aos poucos avançava á frente, instinctivamente sentia a curiosidade deslisar, tambem, com o rythmo da sombra que em breve os fazia desapparecer ao longe.

E o espectador, emquanto ruminasse sem interesse aquelle simples passatempo, voltava ao seu labor particualr, sem que mais alguem o pudesse reconhecer entre a multidão commum das ruas.

O par de imagens doentias, que se fazia para casa, chegára, exhausto, á porta. Uma volta de chave, passos macios sobre tapetes, a pressão de um botão electrico — tudo os levara á alcova bem ornada, onde as almofadas fugiam, impulsionadas por mãos geladas, para que a cama pudesse acolher o tuberculoso e a mulher de todos.

* * *

Mulher de todos!

E' dessas assim, a vida de muita gente.

... Cuidado? — Para que cuidado com esse homem quasi morto? Por que a hypocrisia?

Quando elle partir da vida, e o seu dinheiro fechar-se, todo, na bolsa da companheira, a vida dessa tambem irá com elle.

Morrerá, — digo-o eu. Já posso ver por traz da cortina o miseravel, de punhal em riste, que lhe vae roubar o ouro.

Daqui a pouco, haverá dois cadaveres.

Os scepticos pensarão que ella morreu de amor...

Braz Gleffe.

O GAVROCHE

Faminto, o gavroche espiava, com longos olhares, o burguez rotundo que, sentado á primeira mesa do restaurante, comia gulosamente uma perna de perú... Era uma enorme fome, uma fome de dois dias, a daquelle gavroche sujo e semi-nú... E elle mastigava, acompanhando o movimento apressado das mandibulas do burguez, que comia ás carreiras por ter muitos negocios que resolver...

De repente, passa na rua uma banda de musica. Vae tocando uma canção alegre. E o gavroche sae-lhe no encalço, pulando, cantando fanhosamente: "A malandrage não posso deixá"...

Feliz! Não tem negocio algum para resolver...

R. Magalhães Junior.

TOSSE? . . .
BROMIL

ANNO XXIV

NUMERO 8

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 22 de Fevereiro de 1930

DILEMMA

SOB um céu de nuvens baixas, côr de chumbo, transpirando, a cidade discute apenas dois assumptos: o calor e a politica. Não me agrada nenhum delles.

Mas, como chronista, não posso ter a liberdade da escolha dos themas, como a muitos parece, pois a penna garatuja sobre o papel tão sómente aquillo que o momento me impõe.

O cerebro do chronista moderno exerce uma funcção mui semelhante á da *Kodack*: photographa guardando na objectiva flagrantes das horas que passam.

Dito isto, creio que os leitores me dispensam de umas tantas considerações acerca da tristeza profissional...

Escrever, com um calor destes, suffocante, abrazador, escrever quando ninguem tem vontade de lêr, para que?!

Parece que nós deviamos deixar de escrever pela falta de assumpto e de leitores; entretanto, desgraçadamente isto não acontece.

Os jornaes não podem sahir com as suas columnas em branco, nem sómente com o registro dos crimes passionaes e dos suicidios que crescem assustadoramente, nestes dias de canicula; e as revistas necessitam guardar a sua feição amavel, mesmo com a carencia de motivos bellos.

Com 40 gráos á sombra a gente pensa em Dakar ou numa cidade proxima, Paranaguá, ambas muito minhas conhecidas.

Parece não haver analogia alguma entre a cidade africana e a da região sul brasileira; entretanto, existe, excluidos os negros nús, horrendos, da primeira, está visto.

Mas, o calor é selvagem, em toda a parte, até mesmo em Paris, pelo mez de Agosto.

Fallar mal do calor é, pois, uma obrigação, excepto para os genuinamente cariocas, que adoram o espectaculo do nú das praias...

Para estes, o verão é a mais linda estação do anno, quando Venus apparece para a apotheose do seu corpo branco serpenteando na areia fulva de Copacabana, ou emergindo victoriosa da espuma do mar.

Nas praias despem-se os corpos e as almas tambem, o que nos faz pensar no encanto da vida primitiva, quando havia um Paraiso, e uma Eva, que se tornou celebre porque peccou...

Doce e ingenua historia a da folha de parra, para a geração actual, que outra coisa parece não desejar senão peccar.

Nada ha, assim, melhor a fazer do que admirar o espectaculo das praias.

Porque, escrever, com o calor, não é possivel, pela ausencia de idéas.

Tem-se a impressão da verdade affirmada por Forjaz de Sampaio, num dia de canicula lisboeta, quando elle exclamava: *os artigos agora não são escriptos, são suados.*

E, fugindo do calor, temos de cahir nos braços da Politica.

Ah! mas que dilemma aterrador!

Desta, sei apenas que é uma horrenda megéra, despudorada e sem entranhas, que se diverte intrigando, corrompendo, matando, suffocando as energias moraes de um povo digno de melhor sorte.

Hão de convir os meus leitores que é preferivel suar, a ouvir fallar em politica.

Dos males, o menor...

MARIO PEPPE

Quando o "Hymno a Alencar" repercutia nas quebradas da grande chapada do Araripe...

Veio de muito longe aquella carta.

Da mesa humilde da agente do correio do interior, foi encerrada nos saccos de lona listados de verde e amarello. Viajou no dorso dos burros morosos, pelos caminhos banhados de sol e cheios de poeira, e, depois de dois dias de viagem a trem, chegou á capital.

Veio lá de onde os cannaviaes, agitados pelo vento, são as bandeiras verdes dos cultivadores da terra moça. Lá de onde o carro de bois, cortando a estrada larga, espalha sobre os campos a toada de nostalgia do eixo de suas rodas. Veio de longe, do pé da Serra do Araripe, da sombra immensa dos umbús e do cheiro gostoso dos piquis...

De lá, onde a vida é calma e mansa como a mansidão dos alvos rebanhos que o velho pastor apascenta nas quebradas da serra...

E foi por ser de tão longe, que ella trazia em si, na simpleza da sua linguagem e na belleza do seu sentimento, o sabor de uma fruta rara que alimentasse tambem a alma, o gosto do piqui azeitado com um oleo que tambem ungisse o coração...

Dizia assim:

"A minha filha chama-se Iracema e é mais cearense e mais Alencar do que os meus outros filhos. Ella nasceu quando o "hymno a José de Alencar", cantado na capital dos "verdes mares bravios", por tres mil creanças, repercutia nas quebradas da grande chapada da da serra do Araripe, acordando as jandaias no olho das carnaúbas.

"Iracema é, pois, a minha homenagem mais viva ao grande Alencar, e, como a formosa tabajára, tem os "labios de mel", cabellos e olhos mais negros que a aza da grauna..."

Durante muito tempo, eu fiquei a pensar nesta carta tão linda, tão simples, onde o sentimento do amor materno se alliou ao orgulho de ter nas veias o mesmo sangue do maior escriptor brasileiro.

Eu ouvi tres mil creanças entoarem a gloria do genio immortal da raça; eu vi todos os expoentes da intellectualidade do Brasil occuparem-se do escriptor desapparecido; eu senti ecoar na alma as homenagens de todas as classes; assisti á glorificação do genio perpetuado no bronze, mas nada me commoveu tanto como a homenagem viva que esta mãe cearense prestou a Alencar — contribuição mais viva de sua alma e de seu coração — "quando o hymno a Alencar repercutia nas quebradas da grande chapada do Araripe, acordando as jandaias no olho das carnaúbas..."

O Club dos Bandeirantes deu inicio, com um baile á phantasia, que se realizou sabbado, nos seus salões brasileiros, ás suas festas carnavalescas de 1930. Da alegria que animou essa reunião de Momo é um flagrante expressivo a gravura desta pagina.

Por Suzana de Alencar Guimarães

(CEARÁ — FORTALEZA)

DIPLOMACIA

No bazar, onde havia penetrado em companhia do filhinho de oito annos, o pae falou assim para a criança:

— Escolhe um dos dois: o arabe ou o cavallo.

— Referia-se a dois brinquedos que agradaram ao filho. O menino, que ambicionava os dois, mas não se atreveu a dizer-lho ao pae, respondeu:

— O arabe...

— Muito bem.

Foi comprado o arabe. Pago. Embrulhado. Depois de feito tudo isso, o menino, compassivo, disse ao pae:

— Papae, não é crueldade deixar que o pobre arabe caminhe a pé pelo deserto?...

O Gávea Sport Club tambem iniciou sabbado ultimo o seu carnaval deste anno, offerecendo um baile á phantasia á sociedade folião que o frequenta.

VICTORIA RÉGIA

(Lenda amozonica)

Quando o Amazonas era ainda a terra dos deuses e dos indios,
quando Tupan não havia ainda
encantado seus passaros,
enraizado suas arvores,
vivia por aqui, o chefe poderoso de uma tribu de fortes e bravos.
Nayá (não esqueças este nome)
era a flor morena da tribu guerreira...
Seus olhos eram verdes
como as esmeraldas que fizeram o sonho de Fernão Dias,
seu corpo era esbelto e gracioso
como o das palmeiras ao verão.
E nos seus olhos, e no seu corpo
passavam desejos de um viver immortal.
E o amor chegou...
(já naquelle tempo era um deus o amor)
Nayá, moça amazonica,
sentimento da terra, belleza da raça,
começou a amar, nas noites de lua,
a sombra mysteriosa de um guerreiro que fugia...
E seus braços morenos, lançavam pedidos
á sombra que passava...
E seus labios vermelhos imploravam os beijos
ao amor que a não via...
E o soffrimento chegou...
(já naquelle tempo vinha sempre o amor misturado com a dor.)
Aquelle corpo de deusa amazonica começou a definhar:
Vieram pagés, curandeiros,
velhos feiticeiros...
A Sciencia das folhas medicinaes...
Mas o amor só se cura com amor...
E a velha Sciencia dos indios de nada servio...
Até que n'uma noite de lua bem clara,
Nayá sentio ver seu amado
nas aguas tranquillas de um lago.
E jogou-se numa volupia doentia
para os braços do amado
que do fundo do lago lhe acenava e sorria...
Em vão a buscaram os membros da Tribu...
Em vão...
E Tupan, compadecido de tanto soffrer,
fez com que do corpo moreno de Nayá,
nascesse, dia a dia,
as palmas das folhas da Victoria Régia...
E ella ficou, então,
lembrando aos filhos da Amazonia
que a flor mais linda da Planice
é aquella que vive no seio das aguas tranquillas,
immortalizada pelo seu Amor.

ENEIDA DE MORAES

Faianças

Caprichos...

Não, minha querida, não creio no teu amor... Não creio no amor de uma creatura que raciocina, para se escudar em caprichos incoherentes...

Certa vez, Maria Amalia Vaz de Carvalho, estudando a personalidade da soror Marianna, que amou loucamente esse sargentão que foi Chamilly, escreveu: "Quando uma pobre mulher ama, como amou a freira portugueza, perde todas as faculdades de que depende o raciocinio, a prudencia, a justa comprehensão das coisas!"

Refere-se a esse desvario que empolga as almas amorosas, fazendo-as ver somente o que se relaciona com o seu affecto e o objecto da sua affeição violenta.

Não quer dizer que essa falta de raciocinio leve a mulher a se abroquelar em caprichos vulgares, que podem fazer bem á vaidade de quem é amado, mas destróe o amor que vincúla duas creaturas.

Não creio no teu affecto. Querer bem é sacrificio. Querer é soffrer para que outrem desfructe a doce alegria de ser feliz com o nosso soffrimento... Sim, porque entre dois amantes, ha sempre um que padece: — é o que mais ama, é aquelle que sabe querer com mais sinceridade e maior desinteresse.

Bem, assim, o que mais soffre — o que mais ama — soffre para que o que é amado possa fruir a felicidade risonha de viver.

E' assim que te quero bem. E' assim que explico o meu affecto silencioso e feito de desambições pequeninas. Mas entre soffrer por amor e amar para soffrer o acinte cruel de um capricho egoistico, é preferivel matar o amor como quem esmaga uma violeta triste que perfumava a nossa existencia obscura.

A unica maneira de se corresponder a um capricho absurdo é repelil-o com uma attitude de orgulho indomavel. — Teu Y...

Volubilidade

Ah, eu digo como Guido Verona, em *Una Rosa*: "La mia storia é molto confusa. Bisognerebbe, quando si racconta, soddisfare tutte le curiosità"...

Sim, a minha historia é confusa. A historia da minha vida.

Todos têm o seu romance. A vida de toda gente, que ama e soffre, "dá um bello ou um triste romance", dizem. Um romance ou um drama.

Mas a minha vida não dá senão uma série de episodios confusos, que nem eu mesmo entendo.

Assim, não posso explicar porque é que sou o homem das venetas, voluvel de pensamento e de gostos como as nuvens... Aquellas que o personagem de Baudelaire adorava.

Ah, ser voluvel!

Eu gosto das mulheres que são mentirosas e voluveis. A mentira é a fórma mais linda da volubilidade. E a volubilidade é a fórma mais linda da mentira. A mulher é a expoente, é o symbolo de uma coisa e de outra. Por isso, eu quero bem ás mulheres.

Ah, ser voluvel! Viajar, sem rumo, com a imaginação e o sentimento!

Eu sou assim: mudo a cada passo. E' tão monotono ser a mesma coisa, quotidianamente!

Que bom a gente ter hoje um amor, e amanhã poder fugir desse amor, como o poeta que declamava:

Mujer que una vez os vi, cuando volveré a veros!

Nunca mais? Breve? Um dia qualquer? Que me importa! Vamos adeante! Busquemos outro amor.

Maeterlinck, estudando a intelligencia das flores, acredita que estas são o resultado da dor, do soffrimento, do esforço que fazem as raizes, para se libertar da terra que as prende e escraviza. Que lindas, muito mais lindas não seriam ellas, si pudessem voar, livres, como as borboletas e as libellulas! E ahi está: as libellulas e as borboletas, como as nuvens e as andorinhas são lindas

Mlle. Italia Graça é uma galante figurinha da nossa sociedade.

(Photo De los Rios).

De volta da missa...

porque são volaveis, porque mudam de pouso e de amores com as estações. As nuvens ainda são mais bellas porque, além de livres, pairam perto do céo e podem amar as estrellas de perto...

E por que é que os tumulos são tristes, funebres, arrepiantes? Porque são a imagem da immobilidade, da constancia, da eternidade, da morte. Vida e dynamismo, é movimento, é versatilidade.

Oh, a alegria de viver!

Mas não! Perdoem! Tudo o que eu disse não reflecte o meu pensamento... Eu bem que ficaria a vida inteira, quieto como um lago, a reflectir nos meus olhos a melancolia dos olhos della...

Crise sentimental

Os tangos!

Oh, eu adoro essa musica em que os argentinos derramam todo o languor da sua alma, num mixto de liturgia e lascivia.

A liturgia de um rito amargo de amor e a lascivia de soffrer, de chorar, de torcer-se nos transes desesperados da saudade.

Parece que tudo isso deve estar mal definido. E' possivel... Ha coisas lindas, ha emoções, ha soffrimentos que são indefiniveis, porque são mais estheticos do que moraes; são mais sensoriaes do que emocionaes.

Mas, si os senhores já se deram ao prazer — prazer? Va lá — de ouvir um piano somnambulo gemer as melancolias de um tango, como este que tem um nome sympathico: *Piedad*, devem saber definir a emoção que a minha penna não sabe explicar...

"Piedad"...

E' uma palavra que, dita na lingua de Cervantes, parece aos nossos ouvidos pronunciada por labios infantis... "Piedad!"... Ah, sim! Lembra uma palavra mutilada pela bocca de uma creança...

Mas, sobretudo, o que me encanta nesse tango não é essa palavra de indulgencia, de bondade, de abnegação e ternura... Sabem o que é, meus senhores? E' a sua melodia... Ou antes, é o seu motivo sentimental, que um poeta traduziu em versos mediocres, mas que a melodia sublimou, pelo que diz de elegiaco e doloroso nos seus queixumes...

"Piedad"...

A voz do poeta traduz:

La tarde agonizaba, la noche
se aproxima.
De un templo, las campanas
llamaban para orar,
cuando una joven triste,
de rosto demacrado
con gesto resignado se
inclina ante el altar...

Mas quem ha de dizer o que a melodia exprime, si ella é feita apenas para ser sentida?

Oh! eu adoro os tangos lentos! Os tangos em que os argentinos derramam toda a melodia dos pampas, toda a sua ternura dos affectos amargos...

"Piedad!" Quando o meu affecto morrer, esse affecto que vive dentro da minha alma, como um perfume que se fecha num quarto, onde não se ousa entrar — quando esse affecto morrer eu quero ouvir-te, numa noite sem lua, sem estrellas, espiralando do coração de um piano, escondido num velho solar avoengo, no fundo escuro de um parque, para que eu tenha a impressão, "Piedad!" que tu és o funeral do meu amor, vindo da Eternidade, do Além-tumulo, do Sobrenatural...

Oh, meus senhores, não se espantem!... Não tenham medo de assombrações...

Eu hoje estou atravessando uma crise sentimental...

O bôbo que morreu de amor...

Minha doce amiga — Não sei si conheces aquelle conto de Oscar Wilde em que elle nos apresenta um buffo apaixonado pela Infanta da Hespanha.

A princeza está habituada a vel-o dançar e executar as suas truanices. Para ella, o pobre bôbo desempenha um papel hilariante, que a diverte e faz passar o tempo. Mas, para elle, aquella exhibição, sendo uma opportunidade que se lhe offerece de ver a Infanta, a quem elle ama, na sua insignificancia, é tambem um sacrificio. Por que depois elle vae soffrer, silenciosamente.

Comtudo, dança, pula, ri, desfaz-se em esgares truanescos, para agradar a fidalga e ao seu sequito. Amando-a em segredo, elle se contenta com poder vel-a e causar-lhe alguns momentos de alegria.

Nada mais innocente para quem se apaixona e alimenta sonhos impossiveis.

Mas "tout lasse, tout casse, tout passe"... Um dia elle se convence de que a Infanta nunca se aperceberá do seu affecto

e ainda menos do seu sacrificio. Este agora é maior. O pobre *clown* sente-se definhar dia a dia. Já as suas exhibições, as suas palhaçadas e gaiatices não traduzem aquelle seu antigo enthusiasmo.

Uma tarde, a Infanta reclama a presença do bobo. Por que não fôra elle divertil-a? Acaso estaria desobedecendo ás suas ordens?

E imperativa:

— Quero-o aqui! Mandem buscal-o.

Um famulo informa a S. A. que elle não pode vir.

— Por que? — indaga austeramente a princeza.

— Por que elle morreu, agora mesmo, do coração.

A Infanta sorri desdenhosamente, e ordena:

— Pois que de outra vez tragam um palhaço que não tenha coração...

Conheces essa fantasia, minha querida amiga? Ella reflecte bem o sentimento feminino, em relação a nós homens.

Nem mesmo arrebentando o coração, conseguiremos provar-lhes que as amamos, que acceitamos por ellas todos os sacrificios de amor... — Teu — Y...

Mulheres que raciocinam...

— Não gosto das literatas.

— Por que, caro amigo Monteiro? Você, que escreve versos sentimentaes como estes... Ah, espere! Esqueci-os...

— Refere-se a que versos?

— A "Yo te quiero"... Ah, sim, já me recordo...

"Yo te quiero..." Minha alma espera...
Cabellos de ouro, "Fraulein Chimera"...
Romantica e nobre que eu sonhei..."

Você que escreve versos tão lindos, dizer-se inimigo das mulheres?

— Perdão! Declarei que não gosto das literatas, das "bas bleus", das mulheres que pensam...

— Ah, percebo! E por que essa prevenção, essa antipathia?

— Acho que a mulher que raciocina não sabe amar. Uma literata é uma mulher que se colloca em egualdade de espirito comnosco. Discute arte. Commenta literatura. Cita Wilde, Shakespeare e arruma em cima da gente toda a sua cultura greco-latina, — quando a tem. Ha algumas, as mais pedantes, que explicam Freud, homem do pan-sexualismo.

E depois de uma digressão como esta, a proposito da Historia da Edade Media: "O feudalismo não se inspirava em nenhum principio de direito, mas no direito da força. Praticamente, se orientava por esta formula: "Nenhum senhor sem terra; "nenhuma terra sem senhor!" ella, a literata, invade o terreno da physiologia, e deita erudição scientifica: "Ha substancias mineraes indispensaveis á constituição dos humores e das partes solidas do organismo animal, taes como: o ferro, o sal marinho, o phosphato, e os carbonatos calcareos..."

O meu amigo Monteiro fez uma pausa e proseguiu:

— Francamente, uma mulher erudita, que sabe physiologia, historia geral, philosophia e finanças, não pode interessar a um sentimental como eu.

— Nesses casos, você prefere as mulheres de espirito simples, pouco letradas, de educação mediocre?

— Não, meu caro Y..., prefiro a mulher-mulher.

Aquella que sabe um pouco de linguas, de literatura, e de artes; que dança bem, borda, pinta as suas aquarellas, toca o seu Chopin, ao piano, pode substituir a cozinheira, quando esta faltar e, sobretudo...

— Conclúa — disse eu.

— ... sabe amar, sem raciocinios, sem medir forças mentaes comnosco, e ignora qual é a funcção physiologica do coração e como se operam as secreções do corpo humano. Isto sim! A mulher que raciocina, que sabe ver a vida pelo seu lado real, que sabe observal-a e fazer psychologia — essa não me interessa.

E mudando de assumpto, inesperadamente, deante de um cinema:

— Vamos vêr essa fita: "A mulher que se sacrificou por um amor"?

O amor

Diz Balzac: "O amor é a unica paixão que não tem passado sem futuro."

Etienne Rey assegura: "O amor é como a flamma que se apaga, desde que céssa de crescer."

Bourget é desta opinião: "Em amor, o essencial é ter mais emoção que se possa; o verdadeiro engano é paralisar o coração á força de lucidez."

No emtanto, alli estão dois namorados. Elles se amam e se beijam. E nenhum delles saberia definir o amor...

Felizes de se sentirem moças e formosas ...

QUANDO o escriptor Povina Cavalcanti publicou o seu livro Telhado de Vidro, houve um rumor singular em torno deste facto, aliás, communissimo na vida literaria do Brasil.

Porque, ha quem não saiba lêr e faça publicar livros. E, outros, estrictamente alphabetizados, annunciam tambem obras que sahirão em breve, para regalo dos criticos e dos amadores das letras nacionaes.

Deante deste commentario que faço, é facil imaginar-se porque o livro de Povina Cavalcanti despertou uma attenção marcada entre a gente de imprensa e os intellectuaes.

Telhado de Vidro representa um valor, um espirito de independencia caracterizado por uma cultura séria.

O prefacio é uma chicotada á critica indigena, sem euphemismo, sem delicadezas perfidas. Povina, citando nomes e definindo caracteres, demonstra a feitura dos julgamentos que se proferem sobre os livros sem a razão imperativa da justiça ou do valimento dos criticos. Isto foi uma situação inedita que o escriptor se creou para o seu proposito de fazer arte sem intenções a elogios e florilegios banaes, e sem temores a reprovações.

E assim Telhado de Vidro foi o livro de successo, a verdadeira producção de um espirito galhardo e altivo.

Faz dois annos do seu apparecimento, e, até hoje, não surgiu outro livro que lhe pudesse fazer face.

Houve criticas admiraveis de encomios.

Fizeram-se algumas razuras na obra de Povina. Mas tudo lhe foi um optimo contingente á sua vontade de ser batido por estimulos fortes, de ter dado trabalho aos profissionaes da critica literaria, alguns como o Mestre João Ribeiro, o sabio que ensina com o carinho de um amante voluptuoso.

Depois de dois annos da circulação de Telhado de Vidro, até eu, com a minha angustia de autorização, tambem resolvi fallar sobre o livro. Mas, não esmiuçando o trabalho. Passando-lhe os olhos, regaladamente, quero apenas dizer do meu applauso ao collega illustre, que é um dos escriptores mais distinguidos desta nossa geração intellectual.

O capitulo "Relendo o Caramurú e o Uruguay" é uma contribuição erudita á nossa historia da literatura.

Commentando o poema nacional que Santa Rita Durão perpetúa em trovejos descriptivos e canticos de energia á raça, Povina Cavalcanti faz estudos de profunda penetração.

Sente-se a penna vigorosa do escriptor que medita.

E se, como enthusiasta da Brasiliada, Povina tece elogios cantantes ao poeta esquecido que é Durão, não relega tambem Basilio da Gama á indifferença de um commentario dubio. Exalta-lhe a poetica camoneana e o espirito luso que lhe dára do seu contacto com os livros portuguezes.

Para que Telhado de Vidro tivesse, como teve, realmente, uma repercussão aguda no scenario espiritual da America do Sul, bastara-lhe esse capitulo que venho de referir.

Mas o livro todo merece menção honrosa.

E, na minha estante, entre os meus livros de preferencia, Telhado de Vidro repousará brevemente, porque me vive muito sob os olhos.

Povina Cavalcanti é um pensador.

Não lhe devemos servir os conceitos apressadamente.

Devemo-lhe meditar as suas considerações com o espirito prompto a discutil-as e aproveital-as.

Homenageando a princeza Maria-Luisa-Augusta, da casa real britannica, prima do rei Jorge V e pertencente, tambem, á ex-familia imperial brasileira, e que sabbado ultimo passou por esta capital, com destino a Buenos-Aires, o encarregado de negocios da Inglaterra, sr. John Henry Stopford Birch, offereceu a sua alteza um banquete, no Copacabana Palace Hotel. Varios diplomatas tomaram parte nesse agape.

GUIZOS...

Foi detido pela policia o dono de uma *baratinha*, detentor de um record original: vinte e cinco multas por excesso de velocidade, em uma semana.

Eis um homem que soffre de molestia perigosissima... para os outros: a vertigem da velocidade.

Com a mão no volante, elle não quer outra coisa, não tem senão uma vontade: correr.

Corre, atravessa as ruas como um raio, esmaga transeuntes despreoccupados que têm a má sorte de caminhar a pé...

Geralmente, os donos de *baratinhas* são assim: adoram a velocidade e pouco se lhes importa a vida alheia.

Morrer sob as rodas de uma *baratinha* é até grande honra, é um sport agradavel para quem está no volante... Fujam, pois, das *baratinhas* os amigos da sua pelle.

Não confiem na acção da policia, que só consegue deter os loucos do volante ao cabo de uma semana, depois do registo de vinte e cinco excessos de velocidade.

Nós sabemos que as ruas da cidade estão transformadas em pista de corridas de *baratinhas* dos mimosos da Fortuna, uma deusa que não se dá facilmente a todos...

Os reis do volante estão de accordo com Marinetti: *correre significa disprezzare chi va lentamente*.

MOMO E NEPTUNO

Momo e Neptuno são dois velhos amigos e duas entidades divertidas, que amam a pandega e gostam da alegria... dentro e fóra dagua... O segundo ha muito já está reinando nesta plácida metropole de verão deslumbrante. Quem quizer vêl-o, é só ir apreciar o banho das manhãs e das tardes, nas praias onde elle, satisfeito, commanda o batalhão das sereias... Momo ainda não installou direito o seu reinado de guizos na cidade que elle tanto ama. Entretanto, já esteve em Nictheroy com o seu amigo Neptuno e, lá, domingo passado, sob o sol quente da tarde dourada, promoveu, com a cumplicidade do outro, a «farra aquatica» denominada «banho á phantasia», e que encheu de alvoroço delirante aquelle trecho lindo da maravilhosa praia de Icarahy.

O banho de mar á phantasia que se realizou domingo passado, no Canto do Rio, em Nictheroy, teve a animal-o a alegria rutilante da mocidade fluminense.

...CINIAS

Passei, hontem, perto do nosso velho muro da colina saudosa. Era de tarde, e o sol derramava o seu oiro pallido sobre a encosta vestida do verde das arvores. Pairava uma serenidade amavel no ambiente. Lá em baixo, a cidade se agitava no tumulto da sua vida vertiginosa. Eu olhei a cidade, inquieta e barulhenta. E olhei o muro onde tantas vezes, receiosos da indiscreção alheia, fomos abrigar o nosso amor. Que saudade eu senti então, Princeza longínqua e amada! Lembrei, desolado, a tua figurinha aureolada de oiro e recitei, baixinho, os versos de Vicente de Carvalho:

E hoje, pensando em ti, puz-me a so-
[nhar de amor,
Somente porque vi, por acaso, na es-
[trada,
Sobre um muro em ruina uma roseira
[em flor...

OLHOS FECHADOS, BRAÇOS ABERTOS...

O carnaval está chegando
(o carnaval — farça e tragedia —)
e a gente, a quando e quando,
vae lembrando
coisas fóra do tempo e sempre em dia
Egypto, Grecia e Roma, Edade-Media,
esplendor e miseria, hypocrisia,
amor e morte, realidade e fantasia,
tragicomedia...

Abrir os braços e fechar os olhos,
abrir os braços para me prender,
fechar os olhos para ver melhor,
ou — quem sabe talvez? — para não ver
os multiplos escolhos
que ameaçavam ali, em derredor,
aquelle intimo instante de prazer...
Abrir os braços e fechar os olhos
a tudo que pudesse acontecer...

— A imprevista coragem das mulheres,
a coragem de amor!
Tolices da razão, fraqueza dos misteres
que se ousam contrapôr
á razão das mulheres
num momento de amor!

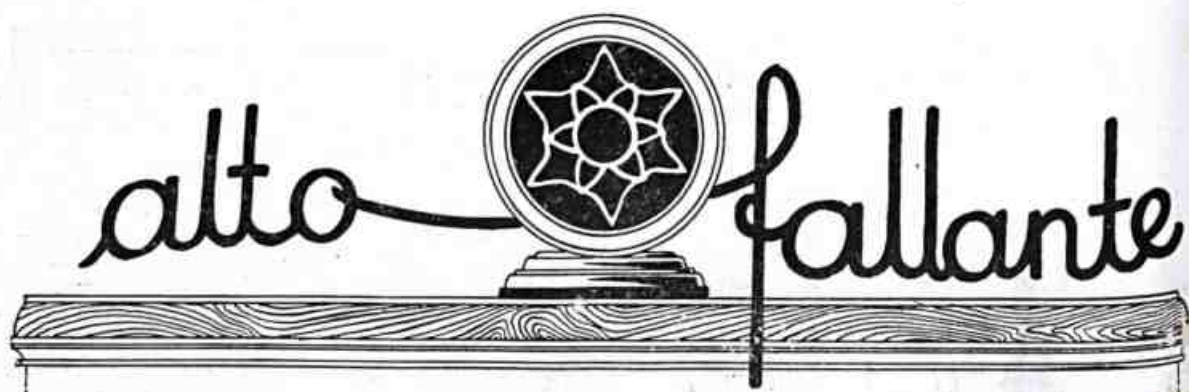
— E si alguem souber disso? Em repentino,
ansioso sobresalto feminino,
perguntas. — Temes? quando se souber,
responderemos só: foi o destino...
nem erro de homem, nem fraqueza de mulher...
E' o que tinha de ser, foi o destino,
eis o que se dirá, si se souber...

Não se soube, porém. Mas preferiste
á gloria de affirmar teu erro e teu amor,
a gloria ingrata, mascarada e triste
de negar que eras minha e accusar-me impostor...

Coragem victoriosa de fazer!
Subtil hypocrisia de negar...
— Braços abertos para me prender,
olhos fechados para me enganar...

Porque será, meninas, que vocês
gostam, mais do que nós, de carnaval?
Para vocês, o ideal,
com certeza, seria
carnaval todo dia,
carnaval todo o mez...

Misturam pó de arroz, pó de confetti,
e até algumas (você não, menina)
misturam tambem pó de cocaina,
e, na mistura desses varios pós
que a Civilização cria e propina
e a cada dia uma invenção promette,
vocês riem de nós,
meninas modernistas,
e dos nossos olhos turvos, já sem vistas,
lançam seus varios pós,
pó de arroz e confetti,
pós de ouro, pós do Diabo,
toda especie de pó,
e, de tudo isso ao cabo,
depois de nos prenderem num amplexo
e de ergotarem ao maior Nababo,
vocês sahem-se assim:
— Eu não conheço aquelle pobre-diabo,
tem a mania de falar de mim.
E eu sinto, apenas, dó,
um dó sincero e bom, sem menoscabo,
eu tenho dó de que esse pobre-diabo
acabe por ahi falando só...

«Peter Pan», o «Mestre Cantor», «Walkyria», «Isolda», «Piratas» e «Você me conhece?...» — são os nomes das phantasias que aqui apresentamos ás nossas leitoras que gostem do carnaval

Os homens graves e melancolicos como eu — não faço blague, nem jogo de paradoxo — são uma especie de rocha... espiritual, de arestas aggressivas, que se escala difficilmente. D'ahi talvez, o motivo principal do isolamento em que tenho vivido, tendo como unico companheiro de mim proprio o éco mesmo da minha solidão...

Porque — parece incrivel, mas é verdade — o Max Linder que se agita dentro de mim é a projecção de uma sombra humana, um desdobramento do meu eu inquieto a fazer potins á custa da gravidade pachequeana da minha philosophia da vida.

* * *

Alias, a philosophia, em si mesma, é uma especie de desvario do espirito, quando não é a poesia do transcendente... De qualquer modo, puro devaneio... E, por isso mesmo, é que gosto de philosophar sozinho, de mim para mim...

* * *

Habituado ao meu isolamento, estranhei, hoje, que alguem aqui me procurasse. E foi um encantador e scintillante espirito de mulher, o que veio encher a minha solidão com a sua graça e a sua arte, delicada e subtil, de cinematographar a vida. Pola Negri, — é o seu nome — discará, commigo, agora, esta pagina que o alto-fallante de FON-FON irradiará por ahi afora.

E' uma interessante companheira, cuja intelligencia, de constante aguçada pela curiosidade, (como se ella não fosse mulher) lhe grangeou, com justos titulos, um logar de relevo no numero daquelles que adaptaram como lemma de sua vida espiritual, o elegante, fino, porém impraticavel preceito d'annunziano: Il faut faire sa vie comme on fait un oeuvre d'art.

Deputado Armando Prado, illustre «leader» da maioria da Camara de S. Paulo e futuro representante do Estado na Camara Federal. Orador eloquente, jornalista distincto, escriptor erudito, é um dos espiritos cultos da intelligencia paulista.

— —

Falle por mim o que ella escreve, logo a seguir.

* * *

"*Você é uma creatura singular. Max Linder.*

Sob todos os aspectos você se tem revelado um homem admiravel. Agora, o seu alto-fallante é mais uma das suas maravilhas.

Puz-me a pensar em você, lembrei-me de collaborar na sua secção de FON-FON, fallando-lhe das nossas escriptoras e dos nossos artistas.

Hontem, visitei a Sylvia Moncorvo, sua collega. E conversámos longamente sobre varios motivos de significação interessante.

Sylvia Moncorvo é uma ironista afiada, que, sobre as dolorosas figuras humanas agitadas pelo torvelhinho da existencia, faz escorrendo a fantasia do seu elegante scepticismo.

Ha, na sua salinha de trabalho, ali, numa das ruas silenciosas de Botafogo, uma cortina vermelha — a sua labareda esbraseada de energia. A janella da cortina encarnada, palpitante, lampejante, lembrou-me até o bello conto de Barbey: Le rideau cramoisi.

Se você está esquecido dessa pagina encantadora de Barbey, pergunte ao Elcias Lopes, o chronista delicado de Fon-Fon, e elle, com a suavidade da sua palavra de sonhador, fará um racconto do que lhe venho lembrar aqui. A cortina encarnada é a flammula, a bandeira viva do sentimento de energia que blinda o espirito de Sylvia Moncorvo.

Mas, eu sorri, depois de palestrar longamente com a escriptora illustre.

Ella, vingando esse animo alegre, por ser uma batalhadora ardente, soffre um castigo diabolico que a faz desalentada: vive presa a uma inexprimivel saudade...

E você, Max Linder, que tambem é um eterno saudoso dos mares ondulosos e do sol afogueado, não se esqueça da sua collega — Pola Negri".

Max Linder.

DENTRO DA ARTE BRASILEIRA

(CABEÇAS... DO AUTOR)

PODEREMOS dar provas de conhecer o caracter e a intelligencia pelos simples dados anatomicos de uma cabeça?

Se a cabeça fôr destituida de qualquer expressão, maximé do olhar e do sorriso, e não apresentar exaggeros das bossas onde pretendemos ver residindo o talento e a personalidade — não temos lá muito recurso, pois nos foi vedado o contacto com a alma, com o espirito, com o "quid ignotus" que ordena e quer.

*

Vejamos ao acaso estas quatro cabeças.

São typos completamente diversos.

Todas intellectuaes. Intelligencias cultas. Um nariz busqué achatado um outro redondo, dois aquilinos, sendo mesmo um voltaireano!

Quatro artistas: Benevenuto Berna, Jota Octaviano, Horacio Cartier e Juliano Moreira. Destes o musicista é o unico temperamento agitado. O borborinho de idéas estampa-se-lhe no olhar esfogueado, na gesticulação calabreza, no dynamismo de sua pessoa.

Benevenuto Berna é o esculptor calmo, o patriota sempre enthusiasmado pelas grandiosidades da Patria e pela expansão da Arte em nossa terra. Mas trabalha sem engorgitamentos dynamicos, preconcebe e executa reguadamente.

Horacio Cartier tem de Dante o perfil e a seducção pela poesia e de Voltaire o sorriso irônico e o pouco caso que se generaliza ás vezes até o seu eu. Veio para o jornalismo com as cordas da lyra prenhes de cantares bucolicos e elegíacos. Mas vê sempre o mundo com a esmeralda embellecedôra de Cezar.

Juliano Moreira é o mais artista dos quatro.

Escolheu para sua Arte e para seu tormento as bizarrias, os descomandos, os ferozes delirios, as mansas allucinações dos destituidos dessa cousa banal e ridicula que se chama razão. A Arte de Juliano é mais requintada, muito mais refinada. Ella se entretem de analyses nervosas e estudos cerebraes que via de regra não satisfazem. O psychiatra lucta com os males sem substractum anatomico, com os "morbus sine materia" que a anatomia pathologica em vão procura destroçar.

A Arte dos "espiritos soffredôres" é a mais linda de todas. Acompanhar, diminuir, alcançar, vencer e curar uma illusão de grandeza, de felicidade, para um poéta como Horacio Cartier, mestre da blague, talvez seja uma acção pouco recommendavel; para o artista-psychiatra, para nós todos tambem, a victoria do scientista tem o merito dobrado de *saber* e de *sanar*.

Pela disparidade de angulos faciaes, aliás aqui pouco apreciavel, — vemos que esse signal antropometrico como, de résto, quasi que a totalidade de outros tem um valor muito relativo no estudo diagnostical das funcções mentaes como guia da propensão do individuo.

Em geral o artista é, como o scientista e o religioso-philosopho, propenso á vida meditativa, aos extases que são elaborações divinas sob todos os pontos de observação. A vida contemplativa não se coaduna com a de contactos sociaes com o "fervet opus" das babylonias internacionaes de hoje.

Entretanto, o condicionamento das luctas pelo vivêr nos obriga ao desenclausuramento dessas torres magnificas onde deviamos ter permanecido sempre sensibilizados, sempre longe do mundo, illuminados pelo luar do sonho, ouvindo os sons impressionantes do Paiz Maravilhoso!

Octaviano descontenta-se de tudo porque a sua exigencia lhe vem da esthesia e do brio. Sente que poderá sempre conseguir melhor.

E conseguil-o-á.

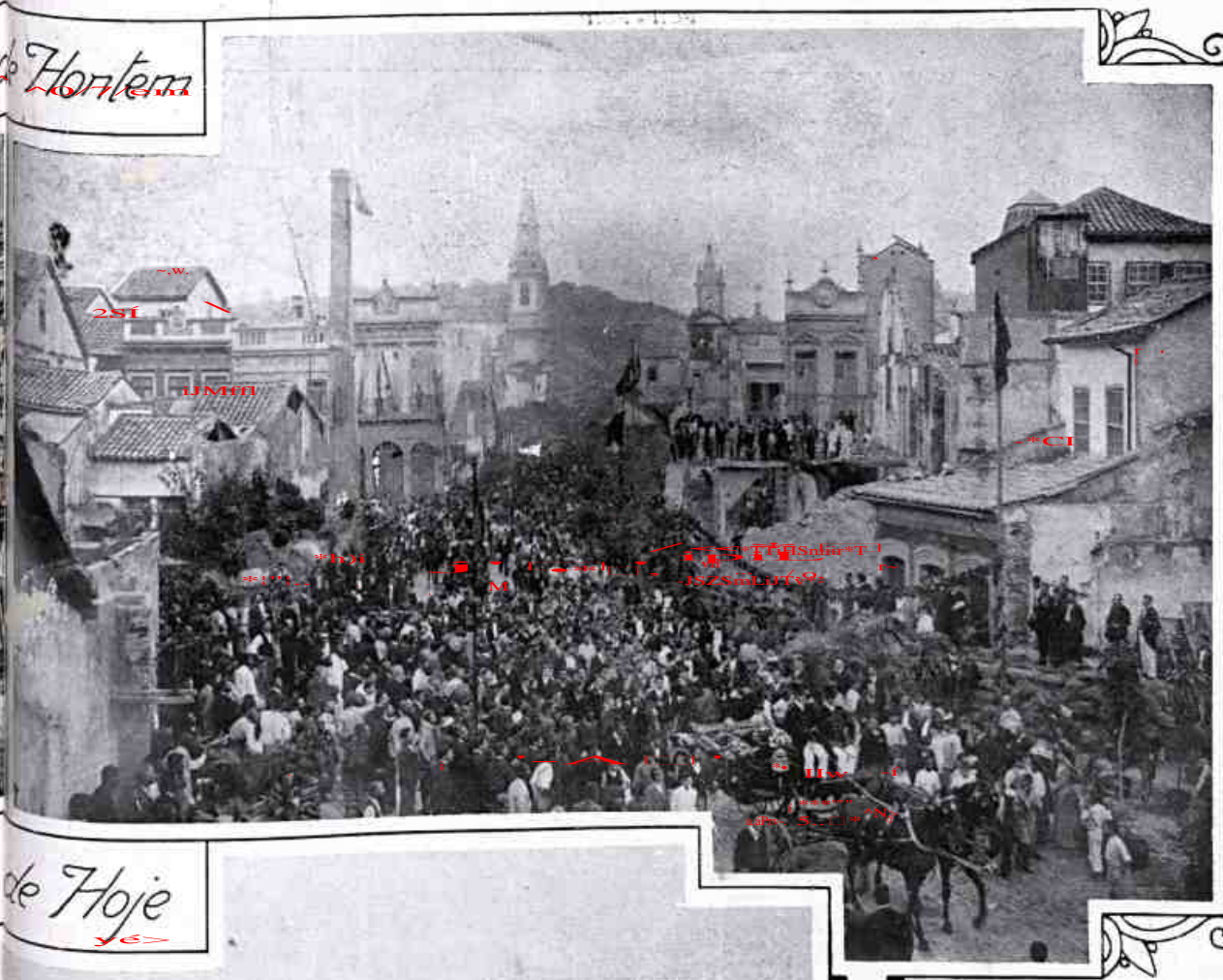
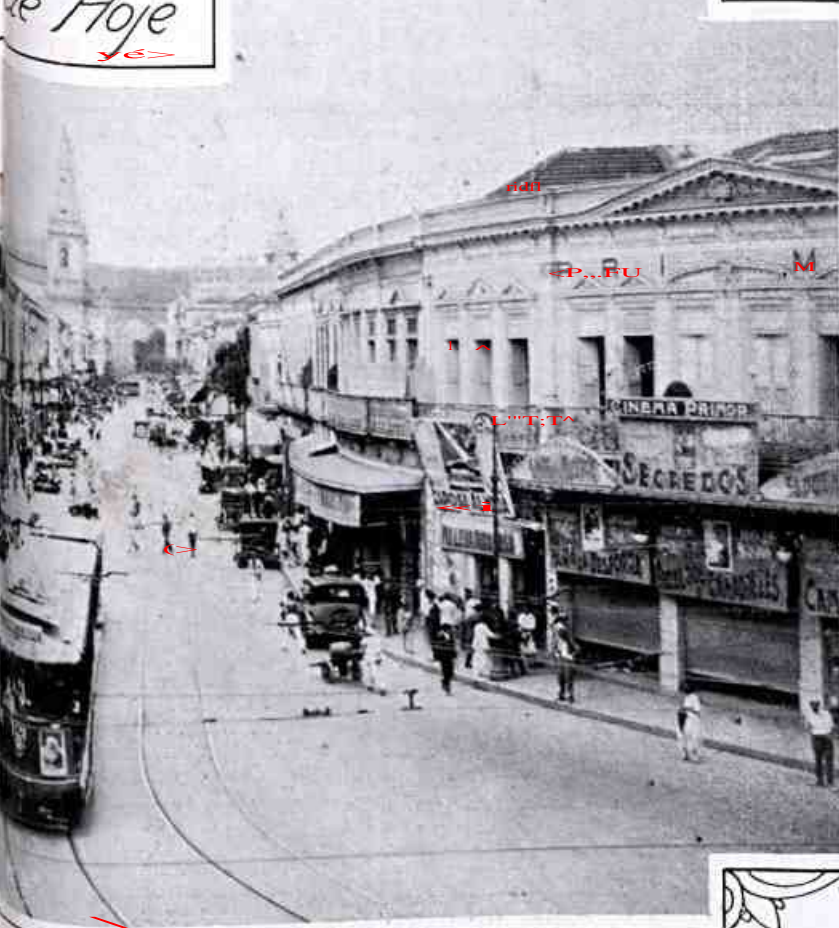
Benevenuto Berna modela o barro, esculpe o marmore, vasa o metal nas fôrmas cuidadas com esmero e amôr... mas nunca descura do problema da nacionalização da Arte, do ensino de artes plasticas, da diffusão do desenho. Elle modela as suas acções no rythmo explendido em que oscilla sua alma encantada de belleza.

Cartier, conteur, novelista, theatrologo, poeta, ironista, desenhador de topicos causticantes ou pintor de chronicas elogiosas aos amigos, é sempre o remanescente de uma nobre e gloriosa estirpe que as auras pampeanas acariciaram no berço.

Juliano sorri o seu sorriso tão diversamente interpretavel como o da "Jocunda" fascinante e raptada, de Leonardo.

Parece, entretanto, traduzir:

— *Eu vos contemplo a todos* e, introspectivamente, me admiro tambem de mim!

HERNANI DE IRAJÁ.

Deante desses flagrantes photographicos, a impressão que se tem é a de que um terremoto destruira um trecho da nossa bella metropole. No emtanto, o que elles revelam é apenas o effeito do sôpro da civilização, que, reduzindo a escombros velhos pardieiros e edificações coloniaes, fez surgir, dessas ruinas, a elegancia architectonica das modernas ruas cariocas.

Ahi temos a demolição de um trecho da cidade para o prolongamento da rua Sacramento; depois, a inauguração desse prolongamento; e, por fim, a bella e arejada Avenida Passos, que resultou daquella antiga via publica.

(Do Album do photographo Malta).

Balcão Florido

ROSAS DE TODO ANNO

A cabeça alva, muito alva da avózinha, a que os flócos da neve do tempo davam um aspecto singularmente majestoso e venerando, agitava-se, movia-se de um lado para o outro, num gesto de censura, e de desgosto.

Seus olhos, mal illuminados, fixaram-se distante, como se fizessem um grande esforço visual para rasgar e penetrar a nevoa do tempo que ante elles se condensara como uma cortina de fumaça...

Um longo suspiro fez-lhe arfar o collo riscado de rugas. E uma lagrima, que ella não poude conter, embaciou-lhe a retina fixada, lá, longe, no mundo de saudade do seu passado...

— Outrora tudo era tão ... erente!...

— Mas, avózinha, nada estaciona: tudo, na vida, se transforma, evolúe, progride...

— Evolúe, progride — dizes tu, quando, na realidade, minha filha, o que se dá, o que observa tua velha avó, com relação ás coisas da alma e do coração, é que o perfume do sentimento desapparece a pouco e pouco do ambiente em que vivem os modernos, os novos, a chamada gente civilizada de hoje. Para vocês: aviões rasgando o espaço, electricidade, radiotelegraphia, e outras coisas, são a significação do espirito do seculo e a caracteristica exclusiva da idéa de progresso n: civilização actual...

— Mas, avózinha, não achas, então, que tudo isso é maravilhoso e bastante para encher de orgulho a todos nós?

— Talvez, se a todo esse progresso de ordem material tivesse correspondido um outro tambem de ordem moral, e de natureza affectiva — a cultura do sentimento, que desapparece da face da terra...

— Avózinha, não sejas intolerante assim, sê razoavel. Por mais presa que estejas ao teu passado vestido de neve, cheio de anquinhas e cabelleiras empoadas, convem, queridinha, que, mesmo moralmente, temos evoluido muito.

Por exemplo, nós, as mulheres, estamos, hoje, quasi completamente emancipadas...

— Emancipadas? Pobres loucas que não comprehendem o mal que estão fazendo a si proprias!...

Minha filha — acredita — nunca a mulher me pareceu tão infeliz, como hoje. Na sua supposta libertação ella irá encontrar sua maior desillusão — seu completo desencanto perante o homem e, com isso, a perda total do que foi, até agora, a maravilhosa varinha de condão do seu prestigio e dominio junto a seu companheiro...

— E esse condão, avózinha, foi...

— A sua propria fraqueza. A mulher *forte*, a mulher emancipada, vae ser a mulher desprezada, materializada, sem outro attractivo para o homem.

— Ora, avó; e o amor?

— Amor? Pensas, então, que o amor ainda existe? Amor, amor era o amor de outrora, todo feito de sentimento e de idealidade. Um amor que era todo coração, todo alma, minha filha. Delicado, terno, carinhoso, solicito. Hoje...

— Hoje...

— Brutalizaram-no tanto, tanto, que transformaram o mais bello e o mais nobre e o mais puro sentimento da humanidade num simples impulso de animalidade, instinctivo, ás claras, sem que a alma o velasse e o coração o perfumasse...

Outrora... outrora não se via o que vejo, agora, minha filha. Ainda ha pouco, da janella do meu quarto, meus olhos quasi apagados passeavam pelo jardim a sua melancolia e a sua saudade, quando te viram, num aconchego que não é decente, com o teu noivo... Uma donzella de outrora não procederia assim, nunca, nunca! O sangue — todo o pudor da minha velhice honrada, veio-me ao rosto enrugado...

— Mas, vóvó, não te zangues, não me censures de tal maneira! Hoje é assim, ama-se assim, com uma certa liberdade...

— Isso não é amor!

— Que é, então?

— Maluquice! Pura maluquice! A gente, a geração de hoje está doida, doida de camisa de força!

— Avózinha — dize-me — nunca beijaste o vôvô?

— Se beijei!...

— Não gostavas tambem de beijal-o?

— Se gostava!...

— E então?...

— Sim, filha...

— Já estás a sorrir, heim, minha sonsinha?

— Mas, minha querida tudo isso se fazia veladamente, discretamente...

— Ah! e somente ahi a differença, avó. O que vocês faziam por traz das cortinas, ou sob o refugio casto dos cara-

Mlle. Waldina Figueiredo é, entre as figuras elegantes que veraneiam, presentemente, na ilha do Governador, considerada a moça mais bonita. E'? Não é? O seu bello sorriso que fale por nós...

mancheis em flor, nós — as de hoje — fazemos mais ás claras, com franqueza, sob a luz quente do sol...

— Mas o amor, filha, foi feito para se expandir ás escondidas, na penumbra...

— Um amor de lusco-fusco... Ora, avózinha, confessa que ao teu velho amor de sombras, de esconde-esconde, é bem melhor o amor moderno, que se manifesta sem receio, sem temores futeis, á luz clara do sol ou no velario da noite...

— Se é por amor, realmente, que vocês assim agem, talvez que tenham razão... E' tão bom amar, ser dominada por um grande e profundo amor!

— Amaste muito, hein vóvózinha?

— Muito e ainda amo, minha filha, porque se acaba amando a saudade do proprio amor...

JARDIM ALHEIO

MADRIGALES

Este ramo hecho de prisa
de cancioncillas banales
alegres y matinales
de rocio y resedá.

Madrigales
son, entre el llanto y la risa,
papeles, que son papeles
alegrías y orópeles
y ruido que se va,
cascabeles.

Están hechos para ellas,
y no son más que miradas
de amor que no deja huellas
en sus caritas rosadas
y apenas causan rubor.

Deshojadas
flores de todos colores
que renacerán después.
Y en su olor
conservan si es no es
agridulce de un amor
que vuelve como las flores.

MANUEL MACHADO

SAUDADE...

Ia fechar esta pagina quando me lembrei de você. E na sua distante figurinha de mulher concentrei toda a luz que se

Mlle. Hyldeth Favilla é uma joven poetisa que acaba de publicar um poema intitulado «Sarabanda illuminada». Nesse livro, a sua autora conta as suas illusões, que são muitas, e a suas desillusões, que são poucas, a julgar pela torrente lyrica, sentimental, que innunda as suas paginas inspiradas...

---

irradiava de meus olhos, cheios de você, e toda a ternura e todo o carinho que se agitava, em alvoroço, na amphora de sentimento de meu coração, tambem cheio de você.

Esquecer? Se eu conseguisse, um dia, riscar você, seu petit nom, tão lindo e pequenino como sua figurinha frêle, mignonne, souple, de rola da matta, da minha recordação, talvez fosse mais feliz e maior alegria, de certo, rythmaria a minha vida...

Mas você é o exquisito, bizarro e estonteante perfume da minha vida, você que é a sombra de mim proprio a projectar-se no infinito da minha saudade — suave e sempre abençoado perfume das folhas seccas do meu passado.

E eu vivo de você porque vivo da sua saudade...

SOCIEDADE

O banho das sereias — E' amanhã que se realizará o banho de mar á fantasia promovido pelo Atlantico Club. No lindo recanto de Copacabana, que é o Posto 6, reunir-se-á, assim, amanhã, toda a gente fina e aristocratica que o frequenta, para render a Momo, com esse baptismo nas aguas revoltas e glaucas da Guanabara, as primicias do seu culto ao deus Folião.

Animando o festival aquatico do Atlantico Club, três bandas de musica lá estarão a executar as mais modernas peças carnavalescas.

Um banho *au grand* completo, esse: á fantasia, ao rythmo caricioso das ondas e aos saracoteios dos sambas...

*

— E' hoje que o Praia Club inaugura sua temporada carnavalesca, com o baile á fantasia que realizará nos luxuosos salões de sua séde, ornamentados e illuminados *á giorno*.

*

— Continua a despertar grande interesse nos circulos da alta sociedade carioca o deslumbrante baile á fantasia, a realizar-se segunda-feira de carnaval, no luxuoso e amplo salão do Gymnasio, do Fluminense F. C., cuja decoração vae constituir uma nota de verdadeira sensação, pela sua originalidade e surprehendente belleza.

*

— Nos salões do Hotel Gloria o Tijuca Tennis Club levará a effeito na noite de hoje um baile carnavalesco, offerecido a seus associados, e que, de certo, honrando a tradição de elegancia e mundanismo da sympathica associação, constituirá um grande acontecimento na vida do nosso "grand-monde."

MEU CARNAVAL

Guizarreante e querido Carnaval de meu coração — meu amor — vem, que Mômo já te sagrou a volitante e vaporosa Colombina de minha alma em festa!

Vem!

Ansioso, o Pierrot que se agita dentro de mim — o mesmo Pierrot que tanto fizeste soffrer, ainda o anno passado — aguarda-te para a grande e deslumbrante festa da Loucura que, mais uma vez, me impelle para ti, para a volúpia vermelha de teus lábios, desses lábios estuantes, palpitantes de beijos quentes, que, novamente, vou disputar a Arlequim.

Meu amor, minha querida, meu delicioso e amargo Carnaval de volubilidade e brejeirice, vem, vem...

HELIANTHIO

A CANÇÃO DOS OLHOS

Ha uma dôr profunda nos teus olhos. Igual á dôr que ha nos meus.

Nas serenas manhãs de verão, sob a luz forte que atravessava a espessura dos estores, quando os meus labios procuravam os teus labios, eu via teus olhos côr de oiro como um raio de sol...

Ha uma dôr profunda nos teus olhos. Igual á dôr que ha nos meus.

Nos crepusculos suaves do inverno, á triste claridade que vinha da janella aberta para o mar, quando os meus labios procuravam os teus labios, eu via teus olhos côr de violeta como um canteiro florido do meu jardim...

Ha uma dôr profunda nos teus olhos. Igual á dôr que ha nos meus.

Nos deliciosos dias da primavera, ao clarão perfumado do sol lavando a serra e o campo, quando, no meio do perfume das flôres e do canto dos passaros, os meus labios procuravam os teus labios, eu via teus olhos côr de oiro como o esplendor da natureza...

Ha uma dôr profunda nos teus olhos. Igual á dôr que ha nos meus.

Nas noites melancolicas do outomno, sob a prata diluida da lua, quando caminhavamos enlaçados pelas claras alamedas juncadas pelas manchas de sangue das fôlhas sêccas, divagarinho, e os meus labios procuravam os teus labios, eu via teus olhos côr de violeta como a sombra do luar...

Ha uma dôr profunda nos teus olhos. Igual á dôr que ha nos meus.

O professor Marcos R. de Salles é o illustre violinista e compositor patricio que acaba de seguir para a Bahia, aonde vae com a dupla e nobre missão de visitar sua veneranda progenitora e dar um recital de arte. Innumeras composições novas, de sua lavra, leva o prof. Marcos R. de Salles para executar em sua terra natal. De retorno ao Rio, o artista brasileiro terá occasião de apresentar aos admiradores do seu violino privilegiado essas composições ainda aqui desconhecidas e que, de certo, darão uma nova auréola de prestigio ao seu já consagrado nome.

CHEIA DESCONHECIDA

Vasa tanto esse rio em que o negrume
Das aguas surge de uma lenda antiga,
Que, si o não conhecer, não ha quem diga
Como elle a massa liquida resume.

Ao transbordar na cheia do costume
E' quando a vida em seu redor periga,
Invade os seios da floresta amiga,
Qual nunca visto impenetravel nume.

Assim tambem o coração humano:
Vasa dia, semana, mez e anno,
Evocando passados ideaes.

Mas sempre que uma nova cheia o inunda,
A força da paixão vem tão profunda,
Que o proprio homem não conhece mais.

O TEMPLO

Seja o templo qual fôr, diversa a crença,
Um laço ignoto prende a humanidade...
Por mais que se mutile a liberdade,
Mais brilha e surge com pujança immensa.

O direito, a razão não ha quem vença,
Por mais que o crime dos despotas agrade...
O homem tem horror á iniquidade
E o homem luta, porque o homem pensa.

Um galho em prol da lei faz-se floresta...
Esmagado um principio, o homem protesta,
E o protesto relampagos produz.

Ha no templo esperanças e mysterios...
E' que toda a riqueza dos imperios
Não vale uma sandalia de Jesus.

João Barreto de Menezes é filho do grande poeta e jurisconsulto brasileiro Tobias Barreto de Menezes. Móra em Recife, de onde nos mandou esta pagina, inédita, para FON-FON. Membro da Academia Pernambucana de Letras, João Barreto de Menezes é um temperamento irrequieto de jornalista e tribuno, tendo um passado que recommenda a sua combatividade de lutador insatisfeito. Serviu longos annos no Exercito, como alumno da antiga Escola Militar do Ceará e da do Rio. Foi revolucionario contra o governo de Prudente de Moraes, tendo sido, por esse motivo, preso e desligado da Escola do Ceará. Esteve, porém, ao lado de Floriano Peixoto, na revolta de setembro de 1893, fazendo parte de todas as expedições destacadas do cruzador «Nictheroy». Quando os acreanos se rebellaram contra o dominio da Bolivia, antes da solução diplomatica do litigio, João Barreto de Menezes esteve ao lado dos nossos patricios e com elles combateu no assalto a Ponto Alonso. Tambem esteve em Canudos, a cuja luta assistiu como amanuense particular do commandante em chefe, general Arthur Oscar

E ahi está a curiosa biographia desse bello poeta de Pernambuco, que inicia hoje a sua collaboração em FON-FON

O POSTE

Aquelle poste immovel, solitario,
Que tem com elle outros irmãos erguidos,
E' a unica fé dos illudidos,
Refrigerio de longo itinerario.

Assim ao nosso olhar, nossos sentidos,
Assignalando tragico fadario,
Em cada poste emerge o inventario
De um passado de dons inattingidos.

Cada poste na vida é uma sentença...
O homem pára quando o avista e pensa
Que a subida está perto do Sinaé.

O mundo é uma illusão que nunca cessa...
Em cada poste brilha uma promessa,
Mas ah! da vida quando o poste cáe.

O AMOR DOS BOIS

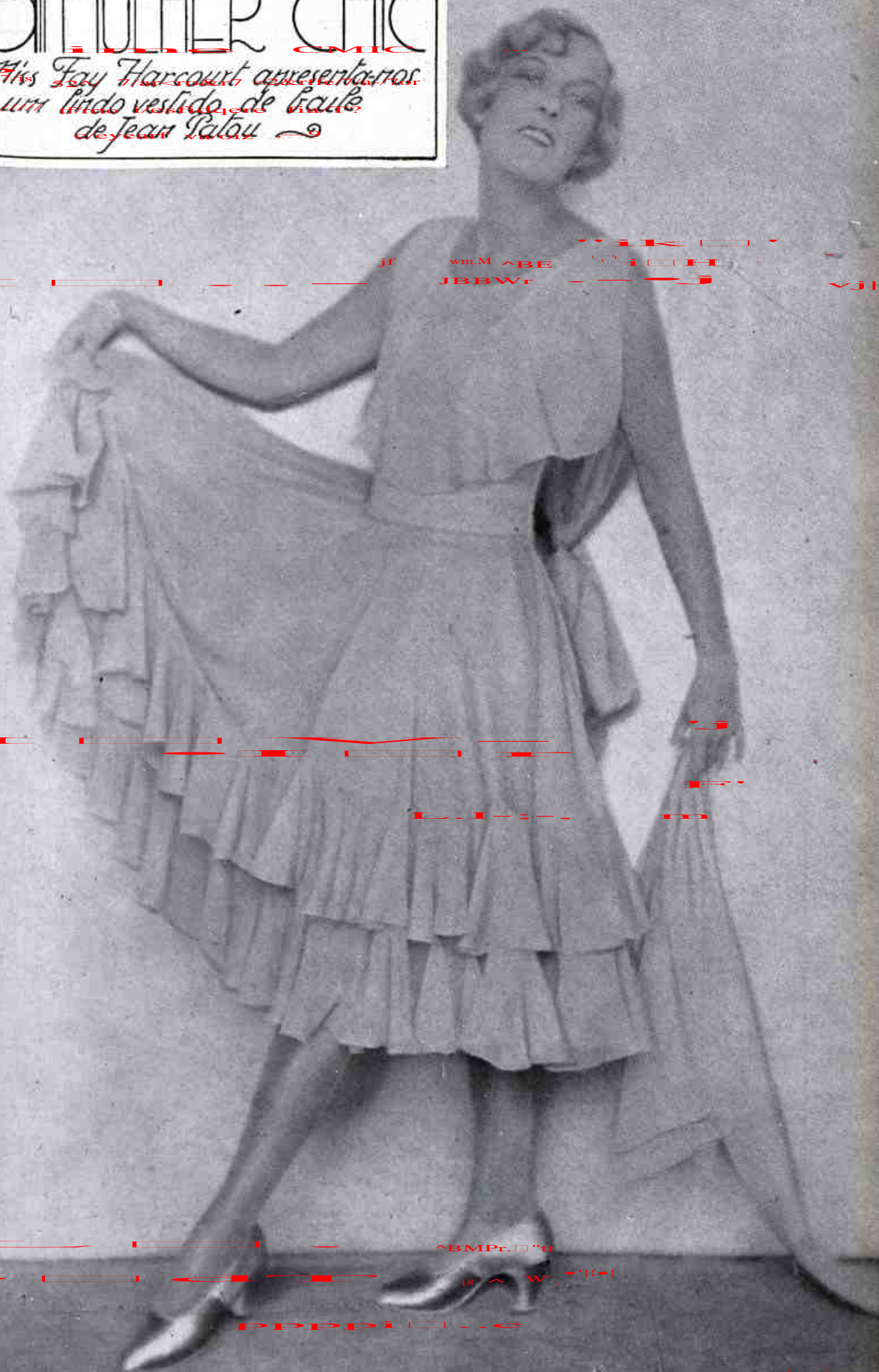
Sempre que a ossada vê dos semelhantes,
E' quando o sangue lhes conhece e cheira,
Muge triste a boiada a tarde inteira,
Enternecendo as almas mais distantes...

A serra sobem, descem lacrimantes
Os bois, doendo ver aquella esteira
Ao longe, e a gente que talvez não queira,
Tambem tem de chorar nesses instantes.

O boi soluça ante a fraterna ossada
E a natureza humana anda fechada
Por egoismos que o destino impoz.

Si os seus não chora e os olha indifferente,
E' que de certo o coração da gente
Não tem o amor do coração dos bois.

Miss Juliette Compton ostentando uma toilette — ultima creação — de Jean Patou

A MULHER CHIC
Miss Fay Harcourt apresenta-nos
um lindo vestido de baile
de Jean Patou

LITANIA DA INSCMNIA

Si tu soubesses o desespero das minhas noites de insomnias, estremecerias de piedade...

Trevo densa. O ar morno do aposento abafa. Contorço-me no leito humido e amarfanhado. O pensamento é como uma fera enjaulada. Caminha para lá e para cá no mesmo passo isochromo, rythmado e, ao mesmo tempo, angustioso. Os meus olhos apunhalam a escuridão. E os meus ouvidos apunhalam o silencio da escuridão...

Si tu soubesses o desespero das minhas noites de insomnia, estremecerias de piedade...

Luar. Pelas frestas das venezianas, a luz leitosa e triste penetra no quarto tranquillo. Ha uma lividez em tudo. Nas proprias sombras. E' como um sudario diaphano sobre as coisas. Espeto os cotovellos nas almofadas e fico de olhos immotos na suave claridade venenosa. E a monotonia tiquetaqueante do relogio copia a tiquetaqueante monotonia do meu pensamento...

Si tu soubesses o desespero das minhas noites de insomnia, estremecerias de piedade...

Nem luar nem treva. No manto azul negro do céo as estrellas devem estar pestanejando. Porque pelas fendas das janellas, côam-se fios de prata. A gloria sideral dos astros mal se reflecte no ambito da camara fechada. Pingos de luz aqui e alli. Na cantoneira de bronze dum movel. No bojo dum jarro de metal. No polimento dum bibelot de porcelana. O menor ruido que quebra o silencio ecôa no silencio da minha alma presaga, desusadamente. E os meus olhos, que vêm sem olhar, olham sem ver...

Si tu soubesses o desespero das minhas noites de insomnia, estremecerias de piedade...

A nova directoria do Patronato Juridico dos Condemnados, recentemente eleita, tomou posse na penultima quinta-feira, em solennidade que se realizou no edificio do fôro, com a presença de representantes das altas autoridades e pessôas gradas. A gravura acima fixa um detalhe dessa solennidade, na occasião em que falava o dr. Paschoal Carlos Magno.

CINZAS

Por que voltaste? Por que vieste revolver as cinzas já frias do meu coração?

Sabias que o Esquecimento me cobrira com a sua aza e á sombra della eu olvidára tudo, tudo...

Esquecêra a tua belleza fascinadora, esquecêra a tua imagem, esquecêra o som da tua voz dominadora, o teu olhar, a caricia das tuas mãos divinaes, o perfume dos teus cabellos, a côr da tua tez e o ruido dos teus passos...

Esquecêra as phrases que me disseste, as juras que me fizeste e a felicidade que me prometteste; tudo eu olvidára, tudo eu esquecêra... Quando tu me fugiste, turvou-se-me o cerebro e o fogo do meu amor por ti consumiu o meu coração.

Eras bella de mais, eras grande de mais para mim; tinhas o throno da Belleza, o sceptro da Intelligencia, a corôa da Nobreza.

Eu tinha, apenas, um coração.

Baixaste, do alto do teu throno, um olhar para o pobre que apenas supplicava a esmola de te ver; estendeste para elle a tua nivea mão e para elle sorriste.

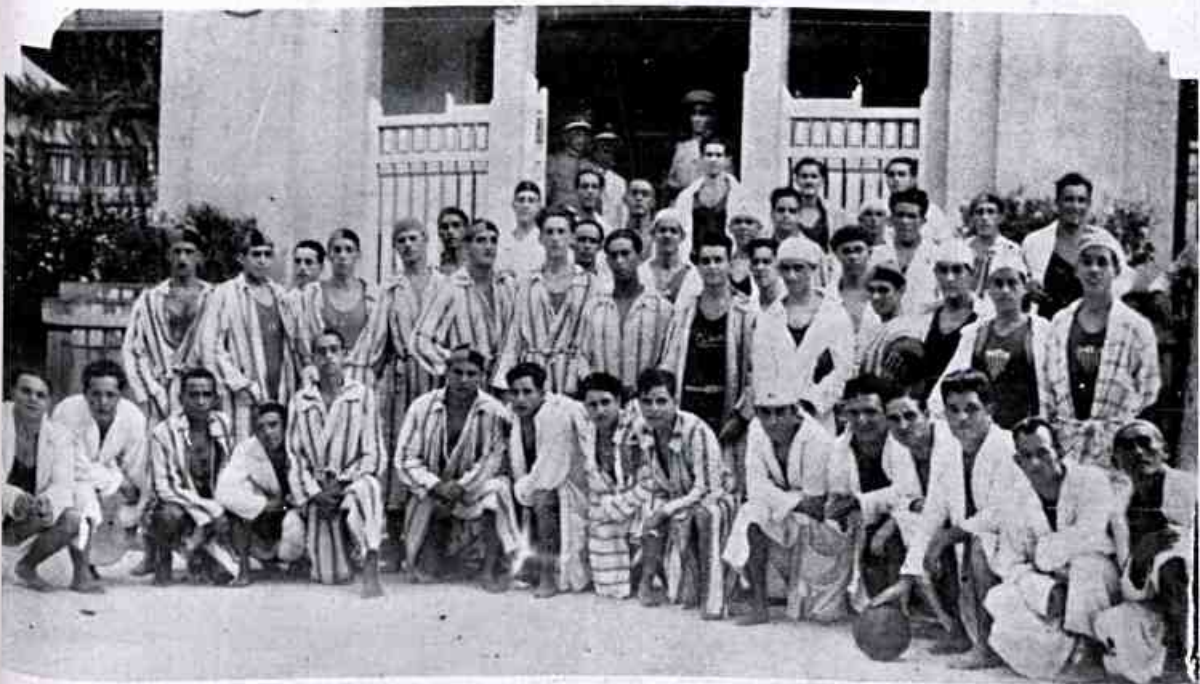
Disseste ao misero que pousasse os seus labios na fimbria do teu manto; fizeste viver no peito delle o amor forte e indomavel de um Quasimodo, e elle sonhou com o céo.

Depois... depois fugiste, deixando-o acorrentado ao ergastulo do soffrimento.

Elle soffreu, chorou, carpiu em silencio, sem um brado de revolta, sem um gemido de dôr.

E agora, quando nada mais existia para elle, quando afinal a paz do esquecimento batêra á porta do seu coração, tú voltas, mais bella do que nunca, mais seductora do que outr'ora, exigindo que o seu coração, como a Phenix da lenda, renasça das proprias cinzas para tornar a soffrer!

Pára! Não revolvas mais essas cinzas frias; do coração que te amou só resta esse pugillo de cinzas...

ASTAROTH.

Grupo de «sportmen» que participaram do torneio de water-polo domingo ultimo realizado na piscina do Fluminense Foot-ball Club, para a disputa do campeonato brasileiro.

Malba Tahan

FOI justamente quando publiquei o meu primeiro livro, que recebi o de Malba Tahan, o notavel escriptor musulmano.

Seguindo a praxe literaria, ou antes, um méro dever de cortezia intellectual, offereci-lhe o "Suave enlevo", e guardei, na minha estante, os famosos "Contos" de Malba Tahan, traduzidos directamente do original arabe, conforme a nota que trazia na sua primeira pagina.

Confesso que o habito de ser ludibriado com a maioria dos livros nacionaes, onde raramente encontramos alguma coisa digna de apreço literario, não me animou a folhear o volume do "conteur" oriental. Não por ella, mas pela traducção.

E, assim, foi o tempo correndo, e os contos de Malba Tahan lá ficaram na prateleira do meu pequeno armario, entre Maeterlinck e D'Annunzio.

Em todo caso, a companhia não lhe era má...

Uma noite, porém, conversando com uma joven escriptora, dada á leitura de assumptos orientaes, falou-me ella de Omar Kayyan, Franz Toussaint e Malba Tahan. A este se referiu com enthusiasmo fremente; e, como me perguntasse se já o havia lido, tive o pudor de revelar a verdade...

Sim, já o lêra, declarei. A prova é que o tinha na minha bibliotheca.

De volta á casa, o meu primeiro cuidado foi travar conhecimento com o autor do «Céo de Allah».

E' escusado dizer que fiquei revoltado commigo mesmo. Não me pude explicar como foi que commettera o feio crime de deixar aquella obra preciosa tantos dias na minha estante, sem me dar á curiosidade de folheal-a.

Em compensação, quando comecei a lel-a, fui até ao fim. Não só em homenagem ao autor, mas ainda e, sobretudo, porque a leitura a isso me obrigára.

Sendo typicamente oriental, Malba Tahan é um escriptor que fala ao sentimento de todas as raças e de todos os homens. Porque nas suas paginas não ha propriamente, da parte do escriptor, o interesse de fazer literatura, de prender a attenção do leitor pelos seus processos psychicos e pelo brilho estylistico. Não! O que ha na obra de Malba Tahan é o sincero desejo de evangelizar. Não com o espirito thaumaturgico de um Santo Antonio, de um São João, de um S. Francisco de Assis, mas como um simples mortal que bebeu muita sabedoria nos livros sagrados do Oriente, e se limita a prégal-a, sob uma fórma parabolica, por vezes matisada de uma ironia tragica, ou empolgante, pela philosophia que encerra.

Assim, Malba Tahan não é um literato, como D'Annunzio, que seduz com as suas galas verbaes; é, antes, um Rabrindanath Tagore, em cujas narrativas se encontram identificados o philosopho e o sacerdote de uma religião de belleza e de amor, da bondade e perdão, empenhados em ensinar aos homens de hoje o caminho da Perfeição e da Luz.

Acaso será preciso seleccionar os seus contos, dizer qual é aquelle onde mais se affirmam a sua technica e a sua arte de expôr? Basta dizer, creio eu, que em todos os seus capitulos condensou uma pagina real da vida humana, — com as suas paixões, os seus sentimentos, as suas virtudes e os seus defeitos. Umas fazem sorrir; outras enternecem; outras nos arrepiam e desorientam. E nisso está o bello triumpho da sua obra.

Bastos Portela

A sra. Nair de Teffé na Exposição Canina de Petropolis, com os cães «Fox», que levantou o «Grande Premio Criação Nacional», e «Mutt», que conquistou o «Primeiro Premio». São ambos da raça São Bernardo. A' esquerda, «Fly», contemplado tambem com o «primeiro Premio». «Gyp», que se vê á direita, obteve o segundo premio (medalha de prata).

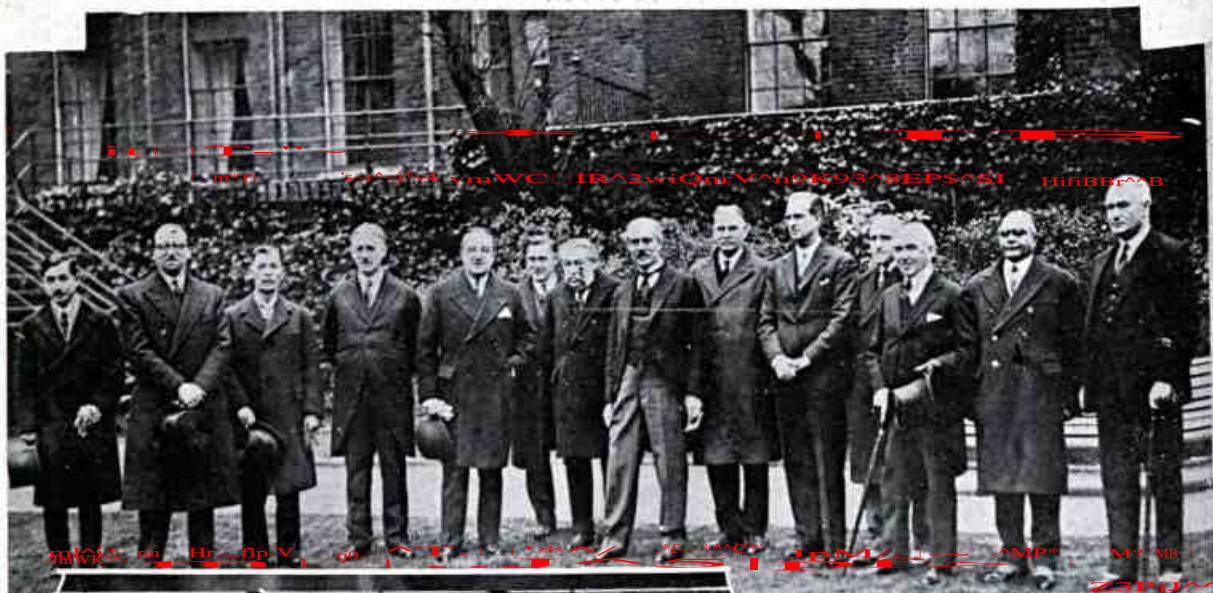
Este bello exemplar da raça Collie, e que se chama «Fan-fan», foi tambem premiado na Exposição Canina de Petropolis.

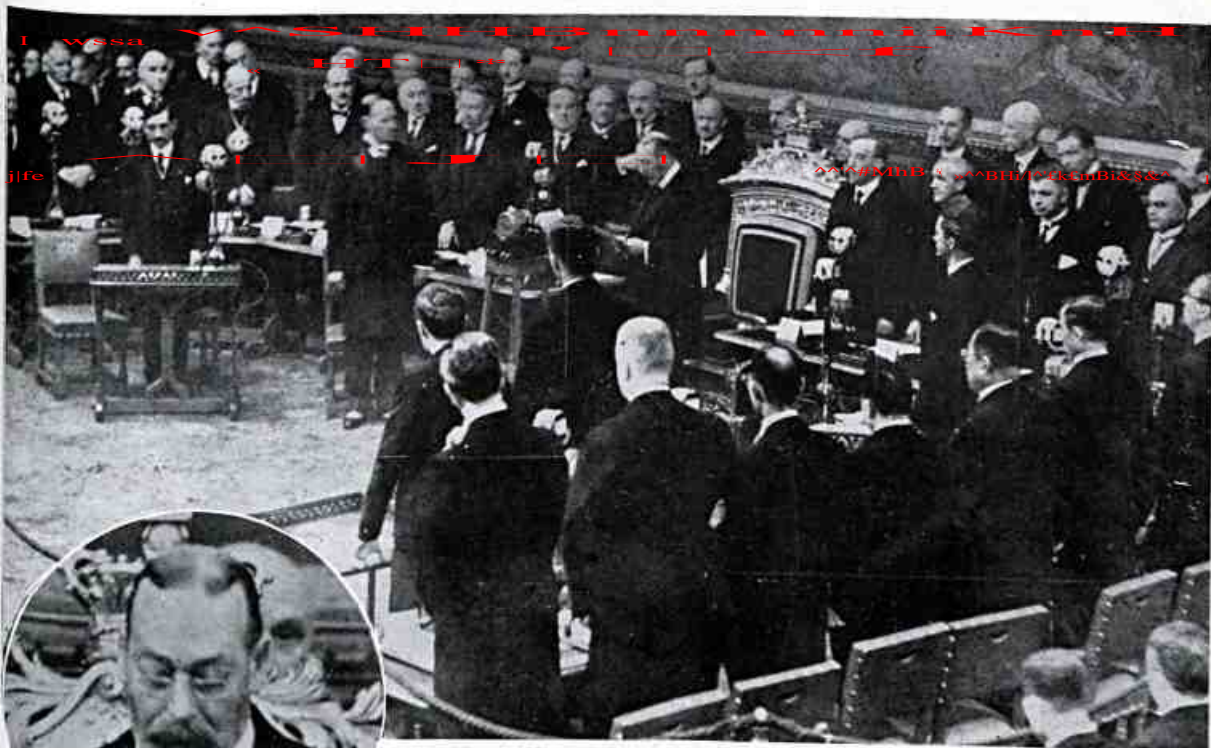
«[illegible]» é o nome desse bonito cão da raça São Bernardo, que figurou com destaque na Exposição do Palacio de Chrystal.

A EXPOSIÇÃO CANINA DE PETROPOLIS

Constituiu uma das festas mais encantadoras deste verão, em Petropolis, a Exposição Canina, domingo realizada no magnifico parque do Palacio de Crystal, sob os auspicios do Brasil Kennel Club.

A elegante sociedade petropolitana, nos seus elementos mais representativos, ali esteve presente, dando assim uma nota de graça e fidalguia ás lindas alamedas daquelle recanto florido e prestigiando o certamen do Brasil Kennel Club.

Por nimia gentileza da commissão directora da Exposição, offerecemos, nesta pagina, algumas photographias inéditas, tomadas domingo ultimo, no Palacio de Crystal, especialmente para FON-FON.

A CONFERENCIA DO DESARMAMENTO NAVAL

Os delegados estrangeiros que tomaram parte na sessão inaugural da Conferencia de Desarmamento Naval, que presentemente se realiza no palacio St. James, em Londres. São elles, da esquerda para a direita: Saito (interprete japonez), Grandi (italiano), Wakatsuki (japonez), Stimson (norte-americano), Tardieu (francez), Mantoux (francez), Briand (francez), MacDonald (inglez), Feuton (australiano), Ralston (canadense), Water (sul-africano), Smiddy (irlandez), Chatterjee (indiano), e Wildord (Nova Zelandia). Apparecem ahi quando visitavam o Downing Street, e fazendo, deante do microphone, pequenos discursos para um film falado.

Aspecto da galeria real da Camara dos Lords, durante os trabalhos da installação da Conferencia de Desarmamento Naval, e o rei Jorge V lendo o seu discurso na grande solennidade.

O sr. Stimson, delegado dos Estados Unidos á Conferencia de Desarmamento Naval, reunida em Londres, discursando na sessão inaugural da importante assembléa internacional, e s. ex. cumprimentando o sr. MacDonald, delegado inglez. Vê-se á direita o secretario de Estado americano e o ex-primeiro ministro francez, sr. Tardieu.

TREPAÇÕES

JÁ eram velhos conhecidos, pois muitas vezes haviam cruzado as ruas de Petropolis trocando sorrisos amaveis.

O acaso feliz de um *tête-à-tête*, no comboio, a caminho da cidade serrana, proporcionou a ambos um conhecimento mais intimo, cujo encanto vae sendo cultivado com muito carinho e intelligencia.

Os recantos mais pittorescos têm sido visitados pelos dois, que se divertem em longas caminhadas romanticas, mas, tudo feito com tal discreção, que as más linguas ainda não tiveram occasião de trabalhar, desvendando o mysterio...

E, si forem pilhados um dia, na curva de uma estrada, o escandalo será fatalmente ruidoso, porque elle e ella não são creaturas livres, e, assim, não podem impunemente afrontar a sociedade, de mãosinhas dadas e labios unidos...

Dir-se-ia que ambos esqueceram as conveniencias sociaes e estão compondo um romance de amor para emprestar á vida o encanto, a alegria, que já não encontram no lar.

Sonhadores...

MADAME chegou precisamente no instante em que o marido estava em começo de execução de uma grande maroteira.

No momento psychologico, surgiu *madame*, como por encanto, e a sua amiguinha quasi perdeu a linha, compromettendo-se lamentavelmente.

Foi ainda o *pirata* quem, num golpe de audacia e astucia, conseguiu salvar a situação, apparentando calma, e transformando a entrevista, ha muito desejada e preparada pelo telephone, em um banal encontro de rua, producto do acaso feliz...

Madame metteu-se entre os dois com o decidido proposito de armar escandalo, porem, talvez reflectisse a tempo, recuando, evitando a attenção publica em torno de um caso todo intimo.

O *pirata* foi apanhado pelo braço, posto no automovel e não teve outro remedio senão controlar a raiva para não fazer tremer o volante.

A outra ficou espetada na calçada, sorrindo amarello e decepcionada para o automovel que partia.

Madame teve uma sorte phenomenal, porque perdeu a amiga, mas reconquistou o marido...

Anna Maria, a galante filhinha do dr. Urbano Pedral Sampaio e da professora municipal d. Dalka Autran Pedral Sampaio.

UM desastre financeiro levou o sympathico negociante a perder não sómente os bens de fortuna mas, o que é tambem doloroso, o seu bem amado.

Era de prever, pois uma desgraça arrasta outra.

Vivendo cercada de largo conforto, ella certamente, tinha de tomar rumo, procurando quem estivesse em condições de marchar com as despesas do lindo *bungalow* que habita.

A renuncia do homem é coisa banal, facil, mas, a do luxo, é, para a mulher, uma coisa incomprehensivel, idiota...

Ella resolveu não abrir fallencia e arranjou outro socio capitalista que assumiu toda a responsabilidade do passivo da firma...

O *bungalow* continúa movimentado, alegre, com automovel á porta, tudo como dantes...

Só o dono da casa mudou, porque até os creados continuam os mesmos.

Mas, tambem por que o sympathico negociante fez a asneira de perder tudo quanto possuia?...

Clio é a interessante filhinha do conhecido tenor José Vasques e de sua senhora, d. Lygia Vasques.

MADAME, na sua luxuosa *limousine* vermelho-escura, ia subir para a linda cidade serrana. Ansiosos, dois cavalheiros aguardavam-lhe a chegada: Um — o marido — conforme aviso do *chauffeur* camarada — a meio caminho, no meio da serra; o outro... o outro, mais em cima, na encantadora cidade das hortensias.

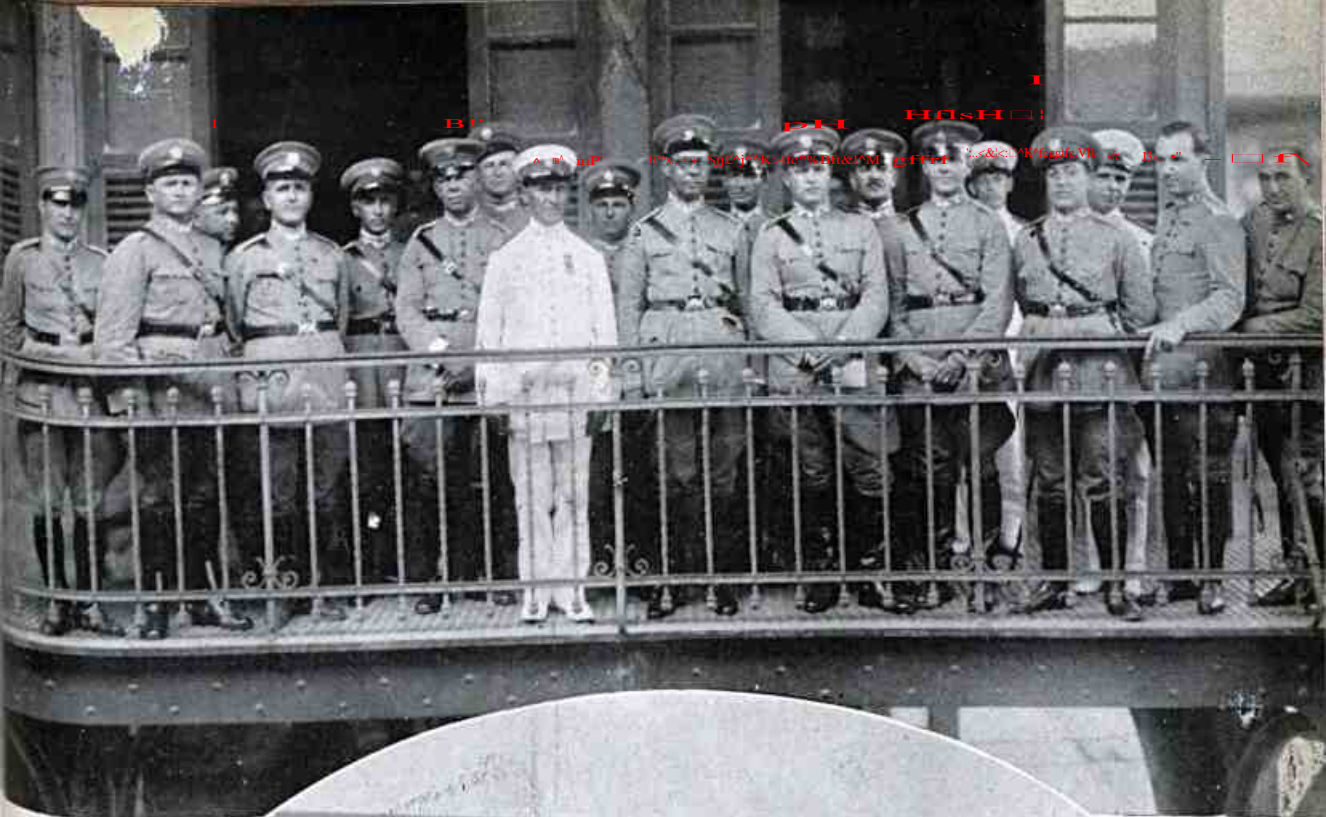
Que fazer, para tolerar, alegremente, a importunação do primeiro, e não zangar o segundo, que a esperava, conforme prévia combinação?

Madame teve, porém, um expediente para sahir da situação de transtorno em que á collocou a tola lembrança do marido. E disse ao chauffeur:

— Quando passarmos por "elle", tira-lhe o bonet, fazendo um cumprimento, para que elle comprehenda que não vou só, que não foi possivel...

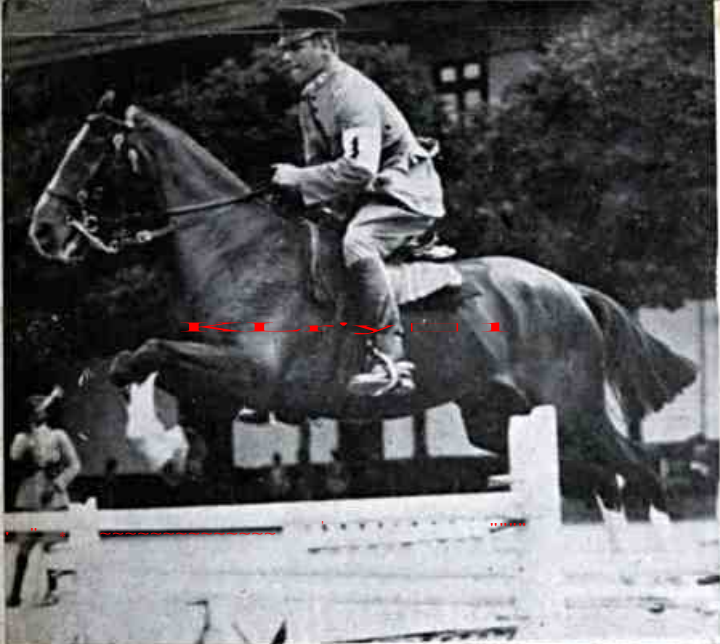
Dito e feito... Elle — o outro — terá, porém, comprehendido a manobra? Comprehendido, sem ter ficado com cara de quem não gostou dessa nova forma de dar signal de:

— Ponha-se ao fresco?...

E' o que não conseguimos tirar a limpo.

Em commemoração ao 15º anniversario do commando do tenente coronel Antonio Barbosa da Paixão no regimento de cavallaria da Policia Militar, realizou-se quarta-feira penultima, no quartel daquella unidade, á avenida Salvador de Sá, uma festa sportiva promovida pelo Regimento de Cavallaria Athletico Club, do qual é presidente de honra aquelle official. Essa festa revestiu-se de grande brilhantismo e constituiu uma expressiva homenagem ao tenente-coronel Antonio Barbosa da Paixão.

O RAPAZ DA BARATINHA...

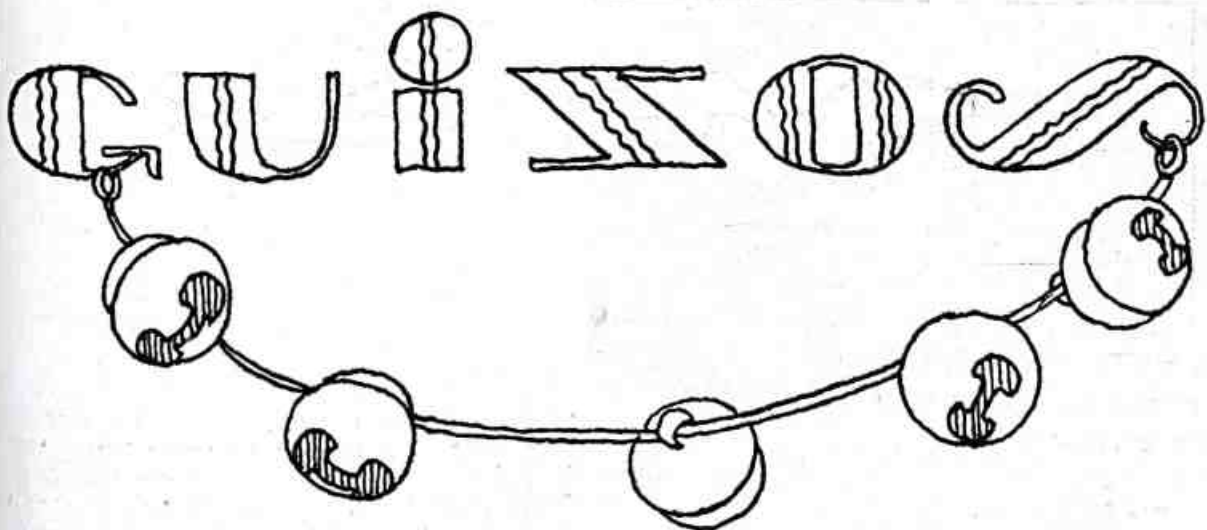
Aquelle rapaz magro, de cara amarella, roupas amarellas e oculos amarellos não poude resistir á belleza estonteante de Melle. X. Elle é feio, muito feio. Tanto que não gosta de se olhar no espelho. Poupando-se assim a dolorosos desgostos. Disseram-lhe, uma vez, que elle, com aquella cara, jamais conseguiria conquistar uma pequena, a menos que se tornasse possuidor de certos predicados, que as mulheres admiram, como, por exemplo, tocar piano, dançar com mestria o tango argentino e ter.... uma baratinha.... Tudo isso conseguiu obter o rapaz feio, á custa de estudos constantes e economias tenazes. Mlle., todavia, não se rendeu. Debalde elle passa, fonfonando, á porta de Mlle. Ella continúa indifferente. E se algum dia delle se occupou foi para chasqueal-o:

— Que pena! Uma cara tão barata numa barata tão cara!... — R. M.

PENSAMENTOS ORIENTAES

Aquelle que quer attingir a verdadeira perfeição deve expulsar a inveja de seu coração.

E' com palavras agradaveis e physionomia sorridente que o homem de bem ganha a affeição de todos, mais ainda que pela generosidade.

Falar sempre com ar amavel, tratar todo mundo com humor igual, é signal de verdadeiro merito.

Flagrantes das provas hippicas realizadas na festa sportiva do quartel do regimento de cavallaria da Policia Militar, em homenagem ao commandante Barbosa da Paixão.

MOSQUITOS...

Os que confeccionam o jornal são justamente aquelles que menos acreditam no seu noticiario sensacional. A razão é simples. O papel de jornal acceita tudo...

Elogiar ou criticar, tudo depende de um simples estado de nervos ou de uma explicação com o gerente da folha.

E' uma verdade dolorosa de confessar, mas, é uma verdade.

E a verdade é o que é, a verdade da coisa está na propria coisa.

Quando foi do surto epidemico da febre amarella, no anno findo, a imprensa atacou impiedosamente o director da Saúde Publica, responsabilizando-o pela invasão do mal.

O director Clementino Fraga soffreu resignadamente e trabalhou para o exterminio da epidemia.

Recebêra, das mãos do seu antecessor, a cidade dos Mosquitos, nada tinha com a coisa, porém devia ser responsabilizado pela incuria alheia.

Clementino Fraga deu provas da sua excellente direcção, e á frente da Saúde Publica acabou com os mosquitos, acabou com a febre amarella, e a imprensa não lhe dispensa um só elogio.

Entretanto, quantos administradores existem por ahi, cuja gloria sahiu da gaveta de certa imprensa.

Não ha como a gente ser pratico...

VERÃO

O Rio está com o seu movimento sensivelmente diminuido, desde que o Verão se fez annunciar, terrivel, medonho. Os felizardos, que dispõem de bolsa farta, subiram a serra e posam o chic, olhando superiormente para os desgraçados que desceram aqui em baixo.

Os ridiculos trancaram-se em casa, para fazer crêr aos outros que tambem estão veraneando.

Facil maneira de ganhar o reino do céo...

Eu continúo a perambular pelas ruas desertas do mundo elegante, infeliz, com medo de morrer torrado, só porque não pertenço a uma casta de gente catalogada por um espirituoso escriptor portuguez.

Disse elle, algures: — Meia Lisboa foi-se embora e a que não foi ou vae ou tenciona ir. Porque ir em pensamentos é quasi o mesmo que ir em realidade. Razão por que ha tanta gente contente em theoria...

Ah! não poder eu fugir do Rio, com este calor, mesmo por hypothese...

SER BELLA...

O scintillante espirito de Medeiros e Albuquerque, num dos seus commentarios diarios, tratou da cirurgia esthetica, tão de uso nos Estados Unidos.

Luxo? Ao contrario do que á primeira vista póde parecer, não se trata da satisfação de uma vaidade feminina, mas, de um recurso a que é forçado grande numero de raparigas, para conservar modestos empregos.

Ha empregos de vendedoras que só são dados a moças, e desde que as suas occupantes envelhecem, são postas na rua.

Não attrahem mais a freguezia...

Quando se lê estas coisas, só acóde á nossa cabeça um raciocinio.

Gente pratica, o norte americano.

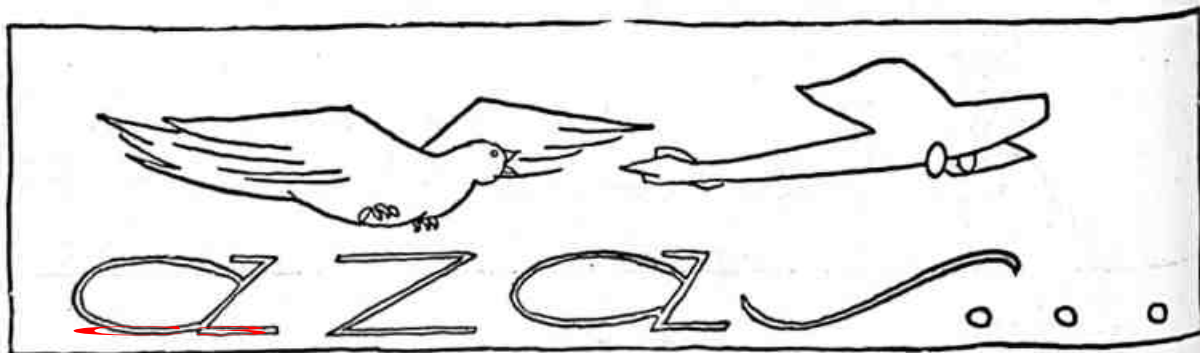
Para vender, é preciso ser bella.

O freguez paga e não discute, deante de um sorriso de mulher bonita, ao passo que a feia, afugenta...

Por isso, quando apparecem as primeiras rugas, só ha um dilemma: ou a cadeira do cirurgião para a esthetica do rosto, ou a perda do emprego.

Sensacional, para os habitantes do Rio, onde a especialidade está justamente em só existirem vendedoras feias, com excepções, é claro...

De onde se conclue que nos Estados Unidos, ser bella, para a mulher, não é apenas uma condição, mas uma necessidade.

MARION

CORAÇÃO ENCADEADO, ESPIRITO LIVRE...

Não sei bem quem escreveu que, quando se traz encadeado o coração, se dá maior liberdade ao espirito...

E eu puz, um dia, a ferros meu pobre coração, para dar azas ao meu espirito. Mas, o meu espirito, inquieto e afflicto, ficou tambem onde estava o coração, ambos cheios de ti, a clamar por ti, porque um e outro viviam de ti, da chamma sagrada do amor com que floriste o primeiro para perfumar o segundo.

E tu vieste, meu amor, e libertaste meu pobre coração afflicto, e déste paz ao meu espirito inquieto que, pela escada illuminada da noite de teus olhos, cheios de mysterio e de infinito, voou, voou, num remigio louco, de azas em festa, que buscassem o céo...

E o meu céo és tu — alegria de meus olhos e doce, suave luz de minha alma...

*

MOMO...

Mómo está ás portas da cidade maravilhosa, que elle elegeu para séde da sua côrte. Clarins e fanfarras estridulas annunciam a approximação do deus bohemio e folião, e os guizos da loucura carnavalesca começam a soar e a encher de sobresalto e de inquietação o coração das Colombinas e dos Pierrots cariocas.

Arlequim... Arlequim tambem não faltará para animar a folia com a desenvoltura de seus gestos de truão e seu riso cantante, a guizarerar a alegria, a maracajar, a jazzbandear o bal masqué da vida.

Carnaval... divina maluquice da folia da alegria esfusiante, do riso alacre e bom, que importam a tristeza e o arrependimento de Pierrot sempre que cessa o delirio do dominio do teu reinado de 3 dias!

*

MINHA BONECA

Ao ver-te agitar-te em derredor de mim, no pleno deslumbramento da tua loira e magnifica belleza de boneca humana, vem-me á mente uma phrase de Nitzsche: "a madureza do homem consiste em encontrar a seriedade com que, quando menino, se entregara a seus brinquedos."

E tu és o meu brinquedo, minha linda boneca loira, de olhos da côr do céo. Alinhado, na minha gravidade de homem maduro, vejo-te gyrar, dançar, voltar, como um passarinho tonto, ao redor de mim, como se fosses uma marionettesinha com que eu, para meu grande prazer, me puzesse a brincar.

Apesar, porem, da minha apparente gravidade, tu bem sabes que o fantoche dessa scena a dois é o homem maduro e austero de quem és a linda bonequinha de cabellos côr de oiro e olhos da côr do céo...

ICARO.

«FON-FON» EM FRIBURGO

Sra. Dyla Barreto de Moraes, elemento da sociedade friburguense, em companhia de seus filhinhos Claudio e Roberto, no parque da praça 15 de Novembro, naquella cidade.

A balada do pavão

Da tepidez de minha sala,
sob o zircornio do «abat-jour»,
vêjo-o, no sonho em que se embala,
como a um relêvo de Lacour...
Bello e taful, roupão de gala,
a pluma de ouro a transluzir,
será no lance de Kabala,
algum distante Grão-Vizir ?!

Na illuminura, que trescala
a «fleur de reine» ou «fleur d'Amour»,
de um léque azul fulgindo á pala,
dá-se um meneio á Pompadour...
Não canta nunca, mas me fala
á suggestão de seduzir:
— Veio da Sonia ou Kapourtala
esse remoto Grão-Vizir ?!

Falcão sem dama, a enamoral-a
na sua antiga Royal-Court,
sonha, talvez, poder cantal-a
como o fizera o Rei Arthur...
Scismando á lua — immensa opala —
que elle rebusca em seu nadir,
será, no anseio de alcançal-a,
algum romantico Vizir?!

SOLILOQUIO:

Silhueta assim, tendo a irisal-a
todas as perolas de Ophir...
— Será, no sonho em que se embala,
a alma encantada de um Vizir?!

Sobreira Filho

Sorrindo...

— Eu acho graça nos que falam mal de sua sogra. Porque eu, com a minha, vivo na mais perfeita harmonia.

— E ella móra com você?

— Não. Móra no Uruguay...

•

— Acha você que o automovel significa a morte do cavallo?

— Não, desde que o cavallo seja retirado do caminho antes que o automovel o apanhe...

•

— A vida está pela hora da morte! Tudo está carissimo! E' um horror!

— Tudo, não. Ainda hontem, eu li num vespertino que, na noite anterior, deram seis punhaladas em um pobre homem por quatro centos réis...

•

— Que tal o banquete de hontem á noite?

— Muito silencioso. Não houve sôpa nem oradores.

•

— Por que a senhora deixou de tocar ao piano?

— Meu medico mo prohibiu.

— Ah! Não sabia que elle fosse seu vizinho...

•

— Pois é como te digo — exclamou o poeta: — á noite, quando não consigo conciliar o somno, é que a inspiração desce sobre mim, e eu escrevo meus poemas...

— E por que não tomas um remedio que te faça dormir? — aconselhou o amigo.

•

— Não ouviste o temporal de hontem á noite?

— Não. Estava conversando com minha mulher.

Em uma reunião.

— Não é bonito, querida, falar mal dos nossos inimigos.

— Como? Mas si ella é minha melhor amiga!

•

— Não comprehendo — disse o marido — por que não puzeram neste jornal a data de nosso casamento.

— E por que haviam de pôl-a? — indagou a esposa.

— Ora, porque dão sempre a data de todas as grandes catastrophes...

•

— Ernesto é um teimosão de marca. Não ouve meus conselhos. Só attende aos idiotas.

— Queres que eu lhe fale?

•

Entre commerciantes.

— Outr'ora, não podiamos casar-nos porque tudo era muito caro.

— E agora tambem, porque temos que vender barato.

Entre duas amigas.

— Hontem, sonhei que era a mulher mais bonita do mundo.

— E' uma estupidez acreditar nos sonhos!

•

— Lá em casa, somos dez irmãos, e cada um de nós tem uma irmã.

— Então vocês são vinte filhos?

— Não, senhora: somos onze.

•

— Quando eu vou a uma batalha de confetti, levo sempre uma bengala muito grossa.

— Pois eu levo a mais fina que possúo... Porque sempre ma tomam e ma quebram nas costas...

•

Na delegacia.

— Então o senhor confessa que bateu em sua esposa com uma garrafa?

— E' exaggero, seu commissario: foi com meia garrafa.

•

— Desengana-te, Alberto: A gente deve ser energico em todas as discussões. Com minha mulher, sou eu quem diz sempre a ultima palavra.

— Assim?...

— Exactamente. Sempre tenho que lhe dizer: "Tens razão."

•

Ao ser surprehendido pela dona da casa, o ladrão falou assim:

— Nada receie, minha senhora. Não lhe farei o menor mal. Tenho o habito de tratar bem as mulheres bonitas.

— Assim? — respondeu a senhora. — Então, faça-me o favor de telephonar á policia...

FIGURINOS DE CARNAVAL

1 — «Pierrot»; 2 — «Frivolidade»; 3 — «Dançarina bohemia»; 4 — «Boneco»; 5 — «Cabaret»; 6 — «Leque de fitas»; 7 — «Noite arabe»; 8 — «Cavalleiro negro».

AVIAÇÃO

PROJECTO DE LINHAS DE DIRIGIVEIS PARA O BRASIL

1 — Charles Lindbergh e Hugo Eckener encontram-se no Concurso Aereo de de Cleveland e trocam amaveis cumprimentos. — 2 — Da esquerda para a direita: J. C. Hunsaker, P. Litchfield, respectivamente, vice-presidente e presidente da Goodyear Zeppelin Corporation e o dr. Hugo Eckener. 3 — O dr. Eckener falando ao radio, no Concurso Aereo de Cleveland. 4 — O dr. Eckener assiste, interessado, ao desenrolar das provas aviatorias. 5 — O traçado das linhas de navegação commercial aerea, agora em estudos, entre as Americss e a Europa.

A recente viagem do "Graf Zeppelin" á volta do mundo foi o incentivo dos gigantescos planos no sentido de ligar os continentes por linhas de dirigiveis.

As linhas entre a America do Norte e a do Sul, entre a Europa e as duas Americas e o Oriente têm sido estudadas sob todos os pontos de vista technicos e financeiros.

Uma viagem de NovaYork a Buenos-Aires em quatro dias, em contraposição aos vinte dias gastos pelos transatlanticos; de Los Angeles a Honolulu em 18 horas, em vez de quatro dias; de Sevilha, na Hespanha, á costa do Brasil em quatro dias, são perspectivas, que, indubitavelmente, estão attrahindo a attenção dos governos, dos technicos da navegação e dos capitalistas.

O facto de estarem as companhias de navegação interessadas no desenvolvimento da aviação prova que ellas não vêem o serviço aereo como rival, mas como supplemento á rapidez do transporte de passageiros ou correspondencia, que, com urgencia, precisam chegar ao destino.

Os projectos da primeira destas linhas de dirigiveis terá, provavelmente, como pontos terminaes a cidade de Friedrichshafen, na Allemanha, berço dos famosos Zeppelins e a cidade de Auron, na America do Norte, que actualmente concretiza formidaveis actividades na industria dos mais-leves-que-o-ar.

A localização central dessas cidades permitte aos passageiros, que demandam pontos longinquos, uma viagem muito mais rapida que por outro meio qualquer.

A cidade allemã, póde-se diser, equidista de todos os pontos da Europa.

Rio de Janeiro e Buenos-Aires na costa da America do Sul, Honolulu, Tokio, Singapura e Manilha, no Pacifico, são as cidades mais frequentemente mencionadas nas discussões das rotas.

Acredita-se que varios planos, antes pouco estudados, sobre as linhas de navegação aerea, foram esclarecidas em Akron, na recente conferencia entre o dr. Eckener e o sr. Paulo Litchfield, presidente da Goodyear Zeppelin Corporation logo após o grande vôo do "Graf Zeppelin."

O dr. Eckener lembrou que seria util que as companhias allemãs e americanas formassem uma união para o maior desenvolvimento dos vôos sobre os oceanos Pacifico e Atlantico, até que seja possivel uma consolidação propria de cada grupo e que a corporação mais completa tenha assentado bases solidas para poder trabalhar isoladamente.

Tal importancia emprestou o dr. Eckener á collaboração americana, que, depois da volta a Lakehurst, terminando seu memoravel vôo mundial, entregou a direcção do Graf Zeppelin ao Capt. E. A. Lehmann, seu immediato, afim de que o reconduzisse á Europa, emquanto ficava em Akron, por espaço de tres dias, em conferencias com o sr. Litchfield e outros directores da Goodyear Zeppelin Corporation.

A Goodyear Zeppelin Corporation occupa, na America, um logar comparavel ao da Companhia Allemã de Zeppelins, na Allemanha. O interesse da Goodyear nos apparelhos mais-leve-que-o-ar data de 1912, quando o sr. Litchfield, então vice-presidente da Companhia Goodyear, organizou um departamento de aeronautica e installou os machinismos necessarios á construcção de dirigiveis e balões.

A Goodyear, dessa data para cá, já construiu mais de cem dirigiveis e mais de mil balões, incluindo balões de experiencia e outros typos, usados durante a guerra para observações e direcção de artilheria pesada. Depois de adquirir os direitos da Zeppelin para o continente americano, foi firmado o contracto da construcção de dois immensos dirigiveis para a Marinha dos Estados Unidos, tendo cada um delles 6.500.000 pés cubicos de capacidade, isto é, quasi duas vezes o tamanho do "Graf Zeppelin". Foi ha pouco inaugurado em Akron o hangar para esses gigantescos dirigiveis.

E' uma importante obra de engenharia, que, por si só, diz do esforço empregado para o desenvolvimento da Aeronautica.

O dr. Karl Arnstein ex-chefe dos engenheiros da Comp. Allemã de Zeppelins e, elle proprio, constructor de 68 dirigiveis de typo rigido, alliou-se á Goodyear Zeppelin Corporation em 1924 e, actualmente, occupa os cargos de vice-presidente e chefe dos engenheiros da mesma.

Goodyear possue a unica frota commercial de dirigiveis do mundo, composta de seis, de typo não rigido, um delles estacionado em Los Angeles e os outros operando na parte leste dos Estados Unidos.

No maior de todos, o "Defender" de 180.000 pés cubicos, foi que o dr. Eckener voou de Cleveland a Akron, depois de assistir ao Concurso Aereo, logo em seguida á sua memoravel viagem de circumnavegação. O cel. Charles Lindbergh, que tambem tomou parte nas actividades do Concurso Aereo, veio, em meio da multidão, cumprimentar o dr. Eckener a bordo do "Defender" e desejar-lhe as maiores felicidades na realização dos seus planos.

Um grupo de veranistas em Palmyra, onde a gente tem saudade do Rio, mas nem se lembra do calor...

Excursionistas do Rio Moto Club em Therezopolis, durante o ultimo passeio promovido por aquella sociedade.

No Paraná, á margem do rio Nhundiaquara, as senhoritas Marina e Maria de Albuquerque Maranhão, elementos de destaque da sociedade curitybana, na excursão que, recentemente, fizeram á cidade de Morretes, offerecem um sorriso á objectiva... ou ao photographo?

Lima Barreto, o escriptor tão querido e saudoso, vae ter a sua herma inaugurada na ilha do Governador. Um grupo de amigos e admiradores do autor de «Memórias do escrivão Izaias Caminha» está promovendo essa homenagem merecida á memoria daquella grande vulto das nossas letras. A photographia acima representa a herma em questão, que é trabalho do esculptor Francisco de Andrade.

"CLAIR DE LUNE"

De Lys D'orléans.

Meu futuro! Oh! Como será radioso e lindo o meu futuro! Minha santa mãe formou-me o caracter forte e bom e deu-me exemplos sãos! "Jeune-fille" intelligente e linda, mimo da melhor sociedade, ella tornou-se, exclusivamente, a esposa e mãe por excellencia. Viveu para o lar. Soube comprehender a sua missão de mulher. Meu pae ajudou-a nessa missão na demonstração do seu caracter nobre, do seu trabalho insano! Completaram a sua obra na terra, formando um lar todo amôr. Por tudo isso, sinto e vejo como será grandiosa e perfumada a pagina de movimento e côr que se abrirá no livro do meu destino de amanhã. Amarei ternamente e serei amada nobremente. Serei noiva, a noiva mais feliz ao braço de meu noivo talentoso e bom. Depois, me casarei. Um dia, um pequenininho lindo virá ao mundo, como a mais sublime alliança entre duas almas. E no meu lar ouvir-se-á a orchestração sublime de um balbuciar infantil.

Como será lindo o meu futuro! E se, alguma noite, um viajante exhausto passar pelo caminho enluarado que ao meu lar vae ter, intrigado, dirá: — "Mas eu já vi um quadro assim!... Ah! é o "Clair de lune", de Van der Meer... Era assim mesmo... uma estrada florida... uma casita branca... a lua... e lá dentro, quem sabe, a felicidade!..."

Das canções de Bilitis

I

Conservarei o leito tal qual ella o deixou, assim, desta maneira, de lençóes amarfanhados, para que a fórma do seu corpo se conserve ao lado do meu corpo.

Até amanhã evitarei o banho, abandonarei as roupas e não pentearei os cabellos com medo de apagar suas caricias.

Hoje não me alimentarei, não tocarei nos labios para não espantar seu beijo.

Deixarei as janellas fechadas e não abrirei a porta, com receio de que o vento leve a lembrança conservada.

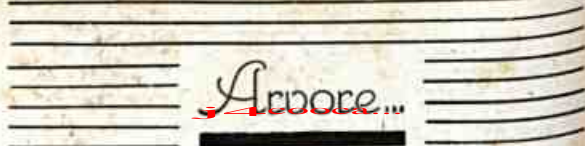
II

O primeiro me deu um collar, um collar de perolas que vale uma cidade com seus palacios e templos, thesouros e escravos.

O segundo fez versos para mim. Dizia que meus cabellos são pretos assim como os da noite e meus olhos azues como nesga azul do céu.

O terceiro era tão bello que a propria mãe, ao abraçal-o, estremecia. Suas mãos acariciaram meus joelhos e seus labios tocaram nos meus pés.

Tu, tu não me disseste nada. Nada me deste, pois és pobre. E não és bello, mas é a ti que eu amo.

Horacio Mendes

Arvore...

Abro os olhos em torno — é a luz — e eu penso nella.
Fecho os olhos — é a treva — e eu me lembro de mim...

— Para que foi, Amor, que, uma tarde amarella,
fieste para mim!

Ao vento e ao sol as folhas embalando,
canta uma arvore verde na paizagem...
Eu sou como aquella arvore, cantando...
Ha, nos sonhos de amor que ando sonhando,
toda a alegria verde da folhagem...

Mas nas tardes risonhas, de aquarella,
— (se ella soubesse do que eu tenho n'alma!)
esta arvore que eu sou, ao sol, se espalma,
e os meus versos são flores para ella!...

Americo de Oliveira

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

SOMBRAS DE HEROES

DA PARAMOUNT

Cinema CAPITOLIO — Um filme de meninos e para meninos. Tres *gurys* muito interessantes, em *poses* masculas, vivendo com toda a psychologia de almas formadas. Não é interessante o espectaculo? E'. Até tem momentos em que intensamente nos commove. Mas o filme impõe-se tão sómente como uma excellente propaganda de tendencias miiltaristas, uma negação flagrante dos intuitos do mundo moderno. A America do Norte faz muito mal, em lançar propagandas d'esta natureza nos outros paizes, e a censura devia, para ser menos futil, lançar os seus cuidados sobre esta materia. O filme, como obra de arte, é soffrivel. A parte technica impõese a outra qualquer qualidade.

Cotação — SOFFRIVEL

SOBERANA DO AMOR

DA UFA

Cinema RIALTO — Poderá ser uma preoccupação doentia; poderá ser mesmo um defeito de observação mas o caso é que quando, nos *studios* germanicos se realiza uma producção á maneira americana, com a sua montanha de futilidades, de *trucs* ingenuos, de intuito meramente comicos, d'uma comicidade irritante, logo ficamos de pé atraz, dizendo para nós mesmos: "alli vem asneira". E' raro falhar. Este filme vae n'essas aguas e não nos agradou, tão habituados estamos a vêr nas producções germanicas um pouco mais de talento e arte. Nos filmes da Uma o publico exige (n'essa orientação os procura) mais demonstrações de talento. N'esta pellicula só encontramos verdadeiramente grandes as lindas pernas de Maria Paudlen.

Cotação — SOFFRIVEL

BOM NA PARTE

DA UNIVERSAL

Cinema PATHE' — Filme da Universal. Reginard Dewy. E' o bastante para o publico saber o que vae vêr, isto é, que vae rir a bom rir. Por vezes tem havido desenganos. E' natural. Um artista a reproduzir-se, de quando em vez falha. Este filme de Reginard nem é o peor, nem o melhor que o grande artista tenha produzido. E' bastante banal, mas não aborrece, porque a parte technica merece elogios e torna o espectaculo agradavel, sem despertar enthusiasmos. O enredo é original. A interpretação soffrivel na generalidade. A technica, como acima apontamos, excellente.

Cotação — SOFFRIVEL

A CASA DO CRIME

DA PARAMOUNT

Cinema CAPITOLIO — Estes filmes de *detetives* já tiveram a sua aurea. Havia quem se deliciasse com estes mysterios em que o fio da meada era bem urdido, escondendo-se o mais possivel a solução final do complicado problema. Foi o tempo heroico de Sherlock Holmes. Hoje raro nos apparecem d'esses filmes *scientificos*, que foram relegados, nos seus enredos rocambolescos, para os romances em fasciculos. Adaptado d'um popular romance de Van Dine, esta pellicula da Paramount é, no genero, um trabalho bem feito. William Powell, que a fama não atirou nunca para um primeiro plano, é, no entanto, um artista profundamente conhecedor da sua arte, creando a figura de dectetive com bastante sobriedade e detalhe. Dos elementos femininos conquistou melhor agrado Jean Arthur. Excellente a technica do filme, que é elemento essencial n'esta especie de trabalho.

Cotação — BOM

COMO CUIDAM DE SUA CUTIS AS "ESTRELLAS" DO CINEMA

Toda artista de cinema é vivaz. Ella sabe que em seu rosto está a sua fortuna. E isto é assim para todas as mulheres, actrizes ou não, pois, em egualdade de condições, tem mais probabilidades de obter ou conservar um emprego aquella que offerece um aspecto mais attrahente. Não ha chefe que não comprehenda que os seus escriptorios resultam de melhor apparencia se a secretária é uma joven attrahente e sympathica. E, para que uma mulher resulte assim, não ha mister de outra cousa para ella que inspirar-se no exemplo que lhe brindam as grandes actrizes da tela applicando em sua cutis, todas as noites, antes de deitar-se, CERA MERCOLIZED, substancia que é encontrada em qualquer pharmacia e que faz com que a tez envelhecida vá sendo gradualmente substituida pela cutis nova e encantadora que toda a mulher possue logo abaixo da velha e gasta cuticula exterior. Seguindo este processo, toda a mulher rejuvenesce em poucos dias.

OS ROMANCES DE FON-FON

Constituem um bom passatempo, pelo muito que tem sua leitura de agradavel e instructiva. Seus enredos habilmente desenvolvidos pelo espirito creador do grande Michel Zévaco, que admiravelmente liga á parte historica, aventuras de amor, e odios implacaveis, prendem a attenção do leitor proporcionando-lhe horas de prazer. Essas obras interessantissimas, cuja collecção constitue um verdadeiro thesouro literario, são traduzidas e editadas pela empresa "FON-FON" e "SELECTA", em fasciculos semanaes illustrados, pelo preço de 400 réis na Capital e 500 réis no interior. Na administração dessa Empresa encontram-se ainda algumas collecções de romances já publicados, que podem ser enviadas a quem as pedir:

PREÇOS DAS COLLECÇÕES:

DON JUAN — 7 fasc. .... 3$500
REI AMOROSO — 9 fasc. .... 4$500
A GRANDE AVENTURA — 8 fasc. .... 4$000
A DAMA DE BRANCO E A DAMA DE PRETO — 7 fasc. .... 3$500
A MARQUEZA DE POMPADOUR 6 fasc. .... 3$000
O RIVAL DO REI — 7 fasc. .... 3$500
O CONDE REI — 6 fasc. .... 3$000
FLORINDA A BELLA — 5 fasc. .... 2$500
A RAINHA ISABEL — 8 fasc. .... 4$000
PASSAVANT — 9 fasc. .... 4$500
RAINHA DO ARGOT — 13 fasc. .... 6$500
FLORES DE PARIS — 20 fasc. .... 10$000
MARIA ROSA — 8 fasc. .... 4$000
O CASTELLO DE SAINT POL — 9 fasc. .... 4$500

BORGIA — 11 fasc. .... 5$500
TRIBOULET — 8 fasc. .... 4$000
PATEO DOS MILAGRES — 10 fasc. .... 5$000
OS PARDAILLAN — 12 fasc. .... 6$000
EPOPÉA D'AMOR — 9 fasc. .... 4$500
FAUSTA — 10 fasc. .... 5$000
FAUSTA VENCIDA — 9 fasc. .... 4$500
PARDAILLAN E FAUSTA — 8 f. .... 4$500
AMORES DE NANICO — 8 fasc. .... 4$000
O FILHO DE PARDAILLAN — 16 fasc. .... 8$000
CAPITAN — 14 fasc. .... 7$000
BURIDAN — 19 fasc. .... 9$500
PONTE DOS SUSPIROS — 8 fasc. .... 4$000
AMANTES DE VENEZA — 7 fasc. .... 3$500

De outras obras como A HEROINA e JOÃO SEM MEDO, só existem em stock fasciculos diversos.

PREÇO DE CADA FASCICULO

VENDA avulsa no Rio $400
Nos Estados $500

NUMEROS ATRAZADOS

Venda no Rio $500

Pelo correio, mais 100 réis em cada fasciculo

ESCREVA Á EMPRESA

"FON-FON" E "SELECTA" S. A.

Rua Republica do Perú 62

RIO DE JANEIRO

O que nem todos sabem

Informa o "Daily Mail" que a viuva de Lenine, sra. Krupskaia, actual directora do Departamento de Educação Publica da Russia, determinou que se destruissem, nas bibliothecas da União Sovietica, todos os exemplares de obras philosophicas e religiosas que nellas se encontrassem.

No officio enviado áquellas bibliothecas, communicando a estranha resolução, foram especialmente mencionados, como os mais perigosos, a Biblia, o Alcorão, o Talmud e os trabalhos de Platão, de Schopenhauer, de Kant, de Nietzsche e de Spencer...

• • •

As bayonetas devem seu nome á cidade onde foram feitas pela primeira vez, no anno de 1660: — Bayonna, na França.

• • •

O Polo Norte já possue o seu jornal, — "A Leitura", — que se publica em Godthrat, no extremo norte da Groenlandia.

E' seu director e unico redactor um esquimó — Lars Moeller, que compõe, imprime e distribue, em um trenó a vela, aos assignantes espalhados por uma vasta região de gelos eternos a sua folha, que, a principio, era mensal e hoje, em plena prosperidade, circula quinzenalmente.

Lars Moeller, que tomou parte na expedição polar chefiada por Nordenskjold, divulga aos seus patricios, vivendo nos confins do mundo, ensinamentos preciosos, dando-lhes, tambem, conselhos sobre moral, hygiene, trabalhos domesticos, fazendo, assim, do seu jornal, um verdadeiro professor ambulante.

• • •

O figado augmenta de volume nos paizes quentes — constatou a sciencia. Tal phenomeno é devido ao facto de, nos climas cálidos, crescer a secreção biliar, exigida pelo organismo para diminuir seu calor, desembaraçando-se de graxas.

• • •

Os carteiros de Kovno, na Lithuania, que solicitaram, ha muitos mezes, augmento de vencimentos e viram indeferida a sua petição, — não podendo declarar-se em parede, terminantemente prohibida pelo governo do seu paiz — resolveram manifestar, de uma maneira original, o seu descontentamento: decidiram não barbear-se mais e entregam diariamente a correspondencia com umas esqualidas barbas de eremita, que causarão, com certeza, má impressão.

Pensam esses funccionarios postaes que o governo lithuano cederá, em nome da esthetica, augmentando-lhes o ordenado. E, se, com as barbas crescidas, não conseguirem, recorrerão a medidas mais violentas: não se utilizarão mais de sabão...

• • •

Em Marrocos, nunca se alliade ás mulheres. E' uma grave falta de etiqueta perguntar a um mouro por sua ou... suas esposas.

• • •

Em Costa Rica foi, recentemente, fundada, por iniciativa do governo, a Associação de Cafézistas, que se destina a pôr em pratica varias medidas para amparar o café, como a reducção do custo de producção e o barateamento dos transportes em geral.

O juizo de Salomão

— Pois é isto, chegou a esquadra! — disse sentenciosamente Roberto Labatut, que, enquanto esperava a hora da sahida, fingava, de guarda-chuva na mão, andando pelo escriptorio.

Ouvia-se, realmente, a chuva bater contra os vidros da unica janella e a pequena sala, onde trabalhavam tres empregados da companhia de seguros *A Proveitosa, ficou inteiramente escura.* Bertha Fleury levantou-se para dar o commutador electrico e collocando o nariz á janella, murmurou:

— Chi! Não trouxe meu guarda-chuva!

Ao que o tal Roberto, que se tinha em conta de amavel, se apressou em responder:

— Senhorita, si me permitte, será um prazer para mim leval-a sob a minha ama... Perdão! Sob o meu guarda-chuva, quero dizer!

Mas a rapariga viu n'aquelle momento, encostado ao cabide, atraz da porta, um guarda-chuva que ella via sempre alli, desde que trabalhava n'aquelle escriptorio, isto é, ha um mez. E como, apparentemente a aza de Roberto Labatut um loiro alto deszingonçado, não a tentava, ella resolveu logo, apontando o objecto em questão:

— Levo essa barraca, que não pertence a ninguem. Não tem a elegancia do "tom-pouce"; mas me abrigará melhor, talvez.

— Isto? E' a barraca de Chabert, — respondeu o copista, envergonhado com o pouco caso que fizeram do seu offerecimento. Elle não fez presente d'ella á communidade, que eu saiba?

— Chabert! Não conheço.

— Ella sahiu, quando o senhora entrou, — explicou Delcoeur, o terceiro empregado, rubicundo e bochechudo, empurrando o canhoto que estava escripturando. Ahi está um que tem sórte. Arranjou-se.

— Disse elle. Resta saber si é verdade!

— Si é verdade? Um rapaz bonito como elle, instruido, pertencendo a bôa familia nada de espantoso, que tenha encontrado collocação melhor que um simples emprego n'*A Proveitosa*.

— Mas és muito ingenuo! Ah, enguliste a pilula! Conheces a familia Chabert? E sua instrucção? Não, fazes-me rir! Porque arrota phrases empoladas, porque nos olha de cima, porque ronca como nenhum, que prova isso? Que elle é de Marselha e não de Paris, como elle diz...

O gorducho do Delcour era de genio brando. Sem responder, puxou o relogio:

— 25, — disse elle empurrando a cadeira; — são horas de arrumar a bagagem.

Foi o toque de sahida.

Alguns minutos depois, toda rosea e loira, de olhos risonhos, Bertha Fleury, com passo ligeiro, subia a rua Rivoli. Passaro fugido da gaiola, respirava com prazer o ar humido e mal cheiroso da capital. Ella sorria para a vida que se agitava em torno de si, aos transeuntes, ao máo tempo que afrontava debaixo do vasto guarda-chuva do ex-empregado Chabert.

Quinze dias esgotaram-se n'aquella monotonia habitual, quando, uma manhã, Roberto Labatut entrou como uma bomba no escriptorio onde estavam já installados seus dois collegas.

— Uma novidade! — exclamou, com ar triumphante.

De repente, o roçar das pennas no papel parou e não se ouviu mais, durante alguns minutos, senão o constante fustigar da chuva nos vidros.

— Então, que ha? — perguntou Bertha Fleury. Tirou a sórte-grande? Vae casar-se? Você...

O jovem Labatut sacudiu os hombros e lançou um olhar desprezivo á garota que não tomava nunca nada a serio.

Depois, solemnemente, annunciou: — Chabert voltou!

Diverburros...

ENTRE alguns episodios contados pelo illustre Alfredo Pujol acêrca do civilista, philosopho, jornalista e satirador Lafayette Rodrigues Pereira, destacamos aquelle do final do discurso não concluido sem uma farpazinha picante.

O senador, que invocára, dias antes, contra o ministro da Justiça, a maxima erradamente attribuida a Machiavello, teve de ouvir em silencio a seguinte observação:

— Esta maxima não é de Machiavello. Machiavello era homem de bôas letras classicas, e, pois, não exprimiria o seu pensamento em um latim tão barbaro e incorrecto.

Mais estes dois com Martinho Campos. Este invectivava o ministerio vehementemente, quando lhe apara o golpe o grande Lafayette:

— Pelo que me diz respeito, vendo o nobre deputado no commando desta campanha, eu me tranquil-

Labatut estava radiante de confundir o ingenuo Delcour e orgulhava-se da certeza do julgamento de que tinha dado prova, duas semanas antes, quando commentavam, cada um a seu modo, a sahida do camarada. Mas Delcour não parecia menos surprezo.

— Ah, elle voltou, o bravo Chabert? Para que serviço elle... Aposto que o patrão...

Quanto á joven, enfiou immediatamente a cabeça nas fichas, sem fazer a menor reflexão.

Aquella tarde, como sempre, Bertha Fleury, deixando sahir os collegas, acabava de se retocar ligeiramente e, feliz de se ir embora, dirigia-se alegremente para a porta, quando esta se abriu e um moço alto, magro, elegante, muito bem posto, irrompeu pela sala. Estacou, ao se lhe deparar a joven, e immediatamente, saudando-a com cortezia, disse:

— Perdão, senhorita, não sabia que... minha antiga mesa estava occupada por...

Um rapido olhar ao rostinho roseo debaixo d'um chapéo de feltro, á fina silhueta de que um costume tailleur muito simples desenhava a graça juvenil, completou a phrase, e tão claramente, que Bertha não poude esconder um sorriso ao comprimento inexpresso.

E Chabert deu-se pressa em explicar o motivo da sua presença alli no escriptorio.

— Vinha buscar meu guarda-chuva, um guarda-chuva que esqueci de levar quando fui embora. Estava encostado a esse cabide... Mas, já não está, — acrescentou este, ao ver o lugar vazio. Com certeza, foi o velho Labatut que... Ora! Ora!...

Chabert acabava de vêr, pendurado ao braço da rapariga, um guarda-chuva cujo cabo muito grosso nada tinha de feminino e se parecia como irmão com o que constituia o objecto de suas pesquizas.

Ora, ora, ora! — repetiu elle, mentalmente.

Hesitou alguns segundos entre o receio de ser desagradavel á moça e o de se ter enganado. E' preciso confessar, em seu abono, que elle vestia um facto que havia de que se orgulhar.

Resolveu, então aproximar-se da moça.

— Perdão, senhorita! — disse elle, — Este

guarda-chuva... parece-me que o estou reconhecendo...

— Este guarda-chuva, meu senhor, mas... ha quinze dias que me sirvo d'elle...

— Fez muito bem, senhorita. Isso não impede que seja o meu guarda-chuva e que esta tarde...

Bertha lançou um olhar desolado pela janella. Aquella tarde, realmente, chovia cada vez mais.

— Senhor — disse ella — confesso tudo o que quizer. Mas a sua barraca, como diz o senhor, eu a julgava inteiramente abandonada, e então...

Abriu o guarda-chuva, e Chabert constatou que a sêda era nova. Deu um suspiro, reflectiu um instante...

— Só vejo uma solução, — disse elle, finalmente. — Façamos como Salomão. Cortemol-o em dois. A senhora fica com a sêda... e eu com a armação!

— Nunca! — gritou a rapariga. Prefiro renunciar a meus direitos. Tome, senhor! Leve seu guarda-chuva.

— N'este caso, eu renuncio tambem. Tome, senhorita, leve-o!

Houve um silencio que terminou em valente gargalhada.

— Escute, senhorita, disse o rapaz, ha um meio... vamos juntos debaixo do mesmo...

— Guarda-chuva?

Partiram, de facto, como haviam dito, aquella tarde... e muitas outras ainda, chegando á conclusão que um guarda-chuva para duas cabeças é a coisa mais racional do mundo...

Por Horminio Lyra

—————|||||||||||||—————

lito, porque ha trinta annos sua excellencia commanda batalhas politicas e as tem perdido todas!

De outra feita, com pronunciada dose de impertinencia, perguntava de que meios se servira Lafayette para subir tão depressa aos Conselhos da Corôa.

— Subi montado em dois livrixhos de direito, respondeu-lhe, a gracejar com ar malicioso.

A' vista do que fica narrado, veio-nos á lembrança este episodio menos interessante. Era o conselheiro Lafayette perceptivelmente vesgo, e muito o aborrecia lembrarem-lhe o leve estrabismo.

Certa vez, um senhor, que com elle palestrava e cujas relações não permittiam intimidade alguma, indaga, sem cerimonia:

— Conselheiro, os seus olhos são divergentes?

Como isso não lhe importava, responde Lafayette ao pernostico:

— Não; são diverburros!

ESPIRITO ALHEIO

— Por que quer que lhe pague adeantado? Receia que eu volte sem o cavallo?
— Não. Mas o cavallo poderia voltar sem o senhor.

— Vou ler-lhe meu ultimo drama.
— Si está certo de que é o ultimo, felicito-o... seus amigos...

— De amanhã em deante estudarei cinco horas diarias ao piano.
— Assim? E a que se deve essa applicação?
— E' que mamãe brigou com a vizinha...

ADVINHAÇÃO

— Qual é a semelhança que existe entre um 9 e o pavão real?
— E' que, sem a cauda, nenhum dos dois vale nada.

ECONOMIA

— Queres que te compre umas peças de roupa interior...
— Quero, meu amor. E na casa onde trabalho terás cinco por cento de desconto.
— Que belleza!
— E' mesmo. E, com o desconto me offereceras outra coisa.

AMOR VERTIGINOSO

— Onde foi assignada a acta de independencia de nosso paiz?
— Ao pé do documento.

— Santiago fez declaração a Joannita em seu automovel de corrida.
— E ella o acceitou?
— Sim... E casaram-se á sahida do hospital...

— E' verdade, papae, que o cysne canta antes de morrer?
— Naturalmente. Querias, então, que cantasse depois?

Grande e original sorteio em beneficio da
"CASA DOS ARTISTAS"

(Modelar e única Instituição de protecção da Classe Theatral, fundada no Brasil)

Extracção no dia 12 de Março de 1930

(Devidamente autorisado e fiscalisado pelo Governo Federal, de accordo com o Despacho n. 33069 de 11|8|929, publicado no Diário Official)

Extraordinario sorteio para construcção do seu hospital modelo no Rio de Janeiro e que servirá para recolher tanto os profissionaes de theatro como todas as pessoas pobres que lhes solicitarem soccorro

RELAÇÃO DOS PREMIOS

Prêmio	Valor
1.º Prêmio: — Um bungalow a ser construido em terreno proprio, com salas de visita e de jantar; dois dormitorios; copa; cozinha e banheiro; todos os commodos mobiliados, roupas, louças e guarnições para cama, mesa e cozinha; fogão e aquecedor a gaz, caixa para lavagem de roupa, installações electricas e sanitarias e dispensa completa para um casal calculada pelo prazo de um anno, tudo no valor de	100:000$000
2.º Prêmio: — Um automovel «baratinha» «Chrysler», nova, no valor de	18:000$000
3.º Prêmio: — Um automovel novo, marca a escolher, no valor de....	10:000$000
4.º Prêmio: — Uma «baratinha» ou auto Chevrolet, no valor de......	8:000$000
5.º Prêmio: — Uma «baratinha» Ford, nova, ultimo typo, no valor de....	7:500$000
6.º Prêmio: — Dormitorio e refeitorio completos, em madeira de lei, typos modernos, no valor de.....	5:000$000
7.º Prêmio: — Um optimo piano novo, no valor de........	4:500$000
8.º Prêmio: — Mercadorias a escolher até o valor de........	3:000$000
9.º Prêmio: — Uma elegante Victrola ortophonica da afamada marca «Victor», no valor de.....	2:500$000
10.º Prêmio: — Um riquissimo pendantif para senhora, em platina e com brilhantes, no valor de..	2:000$000
11.º Prêmio: — Mercadorias a escolher até o valor de........	2:000$000
12.º Prêmio: — Um lindissimo relogio de ouro 18 linhas para homem ou um dito pulseira de platina para senhora, no valor de	1:000$000
1.000 Premios: — 1.000 relogios de nickel, finissimos, correspondentes aos 3 ultimos algarismos do primeiro premio, no valor de...	36:500$000

1012 GRANDES PREMIOS NO VALOR DE 200:000$000

BRINDES GRATIS — ou optima commissão a todas as pessoas que quizerem nos auxiliar nesta Cruzada do Bem. Essas bonificações são além dos premios distribuidos pelo Sorteio.

Todo aquelle que adquirir certa quantidade de bilhetes, de accordo com a relação abaixo, para serem distribuidos entre terceiros, receberá gratuitamente e livre de qualquer despeza:

Tres exemplares, sendo um de cada, dos maravilhosos livros: "Espirito Alheio", "Histrião" e "Musa Vermelha", as ultimas novidades em litteratura sã e moderna;

Uma optima caneta-tinteiro com penna de ouro 14 kits., ou um finissimo estojo para barba ou unha, para 20 bilhetes;

Uma duzia de finissimas chicaras de porcellana para cha ou café, ou uma bellissima bolsa para senhora, para 30 bilhetes;

Um excellente relogio de nickel para bolso ou um dito pulseira para senhora, para 40 bilhetes;

Um relogio de nickel da afamada marca "Omega" ou um elegante despertador com repetição ou musica para 50 bilhetes;

Dez discos a escolher, para victrola, ou um finissimo guarda-chuva de seda, para homem ou senhora, para 100 bilhetes;

Uma bellissima "Victrola-Portatil" ou um relogio "Omega" folheado a ouro para homem ou senhora, para 150 bilhetes;

Um rico apparelho de louça estrangeira para jantar ou uma das melhores machinas photographicas portatil com 1/2 duzia de films, para 200 bilhetes;

Uma "Victrola-Ortophonica" portatil, marca "Victor" ou um anel de ouro com brilhantes para senhora, para 300 bilhetes;

Um relogio de ouro 18 kts. garantido ou um anel de ouro com brilhante para homem, artigo fino, para 400 bilhetes;

Tres finissimos apparelhos em combinação, para jantar, chá e café, ou um relogio de ouro garantido da marca "Omega", com a respectiva corrente, ou ainda uma "Victrola-Ortophonica", portatil, da marca "Victor", acompanhada de 20 discos a escolher, para 500 bilhetes;

Um relogio de ouro da inegualavel marca "Pateck-Philipp", 18 linhas, garantido, ou uma machina de escrever completamente nova, para 1.000 bilhetes;

Uma baratinha ou automovel FORD ou CHEVROLET, novo, a ser retirado na agencia local ou remettido desta Capital, para 5.000 bilhetes.

CADA BILHETE CUSTA APENAS 5$000

200:000$000 em ricos premios!.. 1.012 grandes, uteis e valiosos premios!...

O maior e mais original sorteio organisado até hoje!

Todos e quaesquer pedidos ou informações, deverão ser feitos ao Escriptorio Central no Rio de Janeiro Av. Gomes Freire, 114, terreo, séde da Casa dos Artistas, ou na Succursal em S. Paulo, á Rua Libero Badaró n.º 17 — 3.º andar — sala, 25.

PSYCHANALYSE

De Carlo Linati

JORGE e Augusta eram dois apaixonados á antiga. Queriam-se um grande bem. Unidos já havia dois annos, tinham sabido manter a sua paixão num plano bastante elevado de lealdade e de estima reciproca; não se lhes chegara ainda um veneno para envenenar o amor, mas provas sempre de uma comprehensão cada vez mais intensa. Cousa rara, porque é por demais sabido que o amor é um alegre saqueador que, apenas recheada a bota, parte assobiando, e de tudo se esquece.

Jorge contava trinta annos e Augusta vinte e seis. Ricos e bellos ambos, e ambos cultos e finos, residiam numa pequena cidade de provincia do norte.

O amor nas cidades provincianas é um pouco diverso do amor nas metropoles. E' de certo modo mais simples, mais profundo e requintado. A propria vida que se leva nessas cidades, monotona, ingenua, acanhada entre curtos horizontes, contribue para fazer do amor uma cousa material, deleitosa, ou, por outra, apaixonada e ultra aperfeiçoada.

O amor de Jorge e de Augusta era ultra aperfeiçoado.

Eram duas creaturas que gozavam da cultura e da arte, que fruiam subtilmente as alegrias de sua paixão. Tanto que, sabendo o amor ephemero por natureza, esforçavam-se sempre por combater a sua fragilidade e loucura.

E Jorge, que já tivera outros amores e estava cansado de vãs aventuras, repousava agora feliz na ternura profunda e maternal de Augusta, emquanto ella, amando verdadeiramente pela primeira vez, não tinha difficuldade em crêr que era aquelle o unico amor de sua vida.

Ora, em nada no mundo pensavam mais os dois apaixonados do que no fim do seu amor. Só a idéa do lento decrescer do enthusiasmo amoroso, trazia-lhes calafrios.

— Mas se isso tiver de acontecer — disse Augusta ao seu querido um dia em que estavam finamente enlaçados, se esse fim, que os homens e os livros dão como certo e inevitavel vier surprehender hoje ou amanhã o nosso affecto, jura-me, Jorge, jura-me que me revelarás logo o novo sentimento que occupa o teu coração.

Ella chorava. Elle apertou-a de encontro ao peito.

— Mas Augusta, isso nunca succederá, nunca!

— Eu sei, eu sei. Mas se tiver de acontecer, jura-me, Jorge, que me porás ao corrente do novo estado do teu coração.

— Oh, sim, juro-te... Mas tambem tu deves jurar-me.

— Então pensas que eu possa amar a alguem mais do que a ti?... Oh, sim, juro-te!

Feito semelhante juramento, sentiram-se tranquillos os dois. Protegidos, encouraçados por elle, affrontaram mais alliviados o destino do seu amor. Na realidade, as cousas estavam assim: Jorge pensava não trahil-a nunca; mas Augusta, mulher pratica, pensava por sua vez que conhecendo as mais subtis mutações da alma de Jorge, estaria vigilante para impedir que proseguissem. Os males podem ser suffocados quando cortados pela raiz.

* * *

Mas, um dia, Augusta convidou para jantar uma joven violinista de Praga.

Mina Raff era joven, não era bella, porém. Delgada como uma haste, de cabellos abundantes, escuros, um perfil agudo, uma especie de esquilo estouvado.

Tocou maravilhosamente. Acompanhada por um pianista local executou uma cavatina apaixonada e brilhante e trechos de Listz, Debussy e Ravel, dando-lhes um accento tzigano que transportou o auditorio.

Jorge assentado numa poltrona a um canto da sala, fixava a delicada figura da violinista de quem rythmos e melodias pareciam desabotoar, florir, como raios de luz.

Tambem elle se sentia um pouco attrahido pela fascinação mysteriosa della, daquella sua vehemente energia de virtuose. E os sons partidos do instrumento arrebatavam-n'o, traziam-lhe uma estranha vertigem. Mas, de repente, voltando a cabeça, encontrou o olhar de Augusta que estava preparando o chá no salãosinho contiguo. Ella, de lá, fixava-o com um olhar agastado.

Entretanto as audições terminaram e todos se acercaram de Mina Raff fazendo-lhe comprimentos, prestando-lhe homenagens. E Jorge tambem approximou-se com algumas palavras amaveis. Em seguida, todos os convidados de Augusta passaram á saleta contigua para o *buffet*.

Na manhã seguinte, quando, como de costume, Jorge foi ao seu encontro, encontrou-a sombria-triste.

— Que ha? — perguntou-lhe elle.

Ella o agarrou subitamente, furiosa, pelos hombros.

— Tu a desejaste! — exclamou baixo arquejante.

— Quem?

— A Raff, hontem á noite. Confessa que pensaste nella, que a desejaste por um momento.

— Mas Augusta!

— Confessa-o, confessa-o! — insistiu ella com os olhos inflammados.

Elle recuou. Não sabia o que responder. Promettera ser profundamente sincero com ella, havia-lhe jurado, e então, quiz descer até o coração e procurar se por acaso alguma sombra de sentimento poderia ter-se delineado nelle, na tarde anterior, pela moça estrangeira. Sondou a si proprio, examinou-se bem.

Estavam assentados um em frente do outro, ao lado da lareira; ella, tremula, ansiosa; elle, sombrio

NOSTRADAMUS Romance do escriptor francez MICHEL ZEVACO, que sae ás quartas-feiras

curvado, com as mãos apertadas sobre os joelhos.

— Vês? não respondes — disse ella de repente. Não tens coragem de dizer-me a verdade. Tu a desejaste? sim, tu a desejaste! Eis a verdade! — E deixou tombar a cabeça entre as mãos soluçando.

Jorge negou então. Ella, porém, insistiu de novo; disse que tinha sorprehendido o seu olhar pousado sobre Raff emquanto tocava, que lera em seu pensamento naquelle momento, e que o seu pensamento era de profunda, de terna admiração, de affectuoso interesse.

Jorge empallideceu. Como podia ter ella lido de um modo tão claro dentro de seu inconsciente? Assustou-se quasi com semelhante revelação de Augusta... Sim, de facto, pensando bem, uma pequena chamma de desejo houvera nascido nelle diante da moça estrangeira. Tinha-a admirado, tinha pensado por um instante na sua doçura de tzigana. E era a primeira vez, desde que amava Augusta, que lhe succedia experimentar por uma outra mulher aquella especie de sentimento, mixto de admiração e de ternura...

Sim, isto elle não podia negar. Mas como, como Augusta lhe tinha podido ler no intimo assim? Aterrava-o semelhante cousa. E ante o facto, não sabia se mais admirar-se

PSYCHANALYSE

(Conclusão)

da nova faculdade de introspecção quasi magica descoberta em Augusta ou alegrar-se por sentir-se amado com tanta profundidade de intuição, penetrado em seu espirito com uma precisão tão impressionante.

Ella estava agora diante delle como um juiz, com os olhos um pouco apertados. E solicitava-lhe revelar todos os seus pensamentos mais secretos naquelle momento. Jorge titubeou. Sentiu-se de repente acorrentado entre as ferreas perguntas da moça, presa dessa dura e nervosa vontade de mulher que o perseguia inexoravel, que o atacava por todos os lados.

Nada disse, não revelou cousa alguma. Levantou-se. Sentia-se suffocar. E aquella comprehensão, aquella penetração de amor de uma mulher, traziam-lhe vertigens, quasi tolhiam-lhe respiração e liberdade, quasi o tornavam fóra de si.

* * *

Houve uma separação violenta. Pela primeira vez os dois amantes sentiram o gelo insinuar-se em seu amor. Ella morria de ciumes. Era o primeiro abalo, o mais difficil de remediar.

Mas, como sempre, foi o tempo o grande medico.

Encontraram-se depois de quinze dias numa loja de um negociante amigo.

Elle approximou-se; depois, com uma manobra habil, conduziu-a para um canto da referida loja.

— Esqueceste?

Ella voltou para elle o radioso rostinho algum tanto emmagrecido pela insomnia das longas noites de zelos.

— E tu? — perguntou esboçando um sorriso.

Elle sentiu subitamente, nella, a amante terna, apaixonada ainda; o seu amor, o seu amor de sempre. Fôra mesmo alli ao seu encontro...

— Até amanhã, Augusta.

— Até amanhã.

* * *

A primeira experiencia estava feita; e, no dia seguinte, emquanto esperava, propoz-se não mais andar a rebuscar no inconsciente de Jorge. Ninguem sabe que enormes sorpresas pódem advir de taes estudos! A psychanalyse, optimo como remedio curativo, em amor, revelara-se um desastre.

Minha Filha

(Poema de ternura paterna)

FAZ hoje um anno que tu nasceste. Naquelle domingo, cheio de encanto e de luz, lançaste o primeiro vagido que acolhi risonho e apprehensivo.

Gritaste, exigiste o teu lugar indiscutivel sob o céo do Brasil, e ahi estás, fresca como um lyrio, ao lado de tua mãe carinhosa, que te segue nos primeiros contactos com a vida.

Contracções musculares de tua face linda dão-nos, a nós que te velamos, a impressão de que sorris, tranquilla, e que tua alma se extasia deante do espectaculo magnifico que te deslumbra.

Gestos de mãos mal esboçados, olhos que se abrem naquella expressão de espanto de quem olha sem comprehender, nos fazem pensar que tu, minha filha, tens muita pressa de conhecer o ambiente que te envolve, o mundo que é o teu berço.

De vagar, filha minha, de vagar...

Tens, deante de ti, o grande palco da vida. Os scenarios são lindos como has de ver mais tarde, e os actores representam todos os papeis imaginaveis.

Contenta-te, por emquanto, com a paizagem; olha o céo como é lindo, o mar, a flôr e a montanha...

Tu, minha filha, representas, para teus paes que te adoram, um thesouro extraordinario que mereceram de Deus.

O episodio de teu nascimento, accidente banal de todos os dias no mundo inteiro, assumiu a nossos olhos proporções grandiosas.

Sim, Marilia!

E's o pendulo de nossa vida, a chave regularizadora de nossa felicidade.

Ri, minha filha, brinca, arregala os olhos, levanta os braços para a tua mãe; mas não queiras comprehender, nem siquer olhar, a face do mundo que teu pae conhece...

DERMEVAL DE OLIVEIRA.

Pagina triste da minha infancia

Por JOSÉ BENEDICTO CURSINO

CHOVERA o dia todo. Uma chuvinha mansa, que tremeleava as folhas do arvoredo. Chuvinha, impertinente e fria, que punha tristeza immensa n'alma da gente.

Pedi a minha mãe para não ir ao grupo.

— Sim, disse-me ella, aquelle anjo tutelar que Deus me dera, e que eu perderia annos após. A maior perda da minha vida.

Fui ao jardim; colhi uma braçada de flôres, e me dirigi á casa de d. Eugenia.

No centro da sala, jazia, reteso e gelido, o Agenor, o meu bom companheiro de brinquedos innocentes; o meu melhor e inseparavel amiguinho. Estava elle deitado num caixãosinho azul, de mãos postas, como si estivesse pedindo a Deus consolação aos que ficavam ainda neste valle de miserias. De pé, collada ao filho, uma mulher, immovel, em attitude de estatua; era d. Eugenia. Joguei sobre o Agenor as flôres que eu trazia, flôres da minha saudade. D. Eugenia nem o percebeu, tão concentrada estava na sua grande dôr. Hoje, tenho idéa de que aquelle quadro era concepção de um grande artista.

A' tardinha, sahiu o pequeno enterro. Todas as crianças dos arredores, todos os alumnos do grupo formaram cortejo. Cessára um pouco a chuva; o céo, porém, continuava carregado e sombrio. As ruas cobertas de lama; a natureza merencorea; tudo, emfim, infundia grande tristeza n'alma do vivente.

D. Eugenia chorou, chorou muito quando partiu o filho. Choraram todos os irmãozinhos. Dôr suprema da separação.

O prestito entrou na cidade silenciosa. O coveiro abrira a sepultura, e esperava o corpo do meu inolvidavel amiguinho. Aquelle coveiro, homem de aspecto selvagem, lembrou-me os antigos carrascos da côrte. Formou-se, á roda da cova, um circulo compacto de crianças. Desceram, bem no fundo, o caixãozinho azul. Destaparam-no. O Agenor lá estava, pallido, de cêra, hirto; com seus cabellos de ouro, lindos. Cobriram-no de novo. Todos lhe atirámos um punhadinho de terra, como num derradeiro adeus. O homem, de aspecto selvagem, começou a sua tarefa, com pressa, estafanado, porque era tarde. Cruel! Momentos após, estava enterrado o Agenor, o meu inseparavel companheiro de brinquedos innocentes. A' cabeceira da sepultura, puzeram uma cruz.

Quando voltei do cemiterio, já se fazia noite; eram os ultimos instantes de um crepusculo, nublado e humido. Uma nesga de sol muito triste, amarellado e frio, como si fôra sol de outro mundo, banhava, com sua luz funerea, o casario da cidade, e illuminava a torre branca da egreja.

— Que sol triste! disse eu.

— Sol das almas, responderam os que vinham commigo.

Cahiu a noite, negra e medonha. Accenderam-se todas as luzes. Dentro de mim, porém, ficou aquelle sol tão livido, tão frio, tão triste, como luz dos mortos. E é, talvez, por isso que, desde aquella tarde lugubre da minha infancia longinqua, sou indifferente aos encantos orvalhados da manhã; que me aborrecem as pompas luminosas do sol, ao meio-dia; que só me sinto feliz á hora violacea dos limpidos crepusculos. É, talvez, por isso que, de vez em quando, me humedece os olhos timida lagrima, sem que eu lhe conheça a origem. É, talvez, por isso que trago n'alma secreta magoa, como uma sombra.

É, talvez, por isso.

VESTIR
SEMPRE MODERNOS
E AUTHENTICOS
PADRÕES INGLEZES
COM
ARISTOCRATICA
ELEGANCIA

—::—

54

RUA DA CARIOCA

—::—

ALFAIATARIA
GUANABARA

—::—

REPARAR O QUADRO
NA VITRINE
COM O N — 54 —

SELECTA *é sem duvida a melhor revista illustrada cinematographica — Rio e Estados, 1$000*

LEIAM TODAS AS QUARTAS-FEIRAS

VERSOS

"POÊMA DA TRANQUILIDADE"

Com todo o grande azul da sua immensidade,
o céo veiu morar
comnosco em nosso lar.

Vê que tranquillidade
absorvente
existe no ambiente: —

O silencio da noite cáe por sobre nós,
immersos na penumbra azul da luz
que o abat-jour produz!

E como nota sonorosa,
macia e velludosa,
apenas tua vóz...

Dançam no ar as sombras das cortinas
que, tremulas e finas
vão e vêm e vêm e vão,
numa branda e subtil oscillação...

Cérro os meus ólhos, sinto-me em transporte,
além da vida, além da morte...

no reinado do Amôr e da Felicidade,
sob o pálio do azul e da serenidade
que afugenta o receio e desfaz o assombro...

E a tua fronte reclinada no meu hombro,

e a luz do teu olhar e a luz do teu carinho,

como incensário á paz e á maciez do ninho...

PAULO GOULART

O MAR

O' salso mar, és grande, és vasto. Deante
de ti, confesso, que o meu ser palpita.
Se erguesses o teu dorso de gigante,
qual féra, que um agudo arpão agita,

sepultarias, neste mesmo instante,
de quilhas multidão quasi infinita.
O teu rugir é voz tronitoante,
dize da Paz á humanidade afflicta.

E o bramir do tal monstro impetuoso
transformou-se em um canto mavioso,
que proclamava assim esta verdade:

como dizer da Paz ao humano ser,
se o triste egoismo o faz desconhecer
a grande lei da solidariedade!

JACY SEBASTIÃO DO REGO BARROS
(MUCIO SEVILLA)

WORDS... WORDS... WORDS...

Para matar-me, deu-te a natureza
Formoso collo, feiticeiro olhar.
E, dando-te, gentil, tanta belleza,
Fez mais ainda — não me quiz cegar.

Ás vezes, penso, e penso com tristeza,
Que as nossas almas não se vão ligar:
— Pedes castellos, divinal princesa,
E os meus, se os tenho, são castellos no ar.

Mas, nem por isso, esquecerei, senhora,
Todo esse encanto que comtigo mora,
Todo esse orgulho que me traz captivo.

Ouvidos moucos faze a meus clamores,
Porque não saibas que a teus pés eu vivo,
Nem sonhes, nunca, se eu morri de amores.

HORACIO MENDES

USEM
LUGOLINA
E
SALSA CAROBA E MANACÁ
DE HOLLANDA
PREPARADO PELO
Dr. EDUARDO FRANÇA
DIGA COMNOSCO
LU GO LI NA
Dr. Eduardo França
O MELHOR REMEDIO PARA MOLESTIAS DA PELLE, FERIDAS, DARTHROS, ETC. ETC.
LABORATORIO E FABRICA
AVENIDA MEM DE SÁ, 72 A 76 PHONE, CENTRAL 2827
AGENTES
REVENDEDORES
DA
LUGOLINA
E SALSA
ARAUJO FREITAS & C.
R. DOS OURIVES
88 E 90
RIO DE JANEIRO